

ALESSANDRO JOSÉ PADIN FERREIRA

A COMUNICAÇÃO PRESENCIAL DE  
SEM-TETOS NA CIDADE DE SÃO PAULO:  
**A produção e distribuição da Revista Ocas**

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

São Paulo

2007

ALESSANDRO JOSÉ PADIN FERREIRA

A COMUNICAÇÃO PRESENCIAL DE  
SEM-TETOS NA CIDADE DE SÃO PAULO:

**A produção e distribuição da Revista Ocas**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica - Signo e Significação nas Mídias, sob orientação do Prof.Dr. Norval Baitello Júnior

São Paulo

2007

*Agradeço...*

*Ao meu querido professor Norval Baitello Jr e sua presença constante, generosa e estimulante em todas as etapas desta pesquisa*

*Aos vendedores e voluntários da Revista Ocas pelas marcas profundas que deixaram na minha visão de mundo*

*À professora Maria José Pinto Carvalho pela leitura detalhada e revisão gramatical do texto*

*Dedico...*

*Às minhas queridas mãe Tina e vó Carmen  
por acreditarem em mim e pelo que fizeram  
e fazem para que eu mantenha a cabeça em  
pé*

*Ao meu querido pai Toninho (in memoriam)  
por ter sido o melhor ser humano que vi  
passar por esse planeta*

*À minha esposa Adriana pela parceria,  
confiança, amor e cumplicidade. Cada  
página aqui tem um pouco do seu suor.*

*E ao meu querido filho Pedro, para quem  
espero que este humilde estudo seja um  
eterno exemplo de generosidade e  
perseverança*

## RESUMO

Esta pesquisa investiga a comunicação presencial dos moradores de rua na cidade de São Paulo em lugares de encontro e passagem, como saídas de centros culturais, teatros, cinemas, livrarias e faculdades. O estudo se baseia nas experiências daqueles que participam da produção e venda da Revista Ocas, exemplo brasileiro de *street paper*, movimento mundial de publicações de rua que são comercializadas exclusivamente por sem-tetos. As hipóteses da pesquisa estão no reconhecimento do vínculo comunicativo como catalisador dos processos de resgate da autonomia e o uso dos espaços públicos, ambientes onde os sem tetos estabelecem suas estratégias de sobrevivência, como meio de se romper o estado de incomunicação ao qual são relegados nos albergues e outros instrumentos de proteção social. O estudo parte do resgate histórico de aspectos da formação da identidade do paulistano que ajudam a entender a relação que a cidade tem com os moradores de rua; e de que forma essas raízes proporcionam uma compreensão de como os vínculos possibilitados pela comunicação presencial ficam à margem dos processos de resgate da autonomia desses sem-tetos. Essa relação acaba sendo marcada por comunicações indesejáveis e isolamento comunicacional, negando a heterogeneidade da formação desse contingente de população de rua. Aqueles que não apresentam problemas com o consumo de drogas ou distúrbios mentais e estão aptos a se comunicar acabam imersos no tratamento homogeneizado da questão. Para reverter esse quadro, o estudo comprova que, por meio do contato com os processos de produção e venda da Revista Ocas que envolvem pessoas em situação de rua, o exercício da comunicação é transformador; e que é possível estabelecer novos vínculos nos espaços públicos. Para que os resultados da pesquisa fossem atingidos foi importante, além do acompanhamento das atividades dos participantes do projeto da Revista Ocas, o contato com obras sobre Teoria da Mídia, de Harry Pross, da Ecologia da Comunicação, proposta por Vicente Romano, e da Teoria da Imagem, que oferecem importantes ferramentas de análise. Foram também vitais para desenvolvimento da pesquisa os conceitos desenvolvidos por Dietmar Kamper, Boris Cyrulnik, Konrad Lorenz, Edgar Morin, Luiz Carlos Restrepo, James Hillman, Henry-Pierre Jeudy, Norval Baitello Jr., Paulo Freire e Roberto DaMatta.

Palavras-chave – comunicação; inclusão; media; cultura; corpo

## ABSTRACT

This research investigates the live communication of homeless people in São Paulo City in places with are meeting points such as cultural centers, theaters, movie theaters, bookstores and universities. The study is based on the experiences of those who take part in the production and sale of the Ocas Magazine, a brazilian example of a street paper, a worldwide movement of street publications which are commercialized by homeless people. The hypothesis of research are in the recognition of the live communication bond as catalytic of the rescue processes of the homeless autonomy and the use of public spaces, that the environment where the homeless establish their surviving strategies, is the way out to break the non-communication state in which the homeless are left in shelters or other social equipments. The start point of the research is the historical rescue of some aspects which build up the identity of the São Paulo citizen helping to understand the existing relation between the city and the homeless people; and also in which way these roots contribute to a better comprehension of how the live communication bonds are put aside from the rescue processes of the homeless autonomy. This relationship ends up to be expressed by unwanted communications and isolations, denying the differences that make up the contingent of this street population. Those who do not have problems with drugs or mental disturbs and are capable of communication end up to be mixed in the homogeneous treatment given to this matter. To revert this situation, the study ratifies that, by the contact with the processes of production and sale of Ocas Magazine, the exercise of communication is revealing; and also confirms that it is possible to establish new bonds in public spaces. To achieve the research results, it was important, besides the accompaniment of the Ocas Magazine activities, the contact with the Media Theory, by Harry Pross, Communication Ecology, by Vicente Romano, and Image Theory which have given important tools of analyses. Other vital concepts for the research were the ones by Dietmar Kamper, Boris Cyrulnik, Konrad Lorenz, Edgar Morin, Luiz Carlos Restrepo, James Hillman, Henry-Pierre Jeudy, Norval Baitello Jr., Paulo Freire and Roberto DaMatta

Key words – communication; inclusion; media; culture; body.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. SÃO PAULO: SONHOS E PESADELOS.....	16
1.1 “Paulistanismo”: uma nova identidade.....	19
1.2 “Paulistanismo”: o lado sombrio.....	26
1.2 Os filhos renegados por Alexandre.....	31
2. SEM-TETOS: MAIS INCLUÍDOS QUE NUNCA.....	40
2.1 Institucionalização e homogeneização.....	49
2.2 Esvaziamento dos ritos.....	59
3. A VENDA DA REVISTA OCAS: CRIAÇÃO DE VÍNCULOS...	63
3.1 Narrativizar .....	72
3.2 Humanizar as passagens.....	82
3.3 Criar vínculos.....	88
CONCLUSÃO.....	95
APÊNDICE A – Entrevistas.....	99
APÊNDICE B – Capas e páginas da Revista	
Ocas (Coluna Cabeça sem teto) .....	131
BIBLIOGRAFIA.....	140

## INTRODUÇÃO

A organização não governamental Ocas (Organização Civil de Ação Social) trouxe para o eixo Rio-São Paulo em 2002, visto que em Porto Alegre já existia o pioneiro Boca de Rua, o conceito dos *street papers*, as publicações de rua, ação inovadora onde sem-tetos comercializam revistas produzidas por corpos voluntários e parte pelos próprios moradores de rua, em pontos específicos tais como saídas de faculdades, cinemas, teatros e livrarias. Parte do valor de capa da Revista Ocas fica para o vendedor.

Street News, o primeiro *street paper*, começou a circular em Nova York, nos EUA, em novembro de 1989. Mas foi no início dos anos 90, em Londres, com o surgimento da The Big Issue, que o movimento das publicações de rua ganhou força. Hoje há 80 revistas do gênero espalhadas por 27 países em todos os continentes. Expansão capitaneada pela Internacional Network of Street Papers (INSP), organização que oferece o apoio para a manutenção e surgimento de novos empreendimentos que tenham essa proposta. O êxito em todo mundo tem sido tão grande que a INSP já promove há cinco anos a Copa do Mundo de Futebol de Rua, a Homeless World Cup, envolvendo seleções nacionais de vendedores das revistas. Empresas como a Nike e entidades como a UEFA (Union of European Football Associations) dão suporte para o evento.

Os *street papers* fogem completamente das características comuns a publicações panfletárias, que acabam por segmentar o interesse, inviabilizando um maior alcance. Pelo contrário, unindo uma visão solidária a realidade da economia de mercado, as publicações de rua como a Revista Ocas são editorialmente compostas por temas de assunto geral como política, comportamento, artes e, é claro, ações sociais. Amplia-se o alcance, a

conscientização e, principalmente, possibilita uma maior efetividade no contato entre o morador de rua e a sociedade.

E este é, justamente, o tema desta dissertação: os moradores de rua que participam do projeto da Revista Ocas na Cidade de São Paulo. O foco da pesquisa concentra-se nas estratégias de comunicação que esses sem-tetos empreendem para vender a revista, saindo de um estado letárgico de incomunicação para outro, onde a possibilidade do vínculo dá-se pelo ato da comunicação presencial.

Este é um trabalho de comunicação. E por vivermos uma realidade onde é comum delimitá-la somente entre os tipos de mídia como jornal, revista, rádio, tv e internet, deixo claro que não vou analisar editorialmente a Revista Ocas. Para o estudo, o foco concentra-se no morador de rua que participa do projeto e a publicação só ganha destaque quando há algo que a ligue ao mesmo, como por exemplo, a coluna Cabeça Sem Teto, resultado de uma oficina realizada por voluntários com os sem-tetos.

Para dar conta disso, dividi o estudo em três capítulos.

No primeiro fui buscar nas primeiras décadas do século passado certos aspectos na formação da identidade do paulistano que considero fundamentais para se compreender as representações que se faz hoje dos moradores de rua, e de que forma isso afeta decisivamente nas relações sociais, provocando distúrbios na comunicação no espaço público, inviabilizando o resgate da autonomia desses sem-tetos. Os distúrbios são aqueles que geram uma comunicação indesejável e quando do isolamento total, a incomunicação. No caso, ocorrem quando os contatos com os moradores de rua são entre os mesmos e funcionários do Estado, com o objetivo apenas da sua retirada das ruas.

A busca por elementos históricos, em especial das décadas de 20 e 30, revelou que houve neste período o início da tentativa de se criar um conceito

de “paulistanismo”, cujo principal objetivo era estabelecer uma identidade progressista e vencedora. O lado negativo dessa “locomotiva do Brasil”, como passou a ser conhecido São Paulo, era que já se sedimentava uma relação segregante daqueles que vinham em busca de sucesso e acabavam nos cortiços, nas ruas e nos já existentes albergues.

Como resultado desse processo ocorrido lá no passado, o paulistano desenvolveu uma relação paradoxal com os sem-tetos, utilizando-os como reafirmação imaginária do sistema, processo que detalho no segundo capítulo. Dentre as distorções que destaco como legado disso está a homogeneização dos sem-tetos, mantendo em isolamento aqueles que estão aptos para a comunicação presencial (que não apresentam problemas mentais ou com o vício de drogas). Portanto, além da comunicação indesejada há a incomunicação.

No segundo capítulo, abordo como os moradores de rua na Cidade de São Paulo não podem ser considerados excluídos, visto que desempenham papel fundamental nas relações sociais e, portanto, comunicativas na metrópole. Resultado, como já foi visto na primeira etapa do trabalho, da incompletude da formação na identidade do paulistano que ainda precisa que as escalas de sucesso e fracasso estejam bem visíveis. E que, portanto, acarreta mais distúrbios na comunicação.

Os moradores de rua exercem um papel de reafirmação do sistema, servindo ora como ameaça, ora como espelho da sociedade. Só que um espelho em negativo. É um jogo em que a presença visual dos sem-tetos serve com um instrumento para legitimar o “paulistanismo”. Dessa forma mantêm-se visíveis, servindo como parâmetros das escaladas sociais. Como imagens, permanecem em ambientes onde a comunicação presencial dá-se apenas de forma indesejada ou, ainda pior, estabelece-se um isolamento sensorial gerando incomunicação.

E, no terceiro capítulo, a fim de se romper esse estado, utilizo a experiência dos moradores de rua que participam da venda da Revista Ocas como um caso bem sucedido de projeto de comunicação que supere os distúrbios que abordo nos dois primeiros capítulos. Em especial a possibilidade de que a autonomia dos moradores de rua aconteça justamente pela possibilidade do vínculo no espaço público.

A comunicação presencial é o grande elemento transformador para moradores de rua, como é possível ver nas experiências que aqui apresento. Para isso mostro que é necessário, antes de tudo, que os sem-tetos recuperem a capacidade de narrativizar, de poderem transformar a própria história em artifício que os permita comunicarem-se com pessoas que, por muito tempo, estavam fora do seu círculo de relações.

Utilizando as ruas, ambiente de convivência e sobrevivência dessas pessoas, como parte da estratégia de reinserção, não só os sem-tetos resgatam a possibilidade da comunicação presencial, mas também ajudam a humanizar os lugares de passagem e encontro como portas de cinema, teatro, centros culturais e faculdades. Recuperam o espaço público como lugar para a criação de vínculos.

Para coletar as informações, acompanhei os processos de produção e comercialização da Revista Ocas que envolvessem a participação dos moradores de rua ligados ao projeto. Além de entrevistas com os próprios e com pessoas envolvidas com questão dos sem-tetos, presenciei a trajetória da compra e venda da revista em pontos da Cidade a fim de enriquecer a pesquisa.

A possibilidade da comunicação presencial e imprevisível entre diferentes é uma forma viável de estabelecer paradigmas mais saudáveis para o convívio no espaço público. E que o caminho de esvaziamento dos ritos cada vez mais latente pode ser revertido por ações que privilegiem processos

semelhantes aos proporcionados pelo projeto da Revista Ocas como meio de se transformar a sociedade.

Para dar sustentação a isso, amparei-me na Teoria da Mídia de Harry Pross, pensador alemão que desenvolveu uma importante ramificação nas ciências da comunicação que abarcou a comunicação humana como eixo fundamental para se entender as relações em sociedade. Em especial os conceitos de comunicação vertical e horizontal. O verticalismo, essa busca pelo lugar mais alto em todos os sentidos segundo Pross, é manifestado em nossas representações de valor e, no caso de São Paulo, como reafirmação do “paulistanismo”. Nesta etapa, os conceitos de Ecologia da Comunicação do pensador espanhol Vicente Romano foram de grande importância.

Foram importantes na árdua decisão de considerar os moradores de rua incluídos, os conceitos do professor Norval Baitello Júnior. Em especial aqueles que passaram a sedimentar no Brasil o pensamento crítico da Teoria da Imagem, fundamental para se diagnosticar a função imaginária que os moradores de rua exercem no espaço público da capital paulista e que provocam os distúrbios na comunicação.

Nesta etapa da pesquisa utilizei ainda os conceitos do sociólogo alemão Dietmar Kamper e sua reflexão sobre as soluções da sociedade serem discutidas sempre sobre um ótica prioritária do ethos do trabalho. Os livros “O direito a ternura” (1998), do psiquiatra colombiano Luis Carlos Restrepo, e “Os oito pecados da civilização” (1973), do austríaco criador da moderna etologia Konrad Lorenz, foram leituras vitais para fortalecer o reconhecimento e necessidade da humanidade em recuperar a comunicação presencial como elemento transformador. Foram, antes de tudo, obras que me ajudaram a afastar, ao longo da pesquisa, a visão de que o proposto pelo estudo tenha um caráter utópico e ingênuo.

No que diz respeito aos vínculos e a criação de neo-ritos por parte dos moradores de rua que participam do projeto da Revista Ocas, a leitura dos livros do neuropsiquiatra francês Boris Cyrulnik, em especial a obra “Do sexto sentido – o homem e o encantamento do mundo”, ofereceu instrumentos para poder detalhar a complexidade que se dá em uma comunicação presencial. Principalmente quando, no terceiro e último capítulo, elenco experiências para demonstrar a ausência de linearidade em um processo comunicativo e a necessidade do exercício como estreitamento dos vínculos comunicativos. Também, relativo ao mesmo tema, a leitura do livro “Pedagogia do Oprimido” do filósofo brasileiro Paulo Freire(1970) auxiliou a entender a prática de busca pela autonomia por moradores de rua e impregnar o texto com a realidade brasileira.

Ao longo da pesquisa, notando a necessidade de também captar informações sobre a importância dos espaços públicos, recorri às obras de dois pensadores em especial: o psiquiatra James Hillman e o sociólogo Henry-Pierre Jeudy. Hillman elaborou importantes conceitos sobre as cidades em seu livro “Cidade e Alma” (1993), detectando patologias no espaço público resultantes da falta do convívio. E, na obra “O espelho das cidades” (2005), Jeudy faz críticas contundentes ao esvaziamento dos lugares de encontro nas cidades como espaço para o que ele chama de “aventura da transmissão”, ou seja, a imprevisibilidade necessária da comunicação presencial.

E, para transportar para a nossa realidade, o livro “Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil”, do antropólogo Roberto DaMatta foi fundamental para revelar as peculiaridades inerentes aos brasileiros nos convívios no espaço público, principalmente em relação aos moradores de rua. E, por fim, as leituras das obras de Edgar Morin estão vivas por todo o estudo por sua defesa de uma visão transdisciplinar das ciências, que a própria bibliografia desse estudo acusa.

No apêndice é possível encontrar, na íntegra, as entrevistas que fiz com os moradores de rua que participam da Revista Ocas e pessoas envolvidas com a questão dos moradores de rua. Muitas das entrevistas são fragmentos de conversas, na maior parte das vezes obtidas no momento em que acompanhava as atividades de compra e venda da revista. A intenção é a de oferecer material para que futuras pesquisas venham a ser realizadas. Também elenco a reprodução de partes das revistas, no caso, a coluna “Cabeça sem teto”, resultados das oficinas promovidas por voluntários da ong com os sem-tetos que participam do projeto e algumas notícias publicadas ao longo de dois anos de coleta de informações que considero importantes para ajudar a elucidar a questão.

Esta dissertação é uma pesquisa na área de Ciências da Comunicação que tem a proposta de oferecer novas ferramentas para a compreensão do tema. Para os estudos de Serviço Social, onde se concentram a maior parte das pesquisas sobre o assunto, pode ser útil para a reflexão sobre novas formas de tratamento da complexa realidade das pessoas em situação de rua e o uso da possibilidade da livre escolha no espaço público, com projetos como os de publicações de rua, como laboratório de novas formas de relações e, principalmente, comunicação. Ao ver pela ótica das ciências da comunicação, a transdisciplinariedade necessária levou-me a um diálogo interessante com estudos de sociologia e antropologia. Quando proponho no primeiro capítulo resgatar alguns aspectos históricos foi na busca de elementos que sustentassem a minha tese, resultado desse encontro. A intenção foi a de, realmente, encontrar aspectos da identidade do paulistano que pudesse explicar a relação dele com os moradores de rua. O diálogo dessas disciplinas com as ciências da comunicação podem produzir ainda mais avanços para o debate sobre a população de rua.

Espero que esse estudo contribua para quem procura no estudo e aplicação da comunicação uma forma de transformar a sociedade. E que os

exemplos concretos disso, como é o caso dos vendedores da Revista Ocas, continuem passando as lições diárias de que é possível reconstruir a si mesmos e ao espaço ao redor comunicando-se melhor. E aos estudantes e pesquisadores que esta pesquisa auxilie para que o estudo da comunicação não considere apenas a técnica, mas também as formas mais arcaicas de vínculo comunicativo.

## 1. SÃO PAULO: SONHOS E PESADELOS

“Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei. Jovem que desce do Norte pra cidade grande/Os pés cansados e feridos de andar légua tirana/E lágrimas nos olhos de ler o Pessoa/E de ver o verde da cana/Em cada esquina que eu passava um guarda me parava /Pedia os meus documentos e depois sorria/Examinando o ¾ da fotografia”. (Fotografia em 3X4, Belchior)

A relação estética que nós mantemos com o mundo, ou que o próprio mundo provoca essa relação movimentada, sempre incerta, tem como origem a experiência cotidiana da cidade. E nosso corpo ora se inscreve no espaço público, ora joga com uma certa distância desta pluralidade de pontos de vista. (JEUDY, 2005, p.84)

Neste capítulo abordo como a perpetuação das representações criadas em torno da capital paulista desde o início do século XX têm sido fundamentais para explicar os distúrbios de comunicação nas relações com moradores de rua. Esta etapa é conduzida por dois quadros fundamentais para o trabalho, ambos interdependentes. O primeiro diz respeito à forma que o sem-teto é visto pela sociedade paulistana e a influência que esta representação exerce nas ações coletivas, governamentais ou não, para que se estabeleçam relações com a questão. Na convergência desses dois aspectos estão os distúrbios na comunicação no espaço público.

Classifico como distúrbios os processos que geram uma comunicação indesejável e quando do isolamento total, a incomunicação<sup>1</sup>. Destaco a predominância das relações verticais em detrimento as relações horizontais de comunicação no trato de pessoas em estado de vulnerabilidade psíquica e

---

<sup>1</sup> Trabalho com o conceito de incomunicação formulado por Norval Baitello Junior: “E quanto mais se aperfeiçoam os recursos, as técnicas e as possibilidades que o homem tem de se comunicar com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo, aumentam também, em idêntica proporção, as suas incapacidades, suas lacunas, seus boicote, seus entraves ao mesmo processo, ampliando um território tão antigo quanto esquecido, o território da incomunicação humana”.(BAITELLO JÚNIOR in BAITELLO JÚNIOR;CONTRERA;MENEZES, 2005. p. 9)) Importante, também, é a contribuição de Luiz Carlos lasbeck: “Incomunicação é um outro nome para as rupturas que azedam as relações e inviabilizam a interatividade humana” (IASBEK in BAITELLO JÚNIOR;CONTRERA;MENEZES, 2005, p.35)

social<sup>2</sup>. Este verticalismo, já institucionalizado, é, em São Paulo, a somatória de elementos, dentre os quais os aspectos que foram vitais para a formação da identidade do paulistano. Busquei, portanto, fontes que captassem certos momentos históricos onde já se formava uma visão particular do morador de rua.

Alerto para o fato de que não faço, nesta etapa do trabalho, um levantamento historiográfico linear, mas, sim, encontro aspectos que considero úteis na elucidação das representações da capital paulista que reforcem uma peculiaridade nas relações comunicacionais que o paulistano tem com os sem-tetos<sup>3</sup>. E que, fundamentalmente, legitimam ações que levam ao terreno sombrio da incomunicação. Considero a mesma, portanto, um resultado direto dos distúrbios que afetam as relações no espaço público, onde os reflexos nos conduzem a uma “imunização voluntária contra os contatos humanos” (LORENZ, 1973, p.20).

---

<sup>2</sup> Os termos que aqui utilizo de relações horizontais e verticais de comunicação são baseados na Teoria da Mídia criada pelo comunicólogo Harry Pross. Como afirma o pensador alemão, a sociedade é regida por representações de valor baseadas no verticalismo, agindo com conceitos de acima (superior) e abaixo (inferior).

<sup>3</sup> Em importante estudo comparativo que realizou entre as representações que se faz de moradores de rua em São Paulo e em Paris, Giorgetti (2006, p.23) também faz uso do resgate de elementos históricos como importantes formadores da identidade de um lugar: “(...) a Revolução de 1789 deixou para os franceses uma herança cujo valor é inestimável, ou seja, a concepção de direitos universais que assegurou para cada cidadão francês o acesso a todos os bens públicos. A noção de ‘res publica’, de ‘coisa pública’, penetrou no imaginário dessa sociedade, permanecendo até nossos dias”.



As comunicações indesejáveis e a incomunicação dos moradores de rua em São Paulo têm suas raízes históricas no início do século 20 (ilustração de Fábio Cavalcanti)

É importante destacar que o tema foi definido com base em experiências múltiplas e complexas<sup>4</sup> que, no entanto, convergem na impossibilidade de que se criem entre pessoas que vivem nesta situação um mínimo de estabelecimento de vínculos comunicativos que permitam sua resiliência<sup>5</sup>. Caminho em sintonia, portanto, com estudos que consideram o tema algo mais abrangente do que o resultado apenas de processos econômicos. Acrescento a discussão elementos que tratem os sem-tetos e o espaço público da Cidade de São Paulo como unidade<sup>6</sup> onde a incomunicação, somada a outros fatores (alcoolismo, desemprego, distúrbios mentais etc.), colabora para uma manutenção desses indivíduos em estado de vulnerabilidade. Portanto, é importante buscar as raízes disso.

### 1.1 "Paulistanismo": uma nova identidade

Muitas das representações predominantes, principalmente aquelas ligadas à sociedade de consumo, são ainda mais exacerbadas em São Paulo em virtude das representações que já se faziam desde o início do século passado e que foram incorporadas a "alma" da cidade (HILLMAN, 1993). Falo da íntima relação com a imagem do progresso, projetada nos grandes engarrafamentos, no "mar de concreto" e, finalmente, na figuração do paulistano<sup>7</sup>. Isso, como veremos, é um dos pontos que inviabiliza o resgate da

---

<sup>4</sup> Achei pertinente fazer essa observação, visto que generalizar qualquer abordagem sobre o tema pode nos levar as mesmas conclusões que provocam os distúrbios de comunicação que aqui abordo.

<sup>5</sup> Na obra "O Murmúrio dos Fantasmas" (2005), o psicoterapeuta francês Boris Cyrulnik fala da importância do ambiente oferecer estabilidade afetiva para que seja efetivada a resiliência, ou seja, a reparação de uma ruptura ou violação afetiva. A institucionalização, medida que é aplicada prioritariamente aos moradores de rua, vai na contramão disso.

<sup>6</sup> Hillman (1993) afirma que "não podemos inocular a alma individual, nem isolá-la da enfermidade da alma do mundo".

<sup>7</sup> Certa vez, realizando a coleta de dados para uma matéria jornalística, deparei-me com uma equipe de profissionais interessados em lançar um jogo de vídeo-game com características culturais do nosso País. No caso, seria o Brazilian Fight, uma versão do consagrado game Street Fight. Em meio a índios da Amazônia, capoeiristas do Norte, havia o paulista, um

autonomia de sem-tetos por meio do restabelecimento da comunicação presencial. E pior: legítimas posturas higienistas.

É possível encontrar em vários momentos da cidade, desde o início do século passado, situações que revelam um predomínio ambiente competitivo e essa preocupação de se construir um perfil perfeito e moderno de indivíduo, o paulistano. Essa busca veio convergir, nos idos dos anos 50, com o Trabalhismo de Getúlio Vargas<sup>8</sup> e, mais recentemente, com a globalização imposta pelo Consenso de Washington<sup>9</sup>. Em todas elas o paulistano é quem está sempre alerta para todas as batalhas. Vive-se intensamente o que Restrepo (1998) chama de “lógica arrasadora da guerra”, que nos leva a uma postura contrária ao afeto, ao vínculo, enfim, a possibilidade da comunicação.

Se nos colocarmos na esfera da linguagem, é possível constatar que existe em nossas experiências cotidianas uma ideologia guerreira que, articulada com apreciados valores da cultura ocidental, se opõe com persistência à enunciação de um discurso sobre a ternura. Acompanhando, por exemplo, a ambição de liberdade, fazemos uma defesa exagerada da autonomia, entendida como não depender de outros para não ver coartadas as nossas possibilidades de crescimento. O guerreiro, que pensa a todo momento em sua sobrevivência, tem como modelo o ser autárquico, que se basta a si mesmo, pois para ele é perigoso ter que depender em algum momento do inimigo. O endurecimento da pele e a postergação das necessidades afetivas fazem parte de sua preparação e disciplina. (RESTREPO, 1998, p.21)

Nada mais é do que a concretização da chamada ética do trabalho, concepção moral que designa a cada indivíduo a responsabilidade pela própria

---

personagem de terno e gravata cuja arma especial para vencer os “inimigos” seria o arremesso de um cartão de crédito

<sup>8</sup> Curioso observar que Vargas ficou conhecido como o “Pai dos Pobres”, solidificando um paternalismo que até hoje rege as relações sociais e políticas. E o paternalismo é, sem dúvida, uma relação vertical de comunicação.

<sup>9</sup> Em 1989, o economista John Williamson escreveu uma lista de recomendações sugerindo alternativas para países dispostos a reformarem suas economias. Denominado de Consenso de Washington estas ideias defendiam, dentre outras coisas, o comércio globalizado sem fronteiras e um maior rigor com os gastos públicos, o que incluía uma diminuição drástica nos investimentos em projetos sociais.

sobrevivência e explica a relação entre população de rua e vagabundagem, cerne de todo preconceito<sup>10</sup>. Supera assim o conceito de injustiça, que está fincado no pressuposto de que o estado deve estabelecer uma rede de proteção social para auxiliar os mais pobres, alijados pelo sistema capitalista.

Kamper (1998) chama a atenção em sua obra “O trabalho como vida” sobre os riscos desse ethos do trabalho continuar regendo prioritariamente as relações sociais.

Hoje nós estamos constatando que, além de toda e qualquer exploração, surge um clima generalizado de desconsideração da outra pessoa, o que nos inibe de dar às outras pessoas a atenção que elas precisam. Vejo neste processo um resultado precisamente do que foi dito antes dessa absolutização do trabalho em nossa sociedade, que está adquirindo o caráter de um mecanismo compulsivo, de um mecanismo de coação tanto de dentro como de fora. (KAMPER, 1998, p. 17)

É justamente neste ponto que quero chegar. A absolutização do trabalho, como afirma Kamper, inviabiliza as relações de comunicação. Tornamo-nos guerreiros, herdeiros de Alexandre, que ao ser educado por seu pai Filipe, rei da Macedônia, passou dias inteiros sob sol e chuva, sem que

---

<sup>10</sup> Interessante levantamento das origens etimológicas da palavra trabalho foi feito por pensadores alemães do Grupo Krisis em seu Manifesto contra o Trabalho (2004): “Na maioria das línguas européias, o termo ‘trabalho’ relaciona-se originalmente apenas à atividade de uma ‘pessoa menor’, do dependente, do servo ou do escravo. Nos países de língua germânica, a palavra arbeit significa trabalho árduo de uma criança órfã e, por isso, tornada serva. No latim, laborare significa algo como o ‘cambaleiar do corpo sob uma carga pesada’, em geral é usado para designar-se o sofrimento e mau trato do escravo. As palavras latinas travail, trabajo etc derivam-se do latim tripalium, uma espécie de jugo utilizado para a tortura e o castigo de escravos e outros não livres. A expressão idiomática alemã ‘jugo de trabalho’ (jorch der arbeit) ainda faz lembrar esse sentido.”. (KRISIS, 2004, p.45)

Kamper também oferece uma grande contribuição: “Na língua alemã, a palavra que designa trabalho passou por uma evolução muito peculiar. Numa forma mais antiga, essa palavra designava as duras penas, a miséria da vida. Numa etapa posterior da evolução dessa palavra e do seu sentido, trabalho passou a designar o esforço que os homens fazer para superar essas dificuldades, para superar esse esforço do próprio trabalho. Nas sociedades antigas, trabalho era algo de que se não gostava. Tinha uma mácula, era para os escravos. Depois, na Idade Média, era para os artesãos. Só a sociedade burguesa colocou o trabalho num pedestal” (KAMPER, 1998, p.12)

ninguém pudesse auxiliá-lo. Preparado para conquistar o mundo, forjou-se uma couraça que o levou, aos 33 anos, a ser o maior guerreiro do mundo ocidental. Hoje, essa simbologia está presente no cotidiano de cidades como São Paulo, visto que “o amor e o êxito econômico e social parecem andar na contramão” (RESTREPO, 1998)

O homem que expressa com intensidade seus sentimentos pode ser qualificado de maneira pejorativa, enquanto as mães consideram que devem ser duras e rígidas com seus filhos, para que estes não se tornem “mimados” ou “frouxos”. Nada se teme tanto como a fraqueza afetiva. Quando o mundo se apresenta como um objeto de conquista, parece um tanto indesejável a linguagem da ternura. A afetividade e a ternura podem quebrar a disposição do combatente, atentando contra a efetividade da ideologia guerreira. (RESTREPO, 1998, p.23)

O ethos do trabalho, cujo a origem remonta a Revolução Industrial, teve seu ápice no século XX, curiosamente quando os ventos tardios das novas máquinas chegaram a São Paulo provocando um aceleração em busca do tempo perdido. Em um período, especificamente as primeiras décadas do século XX, a chegada das indústrias foi simultânea ao crescimento populacional, determinando uma profunda formação do paulistano calcado nessas características. Nada mais justo crer que essa mistura forjou e forja ainda todas as relações sociais na capital paulista, pois é uma personalidade que precisa se reafirmar constantemente.

A pujança promovida pelo café, pela república emergente e pelos ventos tardios da revolução industrial chegou a São Paulo junto com imigrantes, migrantes, sonhadores de todas as partes. Um deslumbramento tomou conta das cada vez mais barulhentas e povoadas ruas da capital paulista. Solidificou-se a imagem de “cidade-esperança”, batizada assim pelo escritor Sylvio Floreal, ele também um “forasteiro” vindo de Santos, nos anos 20. Interessante



São Paulo nos anos 30: lugar para onde "convergiam todas as audácias", segundo o escritor Sylvio Floreal

reproduzir um trecho do seu texto Sinfonia Paulista, de março de 1925, que retrata bem como era São Paulo naqueles tempos:

São Paulo! Feira de desejos insolentes, alvorada cosmopolita, surgida como uma inesperada aparição, nos horizontes da esperança bruta dos anseios de conquista de todos os indivíduos fortes – amadores do imprevisto - , simples e bons povoadores, apaixonados do acaso. Quermesse de povos e de raças de curiosos passados e estranhas tendências, que, postos a marinar em teu seio, onde não medra para ninguém o madrastismo amargo e humilhante do exílio, conjugado às virtudes de ação, as possibilidades dadas do ambiente pronto para o surto, ergueram-te às cumeadas desse prestígio que tem resistido a todos os desastres, inclusive ao desastre dos maus governos! (FLOREAL, 2002, p.19)

O crescimento vertiginoso que a capital apresentava revelava a necessidade de se inventar outra imagem do seu mundo. Esse processo desembocou, de acordo com o historiador Francisco Alambert ,nos anos 20, na formação da imagem do “paulistanismo”<sup>11</sup>. Os modernistas da Semana de 22 também colaboraram legando a capital paulista um ar cosmopolita, destinada a guiar o Brasil para o futuro. É a gênese da máxima que passou a representá-la: “a locomotiva do Brasil”. O paulistano incorporou essa identidade e passou a atrair a atenção do resto do País. É possível encontrar, como afirma Alambert (2006), uma busca de um novo perfil, uma “nova identidade” por parte do paulistano:

No afã modernizante trazido pelo café e pelas crises do capitalismo internacional, que então nos favoreciam, caberá aos modernistas dos anos 20 criarem o mito do progresso, da cidade cosmopolita e aberta destinada a guiar o Brasil ao futuro, renunciando o desejo de criação de um Estado forte e "científico" a partir de São Paulo. Já

---

<sup>11</sup> Segundo Alambert, “No século 19, o espírito paulista não ia nada bem. A ninguém ainda ocorrera dar significado transcendental à ‘personalidade’ daquela desimportante vila. O ‘progresso’ ainda não chegara de verdade e a cidadezinha tacanha da segunda metade do século 19 era a imagem do inferno de tal modo que só mesmo o capeta, em pessoa, seria o ‘espírito’ de São Paulo” (Alambert, Francisco. Trem descarrilado. Caderno Mais, Folha de S.Paulo, São Paulo, maio 2006)

estávamos prontos para fazer jus ao nosso lema ideal: 'Non Ducor, Duco' (não sou conduzido, conduzo). Em latim, o orgulho dos paulistanos, cantado em verso pelo poeta Guilherme de Almeida, dava a versão erudita da máxima modernizadora da "locomotiva do Brasil". Daí para o brasão desse novo Estado pujante -e derrotado em 1932- foi um pulo: "Pro Brasilia Fiant Eximia" (Pelo Brasil Façam-se Grandes Coisas). (ALAMBERT, 2006)

O carioca João do Rio foi um dos que ficaram impressionados com a efervescência que São Paulo exaltava no período:

Alguns cavalheiros paulistas dizem-me de vez em quando:  
- Mas você exagera! Você gosta demais de São Paulo?

Por quê? Eu não quero ser nem cabo de esquadra lá, e por consequência, o meu sentimento é o mais sincero. Amo São Paulo, porque é a cidade exemplo no Brasil, amo São Paulo, porque fez antes, no Brasil, tudo quanto se devia fazer pela higiene, pela cultura, pelo progresso, pela civilização, amo São Paulo porque tem uma gente orgulhosa, consciente do seu valor, trabalhando, vencendo impondo-se. (João do Rio in SCHAPOCHNIK, p.31, 2004)

Tantos outros como João do Rio deixaram registradas as mesmas impressões que tantos "forasteiros"<sup>12</sup> tiveram das ruas para onde "convergem as audácias", como dizia Floreal<sup>13</sup>. É uma imagem do "paulistanismo" carregada de uma procura incessante pela exuberância, onde não é incomum encontramos nas obras literárias e jornalísticas deste período termos que reiterem e procurem justificar este caráter desbravador e voluntarioso, uma característica calcada na busca pela vertical (PROSS, 1989).

---

<sup>12</sup> Interessante como é de fundamental importância para a representação de um lugar as impressões gravadas por esses "forasteiros". Como afirma Canevacci (1997, p.17): "muitas vezes o olhar desenraizado do estrangeiro tem a possibilidade de perceber as diferenças que o olhar domesticado não percebe, interiorizado e demasiadamente habituado, pelo excesso de familiaridade".

<sup>13</sup> Para Floreal (2002, p.25), o Brás era, no início do século, "um verdadeiro poema homérico de atividade de trabalho".

## 1.2 Paulistanismo: o lado sombrio

Esse crescimento trouxe consigo algumas demandas. São Paulo viu sua população crescer de 239.820 para 887.810 habitantes entre 1900 e 1930. Se por um lado, João do Rio afirmava que São Paulo revelava a “característica de um país verdadeiramente constituído e de um povo de verdade”, enquanto o resto era ainda “uma mistura de várias raças ainda muito por caldear”, Sylvio Floreal já mostrava que nem todo mundo tinha assento garantido na locomotiva. Essa busca por uma “paulistanidade” representa, também, o surgimento de estereótipos<sup>14</sup>, onde encontramos as primeiras caracterizações de um morador de rua nos moldes que vemos hoje.

Em 1925, na obra “Ronda da Meia-Noite”, o conto “Os Parias – uma noite no albergue noturno” relata a experiência de Floreal em um abrigo existente na Rua Asdrúbal do Nascimento, 28, no Centro, no qual classifica os “mendigos” como a “fina flor da desgraça... que não querem, por cousa alguma nesse mundo, maltratar o corpo”. Percebe-se como já se configurava a imagem estereotipada do mendigo/vagabundo, que causava um mal-estar à imagem de progresso que ostentava São Paulo. É possível encontrar a solidificação de conceitos que excluem os processos comunicativos da teia de relações sociais. Imersos na predominância da aparência, tem início um caminho para a homogeneização de qualquer cidadão considerado marginal. E que desembocaria nas distorções que ainda hoje estão para serem superadas.

O crescimento desenfreado trouxe consigo um urbanismo feito sem planejamento nas três primeiras décadas do século XX, provocando surtos e

---

<sup>14</sup> “Sintomaticamente é a partir dessa época que começam a surgir os estereótipos sobre os habitantes das várias regiões do País; assim, o carioca passa a ser caracterizado pelo seu jeito boêmio e malandro, em contraposição ao paulista, que é disciplinado e trabalhador, e ao mineiro, moderado e austero. Por trás dessas construções estava a tentativa de se determinar qual região iria comandar a nação”. PINTO, Urbes industrializada: o modernismo e a paulicéia como ícone da brasilidade.”. *Rev. bras. Hist.* [online]. 2001, vol.21, no.42 ,p.435-455

riscos às condições sanitárias. Surge uma preocupação com a “medicina social”<sup>15</sup> e com ela um desdobramento: o higienismo e eugenismo, que no Brasil, “aproximavam-se de suas preocupações e determinação de tornar o País uma grande nação” (BOARINI, M. L.; YAMAMOTO,2004). O conceito eugênico, que ficou amplamente conhecido pelas experiências nazistas durante a 2ª Guerra Mundial, e significa “a melhora progressiva da espécie e a regeneração racial” tinha sensível influência na capital paulista nas políticas públicas neste período. Esta linha pensamento, mesmo não sendo predominante, deixou marcas profundas na medicina social até hoje aplicada em São Paulo.

Responsáveis por importante estudo sobre o tema, Boarini e Yamamoto (2004) encontraram no passado os ecos de muitos dos distúrbios com os quais a sociedade convive hoje:

---

<sup>15</sup> “Morria-se de uma ampla variedade de doenças, como varíola, febre amarela, malária, tifo, tuberculose, lepra, disseminadas mais facilmente pela concentração urbana Esta situação inquietava as classes dirigentes que aí visualizavam possibilidades de todo tipo de doença e desordem social. Esse fato, visto sob a lente do senso comum, deixa a impressão que é a cidade a causa das doenças e, nesse sentido, a presença do médico passa a ser uma exigência urbana. Daí, a medicina social ser caracterizada como essencialmente urbana”. (BOARINI; YAMAMOTO, 2004, p. 59-72).



O crescimento da população paulistana nos anos 30 trouxe consigo medidas higienizantes do espaço público como o surgimento dos primeiros albergues noturnos

(...)em nosso entender é, sobretudo, nos limites tênues entre Educação/Psicologia/Saúde que as idéias higienista e eugenista encontram seu elixir da juventude. A título de ilustração, diríamos que é fato corriqueiro para o psicólogo, sobretudo o que atua nos serviços de Saúde Mental da Saúde Pública, receber uma grande demanda aos seus serviços oriunda da escola com a queixa de “problemas de aprendizagem” ou “problemas de disciplina”. Detalhe interessante a destacar é que, antes mesmo da avaliação do aluno pelo profissional da saúde ou até antes do encaminhamento à saúde, a queixa do mau rendimento escolar já tem sua explicação: “o aluno é assim porque tem muito piolho e o piolho dá anemia”; ou “são crianças que nascem de ventre podre” ou “porque os pais são separados”, ou “porque o pai bebe”, ou “porque mora na periferia” etc.. (BOARINI, M. L.; YAMAMOTO, 2004, p.2)

Está, portanto, claro que a implantação das primeiras medidas saneantes do espaço público em São Paulo contém um elemento segregador, já que procurava a construção de um “novo homem”. De acordo com Adorno (1990, p.9), “o isolamento dos desajustados em espaços educativos e corretivos constituía estratégia segura para a manutenção ‘pacífica’ da parte sadia da sociedade. O propósito de classificar os diferentes e confiná-los em espaços de segregação e de isolamento afinava com a modernidade do País, que renegava seu passado escravista e trilhava o caminho da civilização pela negação permanente da barbárie que se apresentava sob a forma de diversidade irresponsável e caótica”.

As três primeiras décadas do século XX são vitais para se entender a “alma” paulistana, principalmente porque a ambição de se construir uma nova identidade também resguardava um lado sombrio, a “fina flor da desgraça” a qual se referia Floreal. Os “desajustados” sociais eram o símbolo do fracasso e, por conta disso, tratados com medidas institucionalizantes, higienizantes e segregacionistas. Exatamente como ainda é predominante atualmente e que afeta decisivamente as relações de comunicação.

Duas outras grandes transformações do século XX merecem serem mencionadas: o trabalhismo e a industrialização nos governos de Getúlio Vargas e a implantação da globalização de acordo com o Consenso de

Washington, na virada dos anos 90. Ambas têm influência fundamental nas práticas econômicas que refletem imediatamente nas relações sociais e onde são exacerbadas as representações daqueles que não se ajustam à ordem dominante.

Nos governos de Getúlio Vargas, com o advento do trabalhismo e da industrialização<sup>16</sup>, o Brasil passa a viver uma era de desenvolvimentismo que virou paradigma para os discursos políticos. Como resultados, cresceram as ondas migratórias do Norte para o Sul. Migrantes fugindo da seca, seduzidos pela São Paulo das oportunidades da qual sempre ouviram falar. Só que não havia vagas para todos. E, nos anos 70 e 80, a situação chega ao descontrole com a crescente favelização e o aumento de sem-tetos.

Desde a década de 1970 e, mais exatamente na de 1980, pode-se observar uma relação entre a ocupação, para morar e sobreviver, dos espaços públicos da cidade e o desemprego e a situação econômica recessiva. A expressão mais radical dessa crise é composta, sobretudo por trabalhadores expulsos do mercado de trabalho que exercem atividades de caráter informal e temporário e ficam submetidos à intensa violência cotidiana e ao isolamento. Como, em geral, vivem processos de ruptura de suas relações familiares, apresentam-se como grupos vulneráveis que fazem da rua lugar de moradia e sobrevivência. Na década seguinte, constata-se, também, na cidade de São Paulo, aumento crescente do número de pessoas que utilizam a rua como espaço de moradia e sobrevivência. (ROSA, 2005, p.40)

Nas últimas três décadas em virtude do crescimento de moradores de rua as políticas públicas tornaram-se necessárias. Em comum todas elas, em especial as que buscam a reinserção do sem-tetos calcam-se prioritariamente na ética do trabalho, o que promove um círculo vicioso que os mantêm em

---

<sup>16</sup> Getúlio Vargas governou o Brasil entre 1930 e 1945. Em 1943 implantou a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), garantindo a estabilidade do emprego depois de dez anos de serviço, descanso semanal, regulamentação do trabalho de menores, da mulher, do trabalho noturno e a fixação da jornada de trabalho em 8 horas de serviço. Foram criadas em seus governos a Petrobras, a Companhia Siderurgia Nacional, a Companhia Vale do Rio Doce e Companhia Hidrelétrica do São Francisco, dentre outros.

ambientes onde a comunicação é inviável. A mudança não passa por ações governamentais, exclusivamente. É preciso rever a própria condição humana dentro do que se chama sociedade. O coordenador da Associação Rede Rua<sup>17</sup>, Alderon Costa, dá um diagnóstico desse quadro, ao criticar as frentes de trabalho que sempre são apontadas como solução por parte do poder público:

A estrutura é para trabalhar por nove meses, com salário baixo. É uma estrutura que não vai transformar. Todas as pessoas que trabalham nas frentes de trabalho ainda dependem do poder público. Não conseguem a autonomia. É velha história da escravidão. A mercearia vai pegar todo o seu dinheirinho. São os novos escravos. O poder público antes só via a questão social. Hoje eles perceberam que usar essa mão de obra é mais barato. (ALDERON COSTA, coordenador da Associação Rede Rua)

Como afirma Kamper (1998), a pensadora alemã Hanna Arendt chama a atenção, em seu livro “Vida Ativa”, publicado em 1958, que já naquela época era necessário evoluir em relação a nossa vida totalmente condicionada pelo trabalho. Diz Kamper (1998): “Poderíamos entender essas palavras de Hannah Arendt como um convite para refletirmos sobre outras modalidades de existência do homem, a saber: o culto, o jogo ou atividade lúdica, o ócio e o amor, as paixões, como chamamos em alemão. Vamos refletir no modo como essas atividades e passividades em sua guerra contra essas tendência do trabalho em desrespeitar os limites e tomar conta da nossa vida”.

### 1.3 Os filhos renegados por Alexandre

As raízes dessa alma paulistana deixaram como herança uma forma institucionalizada de se relacionar com os moradores de rua. Como afirma Restrepo (1998), os “herdeiros de Alexandre”, apaixonados pela autonomia e

---

<sup>17</sup> A Associação Rede Rua atua com a população de rua de São Paulo desde 1991, propondo ações de resgate da cidadania e de esclarecimento da sociedade

contrários a sensibilidade nas rotinas produtivas e do campo do saber, encaram o mundo como um objeto de conquista e transformam as ruas da cidade em “campos de batalha”. Aos feridos, a enfermaria e aos que desertam a corte marcial.

Para os moradores de rua, feridos e desertores, há o caminho da confinamento por meio das redes de albergues e programas de frentes de trabalho. Não se inclui aí nenhuma possibilidade do restabelecimento das relações horizontais de comunicação. É um caminho complexo que a sociedade paulistana não parece disposta a trilhar. Mas sem isso, o único fruto que se colherá é a exacerbação das diferenças.

Estabelecer ou restabelecer relações horizontais de comunicação é um processo complexo que veremos mais a frente. Pois como diz Pross (1989):

A solidariedade é evidentemente uma relação horizontal, uma relação em que o principal é a coexistência entre os homens, que não se trata precisamente de “algo secundário”. Isso pede uma mudança na forma de pensar, pois nossa linguagem está repleta de valorações verticais que tomam os conceitos de acima e abaixo como premissas lógicas. (PROSS, 1989, p.32, tradução nossa)

O pensador alemão vai além quando afirma que o homem não nasce mediante o trabalho, senão mediante a comunicação. O homem é o resultado das forças comunicantes que, ainda que diferentes, são compatíveis<sup>18</sup>. Esta compatibilidade tem pressupostos físicos e psíquicos, entre os quais Pross menciona a “mobilidade e a linguagem”. E dentre as distorções provocadas pela negação do que não é semelhante está a incomunicação entre sociedade e população de rua. Em São Paulo, a crescente privatização do espaço público demonstra isso.

---

<sup>18</sup> Nesta questão há uma interessante divergência entre Harry Pross e Karl Marx, quando o pensador da comunicação rechaça a noção marxista de que o trabalho produz o homem. Para Pross, o homem é o resultado das forças comunicantes e, por conseguinte, deve atribuir-se a comunicação o fator constitutivo da humanidade

É, ainda, extremamente limitador o foco do debate no aspecto econômico, mito que os próprios números ajudam a derrubar. Pesquisa realizada pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) em 2000, revela que 60,4 % dos que dormem nas ruas e 74,6% dos que passam a noite em albergues sobrevivem de ocupações remuneradas, mesmo que em condições precárias como os catadores de papel<sup>19</sup>. Todo o debate público sobre o tema discorre sobre inserção no mercado de trabalho. É claro que, por conta de um sistema capitalismo vigente, é necessário ter esta preocupação, mas se o objetivo é diminuir a existência de moradores de rua é um equívoco ignorar o elemento comunicação.

Luis Carlos Restrepo dá uma grande contribuição em sua obra “O Direito à Ternura” ao abordar uma questão tabu, que é a passagem de aspectos restritos ao ambiente privado, tais como a afetividade, para o espaço público e da importância disso impregnar as relações sociais. E ternura nada mais é do que possibilidade de vínculo, da comunicação presencial. Para o pesquisador colombiano, precisamos superar um analfabetismo afetivo que obstrui qualquer tentativa de se construir novas realidades menos tensas em todos os aspectos da vida moderna.

Ao buscar uma articulação do público com o privado, da macropolítica dos planos estatais com a micropolítica da vida cotidiana, das análises magistras da cultura com a microssociologia e a psicologia da intimidade, o que nos anima não é tanto iniciar uma luta pela consagração de um novo direito constitucional – que poderia muito bem permanecer como letra morta, sem cumprir-se na vida social, como já aconteceu tantas vezes na história – mas gerar novas perspectivas de análise que permitam entender problemas como a violência, a democracia ou a autogestão pública e comunitária, a partir de um cenário onde são problematizadas as rotinas diárias (RESTRETO, 1998, p. 11)

---

<sup>19</sup> Curioso contrapor estes dados a números obtidos em países ditos desenvolvidos. De acordo com Giorgetti (2006, p.24): “os resultados da pesquisa realizada na França em 2002 pelo Insee – Institut National de la Statistique et de Études Économiques mostram que aproximadamente 35% dos sans-domicilie-fixe entrevistados declararam que tinham um trabalho; e 36%, que estavam desempregados”

Estes distúrbios, no entanto, vão além das relações de comunicação. Já o próprio uso dos termos para a identificação de moradores de rua provoca discussões e polêmicas. Antes de discorrer sobre as mesmas, chamo a atenção para o fato de que não me ocupo de utilizar este ou aquele termo em especial, visto que a maioria deles é carregada de ideologias que não são necessárias para este trabalho. Reitero, no entanto, a importância de esclarecer o assunto<sup>20</sup>.

Partimos do fato que há termos negativos como mendigos, amplamente conhecida, e outras menos usuais como pardais<sup>21</sup>, estas utilizadas para identificar aqueles que não andam muito e ficam restritos a determinadas regiões ou bairros. E como afirma Rosa (2005) “também é usada pejorativamente para os que ficam esperando que alguém os assista, geralmente associada aos que têm a rua como lugar de moradia”. A partir dos anos 70 e 80, quando a questão tornou-se visível, o uso do termo passou a ter mais importância. Surgem denominações como trecheiro, usado para nomear aqueles que se deslocavam a pé de uma cidade a outra e até mesmo dentro da Cidade.

É claro que muitas das tentativas de se alterar essa denominação tem como objetivo estimular o resgate de uma auto-estima perdida, mas também servem para mascarar a realidade. Como afirma Giorgetti (2006):

---

<sup>20</sup> O termo *homeless* começou a ser empregado nos Estados Unidos por um grupo de ativistas sociais liderados por Robert Hayes e Mitch Snyder para denominar pessoas que dormiam em lugares públicos e que, a partir do final da década de 1970, passaram a se tornar visíveis (...) O início do uso do termo *homeless* deu-se em janeiro de 1981. (ROSA, 2005, p. 53) Para as Nações Unidas, *homeless* não é só aquele que vive nas ruas, mas todos que vivem em condições precárias de habitabilidade. (VIEIRA, BEZERRA & ROSA, 1992, p.47)

<sup>21</sup> “Segundo Luiz Fernando de Andrade Figueiredo, observador de aves, os pardais são pássaros característicos da cidade. Ficam sempre perto de habitações humanas em busca de alimento, pois sobrevivem de restos de comida. Seus ninhos são feitos debaixo de telhados, de pontes e dentro dos semáforos. Adaptam-se muito bem nesses locais. É difícil definir sua cor, pois seu colorido é sem graça, não chamam a atenção. Daí talvez a analogia. Os mais antigos na rua até hoje reconhecem essa designação “. (ROSA, 2005 p. 54)

Recentemente, o serviço social em São Paulo, pensando em ressaltar o caráter processual da vida nas ruas, criou a expressão pessoas em situação de rua, para delimitar as trajetórias (idas e vindas) e enfraquecer a idéia predominante (e pejorativa) de que se trata de pessoas de rua, que não têm outra característica senão o fato de pertencer às ruas da cidade. Entretanto, essa definição oferece um outro problema, pois, na verdade, nem em Paris nem em São Paulo, estamos falando de situações concretamente reversíveis. (GIORGETTI; 2006, p.20)

Na tentativa de dar uma característica de movimento e contrapor os termos pejorativos e preconceituosos, a Igreja Católica passa a utilizar denominações como povo sem casa, povo da rua, homem da rua e sofredores de rua (ROSA, 2005). Atualmente ainda é motivo de discussão o uso do termo mais apropriado. Utilizarei com mais freqüência os termos sem-tetos e moradores de rua, pois os considero mais abrangentes e isentos de escolhas ideológicas.

O primeiro censo de pessoas que vivem nas ruas ou em albergues em São Paulo só veio a ser realizado em 1991 em uma ação conjunta que envolveu a Secretaria do Bem-Estar Social do Município de São Paulo e organizações não-governamentais. Identificou-se 329 pontos de pernoite com 3.392 pessoas vivendo em estado de vulnerabilidade nas áreas mais centrais da Cidade. Até então, não havia dados confiáveis sobre o número de pessoas vivendo em situação de rua na capital paulista. E ainda hoje o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) exclui os moradores de rua do censo por não possuírem endereço fixo.

Em 2003, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) revelou em um novo levantamento a existência de 10.394 pessoas vivendo nas ruas da São Paulo (sendo 2.500 na região central). Desse total, 6.186 eram usuários freqüentes de albergues<sup>22</sup>. Além do aumento considerável entre uma pesquisa

---

<sup>22</sup> A Prefeitura de São Paulo tem os seguintes equipamentos: 9 albergues noturnos, 17 Albergues com Núcleos de Serviços, 9 abrigos especiais: voltados para segmentos específicos (idosos, mulheres com ou sem filhos, migrantes) e para as pessoas que necessitam de

e outra, o que chama a atenção é que as políticas de institucionalização passaram a ser legitimadas<sup>23</sup>. E, e em princípio, vêm carregadas, nas entrelinhas, de objetivos higienizantes a fim de promover a privatização dos espaços públicos, uma das “exigências” do neoliberalismo definido pelo Consenso de Washington.

Cada vez mais, portanto, o discurso oficial do estado encontra legitimação na sociedade para aplicar medidas higienizantes do espaço público, reflexo que pode ser visto na aplicação dos orçamentos públicos da capital paulista, notadamente voltada para o albergamento e por tentativas de se revitalizar o centro pela ótica comercial e turística. O Projeto Nova Luz<sup>24</sup>, por exemplo, envolve a desapropriação de 55 imóveis de uma área de 4.873 m<sup>2</sup> na "cracolândia", no bairro da Luz. Essa é uma tendência mundial homogeneizante dos grandes centros, como afirma Jeudy (2005). O sociólogo e filósofo denuncia o que chama de “espetacularização” dos grandes centros, transformados em ambientes amorfos, ora como museus a céu aberto<sup>25</sup>, ora como áreas de negócios, onde inviabiliza-se a aventura da transmissão, ou seja, a comunicação.

---

cuidados especiais de saúde após alta hospitalar da rede pública. Além disso, há 12 casas de convivência, 8 núcleos de qualificação e capacitação profissional e 12 moradias provisórias: para os que já tem alguma autonomia (emprego ou atividade remunerada).

<sup>23</sup> Revela-se, notadamente, uma preferência pela implantação de políticas de albergues, o que estimula um círculo vicioso. Como afirma a antropóloga Maria Antonieta da Costa Vieira, uma das organizadoras da publicação “População de Rua: Quem é, como vive, como é vista” (2004) esse contexto transforma a vida em albergues em um “modo de vida”, tornando cada vez mais difícil políticas que se baseiam na reconquista da autonomia.

<sup>24</sup> O Projeto Nova Luz é uma proposta da Prefeitura de São Paulo de revitalizar a área que é conhecida como “Cracolândia”, situada entre as avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, Rio Branco e Cásper Líbero e a rua Mauá. O projeto é o de transformar a área em um pólo de comercial e de serviços para empresas de tecnologia.

<sup>25</sup> No prefácio da obra “Espelho das Cidades” (JEUDY, 2005), a pesquisadora Paola Berenstein Jacques relata o que aconteceu em Salvador (Bahia): “O projeto, dito de revitalização, do Centro Histórico de Salvador (Pelourinho), por exemplo, literalmente ‘limpou’ o sítio histórico ao expulsar seus habitantes e suas respectivas práticas cotidianas populares e substituí-las por simulacros culturais turísticos”



Os albergues mantidos pelo poder público e por entidades sociais são ambientes onde prevalecem as comunicações indesejadas e os estados de incomunicação  
(Foto – Arquivo FSP)

O que mostra a vida de um bairro antigo é a sua indeterminação, o jogo de tensões que o percorrem no ritmo de um perpétuo reajustamento vivido do espaço. A conservação patrimonial petrifica o bairro, paralisa-o em uma imagem inalterável. (JEUDY, 2005, p.70)

O que vemos na sociedade é o acirramento das relações de distância. Inviabiliza-se a possibilidade do encontro, do tensionamento imprevisível da comunicação. Criam-se situações artificiais. A insegurança crescente provoca uma resistência a conviver com o que nos parece inicialmente estranho, desconhecido. Aumentam-se as verbas para albergues, estimula-se a privatização do espaço público e legitima-se o assistencialismo terceirizado por parte de entidades não-governamentais<sup>26</sup>, três ações que, juntas, demonstram uma fragilidade da sociedade para lidar com o assunto, optando pela omissão e obscurecimento do problema.

Eu senti um abandono total. As pessoas não falavam comigo. As pessoas que me conheciam nem me davam atenção. Pra falar a verdade eu tenho muita dificuldade em falar o que passei, o que vivi. (SERGIO BORGES, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

Não é porque de repente a pessoa é um nada que não pode ter uma grande idéia. Às vezes a pessoa tá deitada ali no chão é porque não tem outro lugar. Ela pode ter uma idéia sadia.. (GILBERTO SANTANA, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

As conseqüências, como atestam as duas afirmações acima, são que palavras como “nada” e frases como “dificuldade em falar” tornam-se comuns. A desvalorização do indivíduo que vai parar na rua, em especial na Cidade de São Paulo, está ligada ao seu fracasso na busca pela “vertical”, presente na “alma paulistana” e permeia a maioria dos casos envolvendo sem-tetos. Daí a

---

<sup>26</sup> O coordenador da Associação Rede Rua de São Paulo, Alderon Costa, levanta uma questão muito importante. Quando o Estado “terceiriza” o atendimento aos sem-tetos, coloca em risco as tentativas e possibilidades de resgate de autonomia dos mesmos. Isso porque a maioria desse atendimento filantrópico é feito por entidades religiosas e parte delas justifica doutrinariamente a vida na rua.

necessidade de uma mudança de paradigmas, onde as experiências horizontais de comunicação se fazem necessárias. O círculo vicioso das relações verticais conduz a um engessamento da busca da autonomia por parte do sem-teto disposto a isso. Com afirma Cyrulnik:

(...) Quando o homem culpado não encontra, em seu redor, as estruturas afetivas, sociais e culturais que lhe permitem transformar o sofrimento em excesso de humanidade, só lhe resta a auto-agressão...para sofrer menos! É o que se vê entre os melancólicos que se tranqüilizam mutilando-se, porque o sofrimento físico é menos doloroso do que a culpabilidade que os tortura. (CYRULNIK, 1997, p.85)

Buscar entender o porquê da perpetuação disso é o objetivo do estudo no segundo capítulo. A “alma” de São Paulo provoca um jogo onde os segmentos sociais se apropriam da realidade alheia para justificarem sua própria representação. A consagração do “paulistanismo” precisa da visibilidade dos sem-teto e não o contrário. Torna impossível, portanto, falar em exclusão do mesmo, a partir do momento de que é, mais do que nunca, incluído. Parte de um jogo de representações que ainda está longe de terminar e que se sustenta em relações verticais de comunicação. É esta verticalidade que precisa ser superada.

## 2. SEM-TETOS: MAIS INCLUÍDOS QUE NUNCA

A beleza da natureza e a beleza do ambiente cultural, criado pelo homem, são necessárias à saúde moral e espiritual do ser humano. Essa cegueira total da alma para com tudo aquilo que é bonito, difundida atualmente em grande velocidade e em toda parte, é uma doença mental que deve ser levada a sério, não fosse que pelo fato de acarretar a insensibilidade diante dos fatos moralmente mais repreensíveis (LORENZ, 1974, p. 39)

(...) o mundo sem alma nunca pode oferecer intimidade, nunca retribui o meu olhar, nunca me olha com interesse, gratidão, nem alivia o isolamento absoluto da minha subjetividade. Mas, no momento em que cada coisa, cada acontecimento se apresenta novamente como uma realidade psíquica – que não requer as mágicas da sincronidade, o fetichismo religioso ou qualquer ato simbólico especial – então sou absorvido nunca conversa íntima e duradoura com a matéria. (HILMANN, 1993, p. 25)

Os sem-tetos não são excluídos da sociedade. Partindo dessa premissa, proponho neste segundo capítulo, amparado nas reflexões apresentadas no primeiro, que os ditos cidadãos marginalizados desempenham na metrópole paulista um papel participativo e fundamental nas relações sociais e, conseqüentemente, comunicativas. Sobrevivem como imagens cercados de comunicações indesejadas e incomunicação, o que inviabiliza o resgate da autonomia. Amparado nesse mundo das imagens, fecha-se em um círculo viciado de ações onde a pessoa em situação de rua é instrumentalizada, tratada apenas ao nível das aparências. Como afirma Baitello Júnior (2005):

A coerção para transformar pessoas complexas, corpos vivos em imagens torna-se cada dia mais forte, irresistível mesmo, como uma forma estratégica de conquista. Transformados em imagens, os corpos devem integrar uma nova lógica de produção, passam a participar sem resistência desta nova ordem social. (BAITELLO JÚNIOR, 2005, p.20)

Pela ótica das ciências da comunicação esse quadro leva ao estancamento da comunicação presencial. Os distúrbios resultantes disso são a homogeneização no trato com a população de rua e o foco na institucionalização como forma de se abordar o tema. Aqueles que estão aptos para se comunicarem acabam imersos, impedidos da aventura imprevisível da transmissão. A comunicação na rua fica restrita ao contato com guardas civis, policiais e assistentes sócias, todas baseadas em relações verticais.

Já para a sociedade civil, o sem-teto é símbolo das escalas sociais, das vitórias e derrotas na “locomotiva do Brasil”. O paulistano estabelece uma conflitante e paradoxal relação com os seus personagens e, no caso dos moradores de rua, uma necessidade de auto-afirmação, como se o conceito do paulistanismo<sup>27</sup> que se plantou lá nos anos 20 do século passado ainda esteja em construção e, para isso, é necessário que as escalas sociais de sucesso e fracasso estejam sempre ao alcance do olhar. Tal qual um jogo<sup>28</sup>.

Lorenz (1973) afirma:

Ao habitante do bloco para animais de carga humanos, resta apenas um caminho para a manutenção da auto-estima pessoal: consiste em suprimir da consciência a existência dos inúmeros companheiros de miséria e em defender-se do próximo. Em muitos blocos de habitação, estão inseridas, entre as varandas das moradas individuais, paredes de separação, que tornam invisível o vizinho. Não se pode, nem se deseja entrar em contato com ele “por cima da sebe”, com receio de vir a descobrir nele a imagem do próprio desespero. Também por esta via a massificação leva ao isolamento e à falta de participação com o próximo. (LORENZ, 1973, p. 29)

---

<sup>27</sup> Ver Capítulo I

<sup>28</sup> A acepção de jogo que utilizo refere-se não a uma atividade lúdica que teria o objetivo de “desenvolver a capacidade dos homens para uma atividade não subordinada a finalidades” (KAMPER, 1998, p. 26) e sim bem mais próxima do conceito de trabalho que sempre pressupõe um resultado final. O próprio Kamper (1998) revela a dificuldade em se encontrar um limite entre esses conceitos: “Essa definição não está livre das dificuldades porque todo o jogo, toda atividade lúdica apresenta elementos variáveis em intensidade de trabalho, assim como todo trabalho também apresenta diferentes elementos de atividade lúdica. É difícil traçar uma definição clara e inequívoca que delimite os conceitos trabalho e jogo” (KAMPER, 1998, p.27)

É como esses sem-teto que dormem sob as marquises de prédios não nos chocassem no sentido de que clamemos ou procuremos mudanças, mas, pelo contrário, de que a cada dia nos confirma mais a condição guerreira, aos moldes do que afirma Restrepo (1998), do espírito paulistano. Toda a força disso vem da necessidade que os símbolos têm de imagens que os represente (BAITELLO JÚNIOR, 2005). Abre-se o espaço, portanto, para que os moradores de rua vivam intensamente como imagem e não como indivíduos aptos a se comunicarem.

A necessidade desse “espelho em negativo” é referência até para quem vive ou viveu na rua, para que se tenha uma escala de quanto se distancia dessa situação. É curioso poder notar isso até entre os moradores de rua e ex-sem tetos que participam do projeto da Revista Ocas. Em uma conversa com o ex-vendedor da Revista Ocas Marcos Dias, hoje funcionário da ong, sobre a degradação do Parque D. Pedro, ouvi dele: “é uma pena aquilo, tá cheio de maloqueiro”. E também neste depoimento do participante do projeto da Revista Ocas, Jesuel Araújo:

Eu estou em situação de rua, mas tem que falar que tem muito viciado em drogas, normalmente tá envolvido em algum crime. E aí complica quem quer fazer um trabalho sério com morador de rua. Outro dia chegou um morador de rua pedindo um copo de água no Banco Itaú. Aí o segurança foi lá e pegou um copo pra ele. O cara de um gole e jogou o resto no chão. (JESUEL ARAÚJO, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

Como reflexo desse quadro, há o fracasso das tentativas de se estabelecer a comunicação presencial, principalmente porque esse círculo vicioso desemboca na estigmatização e, que é pior, em uma espécie de auto-estigmatização. O morador de rua acaba reafirmando cada vez mais sua condição de rejeitado pela sociedade e passa a viver ainda mais imerso em seu mundo sem se comunicar. As pessoas “realizam, por vezes, excelentes atuações intelectuais ou sociais. Porém, mal convidadas a partilharem o mundo

dos outros, durante a moldagem dos sentimentos, nunca representam outras representações a não ser as suas” (CYRULNIK, 1999).

No limite dessa situação, quando a pessoa institucionalizou-se na rua, está justamente onde apenas o estado alcança, onde o tensionamento comunicacional é quase nulo e as relações verticais são exacerbadas. Há o domínio do que Pross (1989) chama de “economia de sinais”<sup>29</sup>. Para os moradores de rua as ações são no sentido de retirá-los de forma rápida e, por vezes, truculenta. E quem a sociedade responsabiliza por isso é justamente quem, na maior parte, estabelece relações verticais de comunicação com eles: policiais, guardas civis e assistentes sociais.

Delinear o limite entre onde começa esse déficit de comunicação<sup>30</sup> é complexo, visto que, parte das pessoas em situação de rua também lança artifícios para readequar sua auto-representação, tornando sutis as diferenças.

A forma que o morador de rua encontra de se livrar dessa imagem de si mesmo é negar sua prática e seu grupo social, buscando, no nível da representação, identificar-se com os papéis socialmente aceitos. Assim é que muitos, às vezes há anos na rua, se apresentam como trabalhadores desempregados, que perderam os documentos e que recomeçarão a trabalhar tão logo consigam recuperá-los. (VIEIRA, BEZERRA & ROSA, 1992, p.101)

---

<sup>29</sup> Segundo o pensador alemão Harry Pross, economia de sinais é a necessidade que o homem moderno tem de superar os espaços com menor gasto de tempo possível, diminuindo a comunicação individual.

<sup>30</sup> “A retirada da comunicação é o castigo para a necessidade comunicativa inadaptada. ‘Tem que haver ordem! Significa: se não respeita os signos da minha ordem, te privo dos meios para mostrar sua ordem” (PROSS, 1989, p.42, tradução nossa)



Os sem-tetos funcionam como uma reafirmação simbólica do sistema deixando visíveis as escalas de sucesso e fracasso na capital paulista (Foto – Matuite Mayezo)

O morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas, Rubens Lopes, é um exemplo disso. Em uma de nossas conversas, ao ser perguntado sobre como foi parar em situação de rua respondeu:

Minha situação de rua vem desde quando eu saí do orfanato. Eu passei minha infância em um orfanato. Depois que saí eu ainda convivi um tempo com o meu pai, porque ele era vivo. Depois que ele faleceu, como eu não me dava bem com os meus parentes, acabei indo para a rua. Desde 93 eu vivo em situação de rua, com altos e baixos, ficando em albergues. Quando arrumava um serviço eu ainda conseguia alugar um quarto. Depois eu perdia o emprego e voltava para rua. (RUBENS LOPES, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

No entanto, ao ser questionado sobre as mudanças que tinha passado no tratamento das pessoas em relação ao período que estava na rua e a fase em que estava no projeto, afirmou:

Não dá pra ter uma base de antes e depois porque mesmo quando estava em situação de rua eu nunca me apresentei como tal. Sempre tentava viver uma vida normal, como se não estivesse em situação de rua. Eu sempre procurei ter uma vida regrada para que as pessoas não achassem que eu estava em situação de rua. (RUBENS LOPES, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

A psicoterapeuta Maria Alice Vassimon realiza um importante trabalho com os vendedores da Revista Ocas desde 2003 e detectou essa complexidade de se estabelecer limites, visto que o próprio ser naturalmente comunicante enfrenta distúrbios nas suas tentativas. Isso, por vezes, estanca no próprio morador de rua a possibilidade da comunicação, gerando mais incomunicação.

Muitas vezes nossa história entra na frente das pessoas que estão se relacionando conosco, porque tivemos marcas do passado que não conseguimos elaborar (resolver). Quando, no relacionamento, alguma situação relembra as marcas do passado, a tendência é reproduzir o comportamento antigo e perder a possibilidade de se comunicar diretamente com os outros com quem queremos nos relacionar (MARIA ALICE VASSIMOM, psicoterapeuta que realiza trabalho voluntário na Ocas)

Outra questão complexa diz respeito às tentativas de se excluir do convívio e dos centros comerciais e empresariais as pessoas em situação de rua. São Paulo possui uma característica peculiar, detectada por Canevacci (1997). Para o antropólogo italiano, é uma cidade “autodissolvente”, ou seja, constrói e desconstrói seus sentidos permanentemente<sup>31</sup>. Processos lineares de construção e desconstrução de cenários, tais como a eliminação de sem-tetos das ruas, acabam sendo inviáveis. O paradoxo paulistano encontra-se justamente nisso, na inviabilidade de processos tais como a gentrificação<sup>32</sup> (JEUDY, 2005). É neste jogo guiado pelas representações paradoxais e pela superficialidade e inflação das imagens que se encontra o ápice das comunicações indesejadas e da incomunicação na Cidade de São Paulo.

Ricardo de Araújo, que entrou para o projeto da Revista Ocas em 2005, é um caso dessa complexa relação. Até os 27 anos vivia com a família na Vila Nova Cachoeirinha, bairro de São Paulo. Foi morar com o irmão na Casa Verde, outro bairro da cidade, como disse, pra sair da “barra da saia da mãe”. Começou a pegar trabalhos temporários na feira e em uma firma de eventos.

---

<sup>31</sup> Como afirma Canevacci (1997, p. 33): “Inúmeros testemunhos sobre São Paulo confirmam como esta metrópole está inserida num processo contínuo de dissolução, um eterno repensar e reconstruir a mesma cidade que também se apresenta a cada geração como sempre diferente e sempre idêntica”

<sup>32</sup> O termo gentrificação vem sendo utilizado para definir os processos de expulsão dos moradores mais pobres de áreas de intervenção urbana para receberem moradores mais ricos ou novas funções elitizadas. Como afirma a professora Paola Berenstein Jacques, no prefácio do livro “O Espelho das Cidades” (JEUDY, 2005), é o que ocorreu no projeto de revitalização do Centro Histórico de Salvador, o Pelourinho, onde ocorreu a expulsão e substituição de seus habitantes e respectivas práticas cotidianas por “simulacros culturais turísticos”.

Passou, então, morar em uma pensão no mesmo bairro. Foi aí que começaram os problemas.

Os dois trabalhos acabaram. Fiquei seis meses sem pagar a pensão, até que não deu mais. Sai. Comecei a dormir na rua, ao lado de um posto de gasolina. Forrava com papelão e dormia. Os guardas-noturnos davam uma força pra mim. De lá fui para um sobrado da Sabesp, perto da Ponte da Casa Verde, onde fiquei uns 5,6 meses. Com o tratamento do Rio Tietê tive que sair. Foi quando um assistente social foi lá conversar comigo e me levou para o Albergue São Francisco. (RICARDO DE ARAÚJO, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

A história de Ricardo ilustra o caminho, por vezes tênue, que faz com que uma pessoa entre em situação de risco social. Mas aqui, neste caso, mostra como o tensionamento comunicacional é contraditório na cidade de São Paulo. Em dois momentos conta com o auxílio de outros. No primeiro momento, quando da saída da pensão e, no segundo, quando da primeira ida para um albergue. Perguntado a respeito, revelou em dois momentos:

Assim que eu tive que sair da pensão, fui dormir embaixo de marquise ali perto. Os guardas-noturnos me arrumavam comida e ficavam de olho enquanto eu dormia enrolado no papelão (...) Foram os funcionários da Sabesp que chamaram os assistentes sociais quando precisaram usar a casa por causa do tratamento do Rio Tietê. (RICARDO DE ARAÚJO, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)



As relações verticais de comunicação, tais como moradores de rua e policiais, prevalecem na cidade de São Paulo  
(Foto – Regina Agrella)

Percebe-se que, nas entrelinhas de ações solidárias, está a economia de sinais (PROSS, 1989). A comunicação com sem-tetos não vão além do necessário e a situação em que se encontra não permite que se estabeleçam vínculos duradouros com as pessoas inseridas na sociedade. Imerso em um novo mundo, pelo contrário, acaba se vinculando com quem já está institucionalizado na rua há muito tempo, afetando as tentativas de recuperação da autonomia. A pessoa em situação de rua participa de um processo social onde escalas de valores se completam e sua presença imaginária se faz necessária, para que haja a reafirmação dos valores ainda em formação, no caso aqui, como representações em negativo do que se imagina o ideal a alcançar.

É preciso que convivamos diariamente com o feio e o diferente para termos exemplos diários das escalas sociais (PROSS, 1989). De acordo com os intelectuais do Grupo Krisis em seu “Manifesto contra o Trabalho”, “aos excluídos só resta uma função social: a de ser exemplo aterrorizante”. Cria-se, como vimos no Capítulo I, uma relação cheia de paradoxos no espaço público que vai causar distúrbios nas relações comunicacionais. Em princípio, esse processo é detectável nas principais ações que se dirigem aos moradores de rua: institucionalização e homogeneização no tratamento, por parte do estado e o esvaziamento dos ritos, por parte da sociedade civil.

## 2.1 Institucionalização e homogeneização

A função de “espelho em negativo” que a sociedade espera dos moradores de rua provoca a institucionalização e homogeneização. Ambas são interligadas. A homogeneização refere-se ao tratamento unificado para aqueles que estão em situação de rua, inviabilizando o resgate da autonomia dos que

estão aptos, principalmente, a conquistarem isso pela comunicação presencial. A institucionalização é reflexo disso ao concentrar nas políticas de albergamento e frentes de trabalho as iniciativas de proteção social dessa população de rua.

Importante retomar Restrepo (1998) quando afirma que somos herdeiros da tradição simbólica inaugurada por Alexandre, o Grande, o que faz com que neguemos a possibilidade do sentimento. Ou seja: “continuamos destruindo a possibilidade da ternura para ver realizadas as nossas ambições” (RESTREPO, 1998). Especificamente no caso de São Paulo, podemos dizer que nos condicionamos a uma relação fria e distante. Ainda é o lugar para onde “convergem as audácias”, como afirmava Floreal.

Esta instrumentalização das relações torna-se ainda mais destrutiva para a criação dos processos comunicativos quando avaliada no âmbito do espaço público. Instrumentalização essa que desemboca em uma homogeneização das relações. Quando não em uma estagnação, visto que aqueles que precisam exercitar e resgatar suas aptidões comunicacionais ficam a margem, porém não excluídos, servindo apenas como imagem de reforço do sistema.

Cyrulnik (1995) contribui para a discussão ao citar o etnopsiquiatra François Laplantine: “Reivindico esta aptidão que temos todos para não sermos conformes a nós mesmos, para não sermos um bloco homogêneo cuja personalidade estaria definitivamente fixada...esta possibilidade de sermos atravessados por correntes diversas e de escaparmos ao tanatismo da identidade”.

Damatta (1997) afirma que a rua no Brasil é um lugar “onde leis – e jamais entidades morais como pessoas – são os pontos focais e dominantes”, ou seja, onde o papel do estado regulador e opressor se faz mais presente.

Tudo isso revela gritantemente como o espaço público é perigoso e como tudo o que representa é, em princípio, negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora. O ponto crítico da identidade social no Brasil é, sem dúvida, o isolamento (e a individualização), quando não há nenhuma possibilidade de definir alguém socialmente por meio da sua relação com alguma coisa (seja pessoa, instituição ou até mesmo um objeto ou atividade). Nada pior do que não saber responder à tremenda pergunta: 'afinal de contas, de quem se trata?' (DAMATTA, 1997, p.59)

É justamente este poder homogeneizador e institucionalizador do estado que planifica as relações ao contrário de tentar tensioná-las. E conta, como diz Baitello (2005), com o fato de que atualmente violência é apenas o que está ao alcance de chocar o olhar.

E acabamos não tendo olhos e ouvidos para a violência que grassa nos meandros das relações interpessoais, nos vínculos familiares, nos complexos espaços das relações sociais, na codificação e nas leis constitutivas de sociedades e culturas, nos preceitos coercitivos dos tempos da vida e do trabalho e nas coerções brutais a que submetemos nosso próprio corpo, apenas em de hábitos e crenças alimentados pela era da visibilidade. (BAITELLO JÚNIOR, 2005, p.25)

Em tese de doutorado apresentada em 2004, a socióloga Camila Giorgetti comparou as representações sociais que diversos segmentos da sociedade (médicos e policiais, por exemplo) fazem dos moradores de rua nas cidades de São Paulo e Paris. O resultado foi: os parisienses, em sua maioria, encaram os sem-tetos como resultado de um processo excludente promovido pelos excessos do capitalismo, enquanto que os paulistanos os consideram única e exclusivamente responsáveis pelo estado em que vivem, principalmente quando levam em conta que a decisão de embriagar-se, por exemplo, é uma escolha individual.

Entre sem-tetos e policiais militares, em geral, há um convívio paradoxal e extremo, portanto sem tensionamento, principalmente entre aqueles que

escolhem praças, viadutos e marquises para se abrigarem. Há um sentimento que mistura medo, por conta de atos de violência, e proteção, visto que é nas forças policiais que eles se asseguram quando querem denunciar agressões. E com outros segmentos, os sem-tetos também mantêm relações comunicativas que apresentam distúrbios, justamente porque o espaço público funciona baseado em um “princípio abstrato de organização” (PROSS, 1989). E os reflexos podem ser vistos nas políticas públicas e, principalmente, nas representações sociais.

Em todos esses aspectos citados estabelecem-se distúrbios na comunicação que só tem feito agravar a situação. Partindo de um pensamento calcado em objetivos irreais<sup>33</sup>, o aspecto da comunicação torna-se secundário. Tornam-se mais importantes a domesticação, ou infantilização, dos sem-tetos. Os contatos com os mesmos são mediados partindo sempre de relações verticais (PROSS, 1989) tais como guardas civis, policiais, médicos e assistentes sociais. Os esforços, quando ocorrem, vão sempre na direção de se retirar o morador de rua do convívio social, optando por ações de albergamento que, como conseqüência, sedimentam a institucionalização.

Nas políticas que privilegiam a institucionalização, há a verticalização das relações, homogeneizando o tratamento e excluindo a possibilidade da comunicação presencial, mais imprevisível. Em um trecho da obra “Do Sexto Sentido – O Homem e o Encantamento do Mundo” (CYRULNIK, 1999) em que aborda a origem afetiva das perturbações alimentares, o autor dá a dimensão do que provoca a falta da angústia, na visão dele uma força motriz da criatividade e que obriga à cultura. É o auto-apaziguamento, que faz com que se deixe de procurar o outro, orientando “em direção a um destino solitário”, desritualizado. Giorgetti (2004) detectou isso em seu estudo ao avaliar os

---

<sup>33</sup> Aqui faço minha consideração aos profissionais que tratam a questão como insolúvel no sentido de que é possível tirar todas as pessoas que vivem em situação de rua. Isso não significa uma postura de resignação, mas o reconhecimento de que novas ações devem ser feitas, dentre elas a reconstituição dessas pessoas como seres que se vinculam, ou seja, se comunicam.

tratamentos dispensados aos moradores de rua em albergues de São Paulo, nos quais revelou promoverem uma “infantilização” dos sem-tetos.

As pesquisas revelam que a vida institucional, por suas características de rotinização, massificação e rígida disciplina, cria um ambiente de impessoalidade e falta de afeto, que pode prejudicar o indivíduo de várias maneiras. Os principais aspectos destacados pelas pesquisas como efeitos causados pela internação dizem respeito à formação da identidade do indivíduo e à inserção social. Crianças que passam um longo período de suas vidas dentro de internatos tornam-se, com frequência, indivíduos despreparados para a vida e enfrentam enormes dificuldades de aceitação e adaptação fora da instituição. (ROSA, 2005, p.132)

A homogeneização acaba por colocar todas as pessoas em situação de rua em um mesmo sistema de tratamento, colaborando para a institucionalização. Dessa forma aqueles que não possuem distúrbios mentais, envolvimento em crimes ou problemas com o consumo de drogas também acabam envolvidos em relações comunicativas indesejáveis e incomunicação, inviabilizando o resgate da autonomia. Quando ocorre a possibilidade de romper essa rotina da institucionalização é possível notar o prazer do resgate da autonomia. Isso é o que atesta o depoimento de José Fernandes, o Zeca, que participa do projeto da Revista Ocas, falando da sua saída definitiva de um albergue e ida para uma moradia provisória:

É uma moradia provisória administrada por uma organização, no caso é a Minha Rua, Minha Casa, mantida pela OAF (Organização de Auxílio Fraternal). A gente paga uma quantia mínima e mora como se fosse uma pensão. Você tem autonomia para sair e entrar a hora que quer. Tem que correr atrás da janta, coisa que no albergue não precisa fazer, já tem tudo pronto lá. Poder fazer a sua comida, nem que seja um ovo frito com pão, ajuda na sua formação. Não é que nem no albergue que você passa no bandeirão. A comida até é boa mas e aí? É passar e mandar pra dentro?!?! (JOSÉ FERNANDES, o Zeca, participante do projeto da Revista Ocas)



Os bancos antimendigos revelam a relação paradoxal que a sociedade paulistana mantém com a população de rua  
(Foto – Leonardo Guandelini)

A homogeneização também é reforçada pela hegemonia do pensamento privatizante dos espaços ditos degradados do Centro Velho de São Paulo. Dentre os vários aspectos está a transformação de antigos espaços e áreas em verdadeiros “museus a céu aberto”, como se congelando o tempo. Essa tendência, a qual Jeudy (2005) chama de “patrimonialismo” é fundamental para o estaque da comunicação, ou como o próprio chama, da “aventura da transmissão”.

Não faço uma apologia da vida na rua, mas as medidas claramente higienistas por parte do poder público são no sentido de resolver a questão impedindo a presença da população de rua no espaço público. Como muitos resistem a aceitar as regras dos albergues e já estão há muito tempo nesta situação, o tema acaba girando em torno das mesmas soluções. É a relação paradoxal que os paulistanos têm com os sem-tetos, como já citei nesse texto.

A Prefeitura de São Paulo fez reformas na Praça da Sé e na Praça da República, ambas no Centro, e ganhou destaque na imprensa o fato das mudanças urbanísticas revelarem a preocupação em impedir a presença de moradores de rua nesses locais com a colocação de bancos antimendigos. Como relata essa matéria da Folha de S. Paulo, de 22 de fevereiro de 2007, escrita pela jornalista Daniela Tófoli, a própria sociedade acaba legitimando esse processo de retirada dos sem-tetos das ruas.

Na tarde de ontem, pouco antes das 14h, a Folha observou três moradores de rua estirados sobre pontos do novo passeio. "Ficou pior. Antes, eles se deitavam nos bancos, que não ficavam no meio do caminho. Agora a gente tem de passar por cima", dizia a vendedora Rosa Amélia Pires, 28, que elogiou as outras mudanças no local. "Ficou tudo mais bonito, tirando os mendigos." A secretária Madalena Pinheiro, 32, também reclamava. "Não adianta colocar esses bancos porque, além de reduzir o espaço para a gente descansar, não resolve o problema [da retirada dos moradores da praça]", comentava. "Era preciso mandá-los para um abrigo."

Dentro da Revista Ocas é possível ver um reflexo dessa homogeneização. Faz parte das regras da publicação que o morador de rua siga um código de conduta com dez regras, algumas delas notadamente preocupadas com os preconceitos que a sociedade tem para com quem é sem-teto e com a instabilidade emocional de quem participa do projeto. Caso da regra 3 em que há a ameaça de afastamento daqueles que oferecerem a revista bêbado ou sob influência de drogas ilícitas.

Essas são as regras:

#### CÓDIGO DE CONDUTA

Este código foi elaborado para facilitar o sucesso de nossos vendedores. Será afastado o vendedor que estiver envolvido em qualquer uma das situações a seguir:

1. Se for usada linguagem racista, sexista ou ofensiva com o público em geral, a equipe da Organização Civil de Ação Social ou das instituições parceiras;
2. Se houver comportamento agressivo ou violento contra o público ou qualquer integrante da organização ou instituição parceira;
3. Se o vendedor oferecer Ocas<sup>34</sup> bêbado ou sob influência de drogas ilícitas;
4. Se o vendedor brigar por ponto de venda com outros vendedores da revista ou com outras pessoas que ganham a vida nas ruas;

---

<sup>34</sup> Quando Ocas vem grafada com aspas refere-se à revista. Quando vem sem aspas refere-se a ong

5. Se pedir qualquer tipo de doação enquanto usa o crachá de identificação da Ocas”;
6. Se usar o nome da Organização Civil de Ação Social ou da revista para pedir qualquer coisa pra o público;
7. Se vender edições atrasadas da Ocas” sem informar o leitor;
8. Se pedir um valor superior ao preço estipulado na capa da revista;
9. Se estiver acompanhado de criança durante a venda da publicação;
10. Se oferecer outros produtos ou serviços que não estejam claramente vinculados à Ocas enquanto identificado como integrante desse projeto. Solicitamos que tal ocorrência seja comunicada à Organização Civil de Ação Social. Os vendedores identificados com o equipamento da organização (crachá, colete, camiseta etc.) são orientados a vender exclusivamente a revista e/ou produtos diretamente relacionados ao projeto.

Essas regras revelam que o tensionamento da comunicação no espaço público passa por uma crise. A inserção que a Revista Ocas proporciona ao morador de rua e a quem tem contato com quem está envolvido no projeto é um processo transformador que, no entanto, precisa ocorrer de forma lenta e gradual. Romper a homogeneização e a institucionalização da população de rua passa decisivamente pela vontade da sociedade aceitar esse contato de forma saudável.

expediente ■■■

29


**REDAÇÃO**  
 redacao@ocas.org.br
**Edição**

Denise Mota

**Subedição**

Rosi Rico

**Edição de Imagens**

Antonio Brasileiro e João Sal

**Projeto gráfico**

Luciana Wolf

**Webdesign**

Z+O estúdio

**ORGANIZAÇÃO CIVIL DE AÇÃO SOCIAL**

ocas@ocas.org.br

**Conselho Executivo****Presidente**

Guilherme Araujo

**Vice-presidente**

Luciano Ferreira Rocco

**Secretário Administrativo-****Financeiro**

Alderon P. da Costa

**Secretário Editorial**

Márcio Seidenberg

**Secretário de Programas****e Projetos**

Rodrigo Ciriáco

**Conselho Fiscal**

Kenia Rezende

Luciana A. B. Mello

José Carlos Melo

**Assessoria jurídica**

Valdir Assef Jr.

**Atendimento ao vendedor**

Marcos José Dias (SP)

Flávio Rodrigues (coord. esportivo)

**Assessoria de imprensa**

Natalie Catuogno Consani

Tel.: 0/xx/11/5579-4535;

na\_katu@uol.com.br

**Suplentes:** Flávio Rodrigues, Gabriel Menezes, Giovana Manfredi, Rosi Rico e Tânia Ribeiro Canhadas

Se você quer trabalhar em atividades da Ocas" como voluntário, escreva para voluntarios@ocas.org.br

**Agradecimentos:**

Adriana Valle Mota, Alan de Faria, Antonio Filipe Domiano, Associação Solidários Amigos de Betânia, André Barreto, Bárbara Falcão, Bibiane Riveros, Bob Wolfenson, Caio Corsette, Campbell Morgan, Carlos Miele, Carvall, Cleisa Rosa, Deraldo Pereira da Silva, Érica Freitas, Fnac, Hjalmar-Jorge Joffre-Eichhorn, Jordana Viotto, Jorge Martinelli, Jorge Muñoz, Laila Veda, Litokromia, Maria Alice Vassimon, Marcelo Goldberg, Marpe Facó, Michel Neuhaus, Mônica Hog, Patricia Merkin, Paula Poltronieri, Rádio 9 de Julho - Jornal dos Trabalhadores, Rede Rua, Roberto Casali, Rui Branquinho, Sandra Amaral Rocco, Tânia Rodrigues, Telma dos Reis, Uerj - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Vidal Lannes, VCP-Votorantim Celulose e Papel,W/Brasil

## CÓDIGO DE CONDUTA

Este código foi elaborado para facilitar o sucesso de nossos vendedores. Será afastado o vendedor que estiver envolvido em qualquer uma das situações a seguir:

1. Se for usada linguagem racista, sexista ou ofensiva com o público em geral, a equipe da Organização Civil de Ação Social ou das instituições parceiras;
2. Se houver comportamento agressivo ou violento contra o público ou qualquer integrante da organização ou instituição parceira;
3. Se o vendedor oferecer Ocas" bêbado ou sob influência de drogas ilícitas;
4. Se o vendedor brigar por ponto de venda com outros vendedores da revista ou com outras pessoas que ganham a vida nas ruas;
5. Se pedir qualquer tipo de doação enquanto usa o crachá de identificação da Ocas";
6. Se usar o nome da Organização Civil de Ação Social ou da revista para pedir qualquer coisa para o público;
7. Se vender edições atrasadas da Ocas" sem informar o leitor;
8. Se pedir um valor superior ao preço estipulado na capa da revista;
9. Se estiver acompanhado de criança durante a venda da publicação;
10. Se oferecer outros produtos ou serviços que não ESTEJAM CLARAMENTE VINCULADOS À OCAS enquanto identificado como integrante deste projeto. Solicitamos que tal ocorrência seja comunicada à Organização Civil de Ação Social. Os vendedores identificados com o equipamento da organização (crachá, colete, camiseta etc.) são orientados a vender exclusivamente a revista E/OU PRODUTOS DIRETAMENTE RELACIONADOS AO PROJETO."

Todos os vendedores são maiores de 18 anos, selecionados e treinados pela Organização Civil de Ação Social ou por instituições parceiras. São portadores de uma identificação, que deverá ser usada em local visível. O vendedor que não conseguir vender todos os exemplares da revista poderá trocá-los gratuitamente por quantidade igual de edições novas.

O código de conduta dos participantes da Revista Ocas é publicado em todas as edições

## 2.2 Esvaziamento dos ritos

O reflexo dessa relação conflituosa no espaço público envolvendo os moradores de rua é o esvaziamento dos ritos. Ao oferecer apenas a condição do alimento e local para dormir e focar exageradamente na patologização do morador de rua e no ethos do trabalho exclui-se a possibilidade do risco, do imprevisível, do encontro que molda e emancipa. Mata-se a possibilidade da formação de rituais e o uso dos artifícios para o resgate da autonomia.

A homogeneização da população de rua, que coloca em um mesmo patamar aqueles que têm distúrbios mentais, envolvimento com drogas com outros que estão aptos a se comunicarem, colabora para isso. Está fora de qualquer debate sobre população de rua a possibilidade de reinserção social e resgate de autonomia pela comunicação presencial no espaço público. E também se discute poucas alternativas a institucionalização e o reflexo disso na convivência cotidiana.

Afirma Lorenz (1973):

O amontoamento de muitos homens em pequenos espaços conduz não só indiretamente, através da exaustão e enfraquecimento das relações inter-humanas, às manifestações de desumanização, mas desencadeia ainda imediatamente o comportamento agressivo. (LORENZ, 1973, p.21)

Essa lenta agressão ao mundo interior de cada sem-teto resulta nas dificuldades que o mesmo tem para se comunicar no espaço público. E sem a possibilidade de se comunicar, a formação de ritos acaba não ocorrendo. Segundo Cyrulnik (1995), “um mundo sem ritos é um mundo bruto, reduzido à matéria, ao peso e à medida, enquanto um mundo ritualizado instila a história nas coisas, dá-lhes um sentido e nos permite conviver. Um mundo sem ritos é

um mundo desagregado onde os indivíduos dessolidarizados se esbarram, e encontram ou se antagonizam ao sabor de seus impulsos ou de suas necessidades”.

Quando os mesmos não funcionam como um mediador, um harmonizador entre as pessoas, predomina a violência (CYRULNIK, 1995). E a mesma pode ser simbólica, como afirma Pross, se avaliarmos o que cito no início do texto revela: de acordo com a sociedade paulistana, o morador de rua é culpado pelo seu estado, portanto, apto a se tornar um não-sujeito. Há erros do desenvolvimento da empatia que levam a formação do paranóico, do perverso e, em especial para esta análise, do melancólico (CYRULNIK, 2005). Este último, característica marcante nos moradores de rua, como revelam os estudos, conduzem a uma despersonalização.

Os ritos no espaço público são vitais para que o resgate da autonomia da população de rua que está apta a comunicação presencial. Além da possibilidade do encontro, é importante usar de um meio de amplo domínio do sem-teto, que é a rua, para que esse processo seja deflagrado, rompendo com as amarras da institucionalização. Como afirma Hillman (1993):

Caminhando, estamos no mundo, encontramos-nos num lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com um nome. A mente é contida em seu próprio ritmo. Se não podemos caminhar, para onde irá a mente? (...) Uma cidade que não permite caminhar não é também uma cidade que nega uma moradia para a mente? Podemos estar nos dirigindo, literalmente dirigindo-nos, para a loucura simplesmente por não cuidar dessa necessidade humana fundamental de caminhar. (HILLMAN, 1993, p.53)

Romano (2000) também ressalta essa necessidade da comunicação estar associada ao meio:

A competência comunicativa compreende, essencialmente, o seguinte: capacidade de perceber o entorno natural e social e expressar as necessidades próprias interagindo com o entorno. Isto pressupõe experiências correspondentes em situações sociais e espaços experimentais. (ROMANO, 2000, p.5)

Participante da Revista Ocas, Rubens Lopes mostra em um depoimento como a situação de rua é relacionada diretamente com a impossibilidade da comunicação presencial:

As pessoas se admiram pela minha forma de se expressar. Dizem que eu trato bem, que eu converso bem. Dizem que eu nem pareço uma pessoa que já ficou em situação de rua. Às vezes as pessoas chegam até a duvidar. (RUBENS LOPES, participante do projeto da Revista Ocas)

Como relata Cyrulnik: “Age-se pouco, para não se expor ao mundo social que conluia; fala-se pouco, pois é preciso desconfiar e não se entregar dando argumentos que poderiam voltar-se contra nós; ama-se pouco, pois a demonstração afetiva é, certamente, uma tentativa de sedução para nos manipular”. Mesmo quando pessoas, organizações não governamentais ou religiosas realizam ações beneficentes como distribuição de roupas e comida, denota-se o esvaziamento nos rituais de comunicação com os moradores de rua. É uma relação mediada a distância.

Importante citar experiência que vivenciei durante esta pesquisa e que exemplifica essa relação paradoxal. Parado em um semáforo, próximo ao viaduto que dá acesso ao Elevado Costa e Silva, no Brás, vi um homem abrir a janela do seu veículo e chamar uma moradora de rua que estava arrumando suas coisas. Ele lhe estende um saco contendo restos de um panetone<sup>35</sup> e dá a ela. Situações como essa são corriqueiras e até estimuladas. Não que não

---

<sup>35</sup> Este fato ocorreu dias após as comemorações de Natal.

devam ocorrer, mas denotam, dentro do contexto da nossa pesquisa, uma situação de distúrbio comunicacional.

Não cabe a este estudo questionar a viabilidade dessa ou daquela ação. Apenas quero tornar visível que há uma relação viciada que impossibilita o vínculo. Damatta (1997) afirma que, no Brasil, “há uma linha semântica, onde o eixo da vida pública (do universo da rua) é englobado pelo eixo da casa”, ou seja, as soluções encontradas para a questão dos sem tetos não são tão diferentes aquelas tomadas quando uma criança é considerada inoportuna em casa: ficar de castigo no quarto.

Onde os processos de resgate de autonomia de pessoas em situação de rua possuem falhas é, justamente, na negação da necessária reconstituição dos complexos e infinitos processos comunicativos. Ainda há, guardadas as intenções beneméritas das ações, uma reafirmação da imagem plana do sem teto, sem suas peculiaridades, cultura e história. Como afirma Baitello (2005) “não importa ser, importa parecer”<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Segundo Baitello Júnior (2005), “o nascente como direção de vida levou-nos portanto a nos transformarmos em imagens de nós mesmos, imagens de corpos, imagens de profissionais, imagens de pais, imagens de cidadãos, imagens de humanos”

#### 4. A VENDA DA REVISTA OCAS: CRIAÇÃO DE VÍNCULOS

“No meio da Rua Vercingetorix, o sujeito grandalhão pegou Mathieu pelo braço. Um guarda passeava na calçada oposta.

- Me dá qualquer coisa, patrãozinho, ´tou com fome.

Tinha os olhos muito unidos e os lábios grossos. E recendia a álcool.

- Não será sede que você tem? – indagou Mathieu.

- Juro que não, velho – disse com dificuldade – juro que não

Mathieu descobrira uma moeda de cinco francos no bolso:

- No fundo não me interessa, perguntei por perguntar;

E deu a moeda.

- O que você está fazendo é de justiça – disse o sujeito, apoiando-se à parede; - quero te desejar uma coisa formidável. Mas que é que te vou desejar?

Refletiram ambos. Mathieu atalhou:

- O que você quiser.

- Pois então vou te desejar felicidade – respondeu o outro – Certo?

Riu triunfante. Mathieu viu o guarda aproximar-se e receou que prendesse o camarada.

- Bom – disse, adeus.

Quis afastar-se, mas o homem o alcançou.

- A felicidade não basta – insistiu, engrolando – , não basta...

- Puxa! Que mais você quer?

- Quero te dar uma coisa.

- E eu vou te prender por mendicância – disse o guarda.

Era muito jovem, muito rosado e fazia esforço por ser mostrar duro.

- Há meia hora que estás aí aporrinhando os transeuntes – acrescentou com firmeza.

- Não está mendingado – disse Mathieu com vivacidade – Estamos conversando.”

(SARTRE, 1972, p. 13)

Chegamos ao ponto onde os aspectos históricos formadores da identidade paulistana, que relegam ao morador de rua o papel de reafirmação do sistema, e o consequente esvaziamento dos ritos no espaço público exigem rupturas. Esses distúrbios geram comunicações indesejadas e incomunicação, pouca vontade para o exercício complexo da criação de vínculos e relações. É necessário que se proponha alternativas a este processo linear de endurecimento da sociedade, cada vez mais afeita ao contato.

Neste capítulo abordo alguns caminhos e estratégias para que esses distúrbios na comunicação sejam amenizados no que diz respeito aos

moradores de rua. Para isso utilizo a experiência empreendida pela Organização Não Governamental Ocas (Organização Civil de Ação Social) na Cidade de São Paulo. A entidade é responsável pela produção da revista que leva o nome da entidade, vendida exclusivamente por sem-tetos, uma ação que permite aos mesmos a comunicação presencial no espaço público, possibilitando o ressurgimento da aventura da transmissão (JEUDY, 2005). Reafirmo que utilizo o conceito de comunicação horizontal criado pelo pensador alemão Harry Pross, para quem as relações transversais abrem horizontes, visto que relativizam as diferenças de classes. Como afirma o coordenador da Associação Rede Rua, Alderon Costa:

A relação vertical mata o sonho. Mata a possibilidade dessas pessoas abandonarem essa realidade. A tendência é se afundar mais na violência, no álcool, na droga. A relação horizontal aponta para a saída. A pessoa não sai da rua apenas com um emprego. (ALDERON COSTA, coordenador da Associação Rede Rua)

A pessoa em situação de rua é relegada a uma função imaginária dentro da sociedade. Cabe a ela existir como símbolo de reafirmação do sistema, onde as escalas sociais de sucesso e fracasso precisam ficar visíveis. Romper este círculo, por meio da aventura imprevisível da comunicação, é de fundamental importância para que novos paradigmas de convívio sejam estabelecidos, ou como afirma Cyrulnik (1999), para que se abra a possibilidade para o encantamento. Ainda citando o neuropsiquiatra francês, importante dizer que “o homem é duas vezes enfeitiçado: pela evolução que molda o seu mundo e suscita o pensamento que molda o seu mundo”. E, conforme Damatta (1997), para se entender essa sociedade brasileira é preciso captá-la em movimento e esse movimento vai no sentido da relação e da conexão.

O projeto empreendido pela Ocas é, sem dúvida, um rompimento nas estratégias voltadas para o resgate da autonomia de sem-teto ao permitir que a pessoa em situação de risco suscite o pensamento que vai moldar o seu mundo. É o resgate do espaço público como lugar de comunicação em mídia primária<sup>37</sup> que chama a atenção. Justamente esse contato é o que promove as grandes transformações na estima do vendedor, daí a importância e originalidade do projeto. Como afirma Romano (2000)

Para as teorias da socialização e da psicologia social sabe-se serem essenciais as relações comunicativas para a formação da identidade, para a capacidade de se relacionar com outros e para a competência comunicativa. A saúde mental e a capacidade para delimitar o trato com outras pessoas e declarar-se solidários a elas, tudo isto se aprende na interação direta com o entorno natural e social. (ROMANO, 2000, p.7, tradução nossa)

O movimento dos *street papers*<sup>38</sup> na qual se insere a Revista Ocas surgiu em 1991 quando começou a circular em Londres a The Big Issue, uma revista de variedades produzida por um corpo voluntário que tinha a proposta de ser vendida por sem-tetos pelas ruas da cidade. Era um empreendimento que tinha, declaradamente, a intenção de ser oposição aos tradicionais métodos de políticas voltadas para as pessoas em situação de risco social na Inglaterra, em especial a institucionalização.

---

<sup>37</sup> “Harry Pross, em seu pioneiro e surpreendente livro de 1972 *Medienforschung* (Investigação da Mídia) classifica o corpo como a primeira mídia do homem, como ‘mídia primária’, aquela que funde ‘em uma [única] pessoa conhecimentos especiais’. Esta pessoa torna-se então a mídia. É essa a comunicação que ocorre no flerte, na articulação e na leitura dos gestos e da mímica facial, no movimento e deslocamento no espaço dos estudantes, sindicalistas, movimentos populares e pequenos produtores da agricultura que vão às ruas em passeata, demonstrando com o próprio corpo seu descontentamento” (BAITELLO JÚNIOR, Norval . A mídia antes da máquina. JB Online Caderno de Idéias, 1999)

<sup>38</sup> O primeiro street paper voltado à realidade dos homeless foi o Street News, que entrou em circulação em Nova York em novembro de 1989. Mas foi com o londrino The Big Issue que o movimento ganhou projeção e foi se expandindo para outros países de forma organizada.

Sua originalidade estava em ser uma publicação de rua vendida por pessoas que tinham uma oportunidade de se mover e tomar decisões sobre suas próprias vidas (...) Quando a The Big Issue apareceu em setembro apresentou um método contrário aos trabalhos sociais que se calcavam nos donativos e dependência. Trouxe um concreto conhecimento aos sem-tetos, encorajando-os a se verem como consumidores” (SWITHINBANK, 2001, p.8, tradução nossa)

A proposta de publicações de rua iniciadas pela The Big Issue londrina, curiosamente, aspectos das ditas políticas de esquerda, notadamente sociais, e as de direita, calcadas no livre mercado. Mesmo sendo um empreendimento fundamentado na solidariedade a publicação tem uma linha editorial baseada em questões de interesse geral, desde política até os últimos lançamentos da música e do cinema, fugindo de uma proposta panfletária que a segmentaria demais diminuindo o interesse. Fato de que a estratégia deu certo se comprovou nos anos 1997 e 1998 quando a publicação atingiu a marca de 280 mil exemplares vendidos no Reino Unido. Hoje há versões da The Big Issue na Namíbia, África do Sul, Japão e Austrália.

O aparecimento de novas publicações de rua em vários países levou a formação, em 1994, da *Internacional Network of Street Papers (INSP)*, surgida justamente dentro do departamento internacional da The Big Issue londrina que já se expandia pelo Reino Unido. A proposta era de promover o crescimento de street papers ao redor do mundo oferecendo consultoria e divulgando os preceitos da organização. Em casos como o da The Big Issue da Namíbia o alcance da revista suplantou até a sua função social.

Nossos leitores falam que amam, especialmente porque é a única revista mensal de assuntos gerais no país que fala para e sobre namíbios. Nós temos noticiado os efeitos que algumas de nossas histórias tem tido sobre as corporações que, após lerem sobre organizações que precisam de auxílio, tem as ajudado financeiramente. (SARAH TAYLOS, editora da The Big Issue Namíbia)

Street Trade, Not Street Aid

November 6 - 12 2006 No. 718

# THE BIG ISSUE

£1.40				
-------	--	--	--	--

80p of cover price goes to vendor. Please buy from badged vendors only

## THE ARTS SPECIAL

Ralph Steadman, Blek Le Rat, a theatre revolution and all the sights and sounds of the autumn arts shows



Capa da The Big Issue, publicação de rua que começou a circular em Londres em 1991 e deu início ao movimento mundial de *street papers*



Homeless vendendo a The Big Issue nas ruas de Londres

Em outros exemplos como a da Megaphon, uma *street paper* austríaca, é possível perceber a complexidade da formação de populações de rua ao redor do mundo e como projetos que estimulam a comunicação presencial permitem um melhor convívio social.

Megaphon é vendida em sua maioria por imigrantes vindos da África. As pessoas levaram um tempo a se acostumarem aos vendedores. Mas as atitudes dos austríacos em relação aos imigrantes africanos têm mudado drasticamente nos últimos anos. Como não têm permissão para trabalhar têm apenas duas escolhas: sentar e esperar um abrigo ou sair e vender a publicação. Como resultado o número de pessoas que estão interessadas em vender nosso street paper está aumentando dia após dia. (JUDITU SCHWENTHER, editora do Megaphon, street paper austríaca)

Atualmente a INSP congrega 80 publicações de rua espalhadas por 27 países. A entidade vem promovendo, ano após ano, a Homeless World Cup, uma copa do mundo de futebol com equipes nacionais formadas por pessoas em situação de risco social. Já houve edições do torneio na Áustria, Suécia, Escócia e África do Sul envolvendo seleções com jogadores que vendem publicações de rua.

A Revista Ocas é um exemplar brasileiro de *street paper*<sup>39</sup> e foi lançada em 6 de julho de 2002 em São Paulo e em 8 de julho do mesmo ano no Rio de Janeiro. A publicação surgiu influenciada pelo trabalho da The Big Issue londrina e pelo primeiro exemplar latino do gênero, a argentina Hecho em Buenos Aires. A OCAS também segue os preceitos estabelecidos pela INSP. O projeto funciona da seguinte forma: todos os vendedores da revista são pessoas em situação de risco social; após tomarem conhecimento dos princípios do projeto, recebem uma credencial, uma indicação de área de venda e exemplares gratuitos para iniciarem o trabalho; a partir disso passam a

---

<sup>39</sup> O primeiro exemplar brasileiro de *street paper* é o jornal gaúcho Boca de Rua, criado em 1999 e também afiliado a INSP

comprar cada exemplar por R\$ 1,00 e a revender pelo preço de capa, R\$ 3,00. Ficam com a diferença no ato da venda (R\$ 2,00).

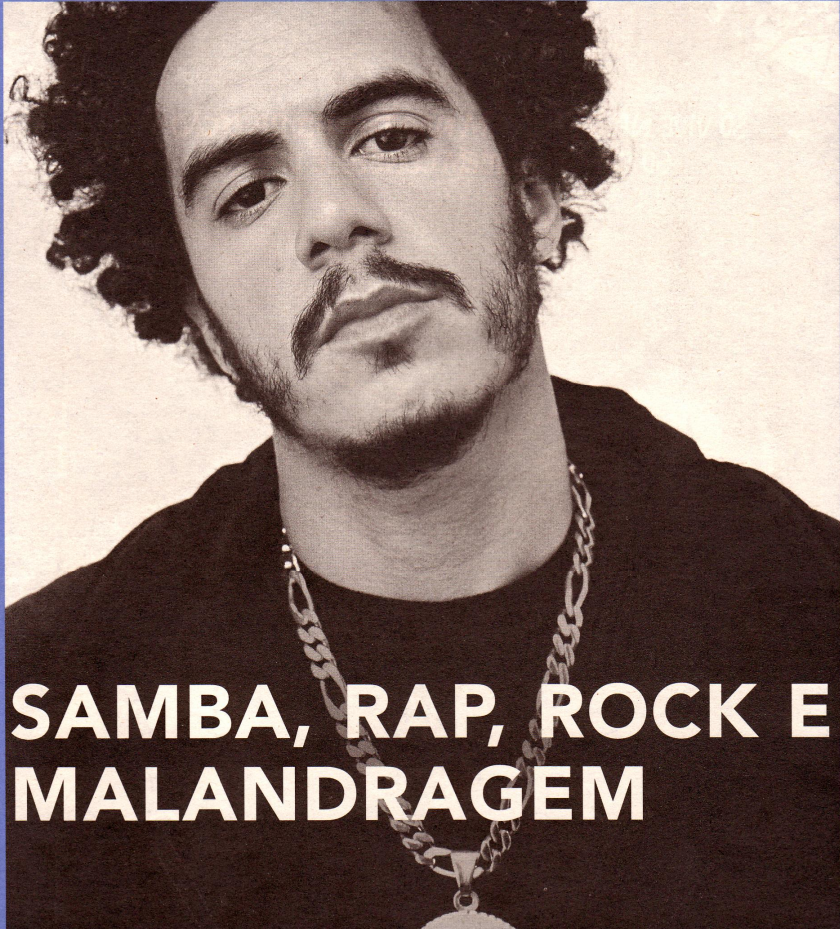
O que a experiência paulistana da Ocas tem proporcionado é uma possibilidade de resgate da autonomia que passa, decisivamente, pela comunicação presencial. Não se forja um processo comunicacional, visto que o mesmo não é linear. É preciso que se criem situações propícias diversas para que aconteça essa aventura da transmissão (JEUDY, 2005), reconhecendo antes de tudo a sua complexidade. O que a venda de uma publicação de rua promove é justamente uma dessas alternativas, a passagem simbólica de uma relação vertical para uma relação horizontal de comunicação, que se constrói gradativamente.

Existe uma barreira entre dois mundos e a Ocas faz a ponte. Se você conseguir passar a ponte vai em frente. Uma coisa que percebo é que quando alguém chega aqui geralmente fala pouco, olha para o chão. Depois ele começa a se preocupar com a aparência e dá pra ver a mudança nas roupas, no corte de cabelo. (GUILHERME ARAÚJO, presidente do Conselho Executivo da Ocas)

Desde o início da sua circulação, mais de 1200 pessoas tiveram experiências como vendedores da revista. No total, aproximadamente 150 mil exemplares foram comercializados, representando, de acordo com a entidade, mais de R\$ 300 mil transferidos diretamente para os moradores de rua. A ponte a ser ultrapassada revela a necessidade de que se dêem três passos bilaterais (dos moradores de rua e da sociedade): narrativizar (por parte dos moradores de rua vendedores da revista); humanizar as passagens (por parte da sociedade); e, principalmente, o reconhecimento da complexa característica das relações e dos vínculos de comunicação (por ambos).

**Ocas**  
saindo das ruas

março 2004  
20



**SAMBA, RAP, ROCK E MALANDRAGEM**

Consagrado pelo sucesso de "À Procura da Batida Perfeita", Marcelo D2 funde gêneros e fala sobre a vida no primeiro time da música brasileira, disco acústico e a mudança para São Paulo

R\$ 1,50 do preço de capa vai para o vendedor. Por favor compre somente de vendedores autorizados.

**R\$2,00**

A linha editorial baseada em assuntos como cultura e comportamento é a estratégia da Revista Ocas para atingir um público que está distante dos moradores de rua

### 3.1 Narrativizar

Ao romper a barreira estanque da incomunicação deixando de ser apenas um ser “imaginário”, o primeiro passo que o morador de rua dá é em direção a reconquista da sua própria narrativa. Aqui trabalho esse conceito baseando-me no fato de que são pessoas que sofreram grandes restrições afetivas e cujo convívio com a memória é, por vezes, perturbador. É necessário, portanto, que esses elementos constituam a formação do seu aparato comunicacional de forma a permitir a sua resiliência, ou seja, a retomada do desenvolvimento após um trauma. O coordenador da Associação Rede Rua, Alderon Costa dá o diagnóstico da situação:

A primeira coisa que a pessoa perde quando vai pra rua é o nome. Primeiro perde os documentos, quando não perde o sapato primeiro. Ele dorme e outros vêm e levam. Começa a ser chamado de paraíba, preto, negro, pernambucano. Percebendo isso, uma coisa que nós insistimos em todo trabalho é que todos têm um nome e cada nome tem uma história. Quando se conhece o nome, você tem um poder sobre as pessoas. Se eu chego em uma maloca e digo Ezequias, João ou Feliciano você vê a diferença. Ele imediatamente te cumprimenta e passa a ter outra relação com você. (ALDERON COSTA, coordenador da Associação Rede Rua)

Como afirma Cyrulnik:

Só se pode falar de resiliência quando ocorreu um traumatismo seguido da retomada de algum tipo de desenvolvimento, a reparação de uma ruptura. Não se trata do desenvolvimento, a reparação de uma ruptura. Não se trata do desenvolvimento normal, na medida em que o traumatismo inscrito na memória passa a fazer parte da história do sujeito como um fantasma que o acompanha. A pessoa ferida na alma poderá retomar um desenvolvimento a partir de então desviado pela violação de sua personalidade anterior. (CYRULNIK, 2005, p.6)

Como a venda da Revista Ocas é baseada exclusivamente na decisão do vendedor aceitar o desafio ou não, excluindo qualquer obrigatoriedade de participar de terapias e outras atividades, há um choque entre dois mundos. Ele sai de um ambiente onde estava instrumentalizado, infantilizado na condição de recebedor passivo de benefícios (albergues, alimentação, roupas) para ser agente direto do resgate da sua autonomia. E, para isso, é preciso lançar mão da sua história, seu grande artifício.

O projeto da Revista Ocas permite que os moradores de rua tenham uma real noção do estado em que ficaram privados da comunicação presencial saudável. A narrativa que vai se construindo revela a passagem entre dois mundos e é constante a presença dos antes e depois de tornar-se participante da venda da publicação nos depoimentos

Você cria vínculo com quem tá na rua. E você começa se achar igual e começa a beber ficar largado. Você só cria este tipo de vínculo. Quando você sai disso e começa a fazer outros vínculos com a sociedade, com universitários, você muda muito bem. (MARCOS DIAS, ex-vendedor da Revista Ocas, hoje funcionário da ONG)

Eu tenho um problema de isolamento. Ainda sou um pouco tímido. Não sou uma pessoa que ainda se comunica bem com outros. Fico mais isolado do que conversando. Mas isso não impede de me comunicar bem na hora de vender a revista. (RUBENS LOPES, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

O objetivo é aproximar-se do outro e vender a revista e, por mais que lhe seja por vezes incômodo, sua narrativa é o grande artifício para que o processo de resiliência seja iniciado. Cyrulnik (1995) afirma que, quanto mais a separação permitir a individualização, mais se deve aperfeiçoar a comunicação. Ou seja, da forma que o morador de rua vai adquirindo cada vez mais sua autonomia cresce cada vez mais sua necessidade de reafirmação pessoal.

É, no entanto, uma ação que envolve não só o morador de rua, mas também o outro. Esse outro, comprador da Revista Ocas, sublima, porém, não esquece a quem está se dirigindo. O que muda é a forma que isso ocorre. A compaixão ou repugnância, que ensejam falta de comunicação ao pressupor distância, é substituída pela aventura da troca e da transmissão (JEUDY, 2005). Mas se essa aventura é difícil para quem precisa se despir dos preconceitos, também é complexa para quem está reconstituindo a estima. É um período importante de passagem, pois é o momento onde a narrativa passa a ser um elemento constitutivo da imagem do vendedor. E se não souber trabalhar isso não se torna um artifício.

Muitos que vêm aqui acabam não continuando porque justamente significa um trabalho de contato físico com o leitor de outra classe social, de outra região. É complicado sair do Centro, que é uma região protegida para quem está em situação de rua por conhecer os esquemas, as pessoas, e ir vender a revista na Avenida Paulista, nos Jardins, e dar de frente com uma pessoa que sempre tratou você com preconceito. (GUILHERME ARAÚJO, presidente do Conselho Executivo da Ocas)

O depoimento do vendedor Marcos Dias, um dos mais antigos e hoje funcionário da Ocas, revela que este rito de passagem é realmente sutil, demarcando a mudança entre dois mundos diferentes. Este conflito totalmente administrado pelo vendedor é o seu grande rito de passagem<sup>40</sup>, elemento transformador para que construa um novo mundo simbólico ao seu redor.

No meu primeiro dia fiz o cadastro. Ganhei cinco revistas da Nega Giza (segunda edição da Revista Ocas). Como eu conheço a Cidade Universitária pensei em ir até lá. Peguei o ônibus, passei por debaixo

---

<sup>40</sup> “Para os intervalos regem normas que o antropólogo holandês Arnold Van Gennep destacou em 1909 como ‘ritos de passagem’, rituais de passo e transição. Trata-se de cerimônias para o abandono de uma ordem para entrada em outro, como batismos, ritos de puberdade, cerimônias de fecundidade, mudanças de estados na vida individual, que as convenções simbolizam como processos sociais” (PROSS, 1989, 57, tradução nossa)

da roleta, e dei sorte porque estava tendo um congresso da Faculdade de Psicologia, lotado de gente. Vendi tudo em dez minutos. Pensei: - o que faço agora?. Comprei tudo de revista e voltei para a USP todo empolgado. Só que o segurança me barrou. Nos dois dias seguintes não vendi nada. Quase joguei tudo fora. Tava desanimado no albergue. Aí um outro vendedor, o Antonio Cezar, me levou na Avenida Paulista e vendemos. (MARCOS DIAS, um dos primeiros vendedores e hoje funcionário da Ocas)

O que Marcos Dias passou remonta ao que o pedagogo e filósofo Paulo Freire chama de “medo da liberdade”. Representa não apenas uma oposição ao sistema que o oprime com violência e incomunicação, mas também ao seu próprio condicionamento à vida que leva, às vezes por anos, e que, mesmo degradante, torna-se seu status quo. Percebe-se isso quando afirma “tava desanimado no albergue”, que é o seu único porto seguro nos momentos de fragilidade.

Sofrem uma dualidade que se instala na “interioridade” do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmo ou serem duplos. Entre expulsarem ou não ao opressor de ‘dentro’ de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam, na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo. (FREIRE, 1970, p.19)

A experiência da comunicação presencial também permite que o morador de rua utilize seu próprio repertório de assuntos, que por vezes ficaram submersos na incomunicação das ruas e dos albergues. Caso do participante do projeto Dario Bertolucci, há quatro anos vendendo a Revista Ocas, que utiliza dessa estratégia narrativa para reconquista a autonomia. Dario é vegetariano.

Eu sou vegetariano, saí mais barato. Eu faço questão de falar isso porque não é nenhum motivo pra não falar. É bom pra mim, pro País, bom pro meio ambiente. Eu acho que isso me ajuda muito a passar esse material (a revista) para a sociedade. Preservando meio ambiente a gente vai ter uma sociedade muito melhor. Valorizando uma alimentação saudável eu vou poder valorizar o ser humano, a vida. Eu não me entrego às exigências desnecessárias do corpo como o ato de beber, fumar. (DARIO BERTOLUCCI, participante do projeto da Revista Ocas)

Há, também, um elemento de extrema importância para a narrativização que é a Coluna Cabeça sem Teto, uma oficina de criação coordenada pelo jornalista Márcio Seinderberg que resulta na publicação de textos dos próprios vendedores em algumas páginas da Revista Ocas<sup>41</sup>. Nos textos colhidos pelos voluntários que auxiliam na atividade é possível notar que a vivência na imprevisibilidade da comunicação é transformadora. E é possível, também, notar como essa passagem é complexa.

Estava vendendo a Ocas” no Pátio do Colégio, centro de São Paulo, quando me aproximei de um casal - um senhor de idade com uma mocinha de pouco mais de 20 anos. De primeira o homem me olha por baixo dos óculos e diz que estava em horário de almoço, explicação esta que não me convenceu, mas a impossibilidade de abordar outra pessoa naquele momento me fez insistir na conversa. A resposta que obtive foi um ‘vá à m...’, o que, para mim foi um supetão de desrespeito. Ah! Mas logo reagi! A resposta foi imediata: ‘com todo respeito, vá a m...o senhor’. O sujeito ficou possesso e veio com aquela história de ‘você não sabe com quem está falando?’. Eu disse: ‘não sei com quem estou falando, mas sei que estou tentando trabalhar e o senhor me manda à m...Quem é que está errada?’. A reação dele foi virar as costas, não contra-argumentar e, de quebra, ainda dar um sorrisinho sarcástico. (JOSÉ FERNANDES, o Zeca, vendedor da Revista Ocas)

---

<sup>41</sup> É importante recordar que, por seguir os preceitos da INSP, a Revista Ocas tem a proposta de ser uma revista de variedades para consumo geral e não uma publicação panfletária. Como afirma o presidente da ONG, Guilherme Araújo: “eu queria deixar claro que a meta da Ocas não é ser feita totalmente pelos vendedores. O objetivo é gerar renda e tem que agradar o leitor da classe média e da classe média-alta. Por mais que a nossa proposta seja politicamente de esquerda ao dar oportunidade trabalho aos marginalizados que a sociedade fecha a cara a nossa revista não pode ser um panfleto comunista. Tem que ter um conteúdo agradável que agrade o leitor.”



Marcos Dias é um dos antigos participantes do Projeto da Revista Ocas. Hoje é funcionário da ong, responsável pelo atendimento aos vendedores da publicação

A história foi na Faculdade de Educação da USP com um casal. Não sei se a moça odiava vendedores, mas ficou histérica ao me ver, dizendo que não queria saber de nada, que estava com muita pressa. O cara começou a rir e ela sapateava de raiva. Achei a cena ridícula. Dei um folheto da Ocas” para ele, que já conhecia a revista, e pedi para entregar à moça quando se acalmasse (CELSO LEITE RIBEIRO, vendedor da Revista Ocas)

Sobreviver de vendas nas ruas é verdadeira arte! Na minha luta pelo pão de cada dia, tenho que usar um pouco de psicologia, para tentar controlar meus sentimentos e impulsos. Porque às vezes sinto raiva e tenho vontade de pegar a pessoa pelo colarinho e fazê-la comprar a revista à força! Ou de dar umas porradas em certos tipinhos. Mas é preciso respirar fundo, usar a lógica e raciocinar friamente. (RICARDO ANÍBAL, vendedor da Revista Ocas)

Dado esse passo vê-se que a narrativa que constrói enriqueceu sua experiência, mais do que a de vendedor, mas a de cidadão reconstituído. E em uma relação horizontal de comunicação é óbvio que a sua condição de sem-teto é fator preponderante para a vendagem da publicação de rua. O fato é que essa convivência dinâmica no meio o transforma até em um ser político mais ativo, como atesta este depoimento do ex-vendedor Marcos Dias em relação às situações de dificuldade financeira pelo qual passa a revista em alguns momentos:

Por preconceito com o fato de morador de rua ser adulto. As empresas acham que mancham a marca dos seus produtos. Já teve gente que doou e não quis aparecer. Mas isso tá mudando. A Coca-Cola e o Itaú Cultural vêm nos ajudando. (MARCOS DIAS, ex-vendedor da Revista Ocas, hoje funcionário da ong)

A questão seguinte é discutir como está este espaço onde sua estratégia é aplicada.

texto: Geraldo Gouveia de Moraes e ilustração: Pedro Metallo

## cabeça sem teto

11

Morar na rua é uma sensação de abandono, de desespero e de esquecimento. Como se nós fôssemos esquecidos por todos, vivendo em um mundo de privações.

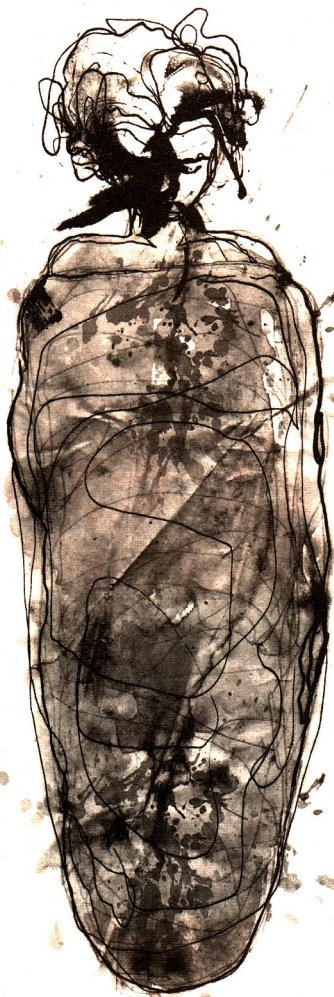
Privação é a falta das coisas mais essenciais. Nós precisamos comer, dormir, tomar banho, amar, ser amado, ser tratado com dignidade. Não temos na rua livre expressão, somos desprezados. É um vazio muito grande e, no meio desse vazio, juntamos as nossas últimas forças para sair da rua e resgatar nossa auto-estima, cidadania e respeito, para poder dar à sociedade um pouco de nós e mais amor ao próximo também.

Há muita dor, medo, tristeza, mágoa, mas nosso maior inimigo é a fome e o frio. Eles fazem parte de nosso dia-a-dia.

A dificuldade de nos comunicarmos é muito grande, pois ninguém nos dá crédito.

Todos nós, moradores de rua, somos vítimas da crise econômica e dos preconceitos. Somos marginalizados e rejeitados pela sociedade, onde as pessoas olham para a gente como se fôssemos seres de outro planeta. Algumas vezes, há pessoas de sentimento, de coração. Nós somos gente! Gente em situação de rua.

Hoje minha filosofia é a paz, o amor. Hoje eu sou luz. Agora



vivo a minha vida. Não pensar no passado, viver no presente e olhar para o futuro. Esta é a mensagem de um ex-morador de rua. ■

### O que é a rua como casa?

"É uma aprendizagem da qual se deve tirar o maior proveito enquanto se estiver nela. Tem gente que diz que a maioria das pessoas que mora nas ruas a procuram por vontade própria, sem a necessidade. Mas a maioria procura a rua por necessidade, independentemente de vontade própria."

Jorge Claudir de Messias

"É de manhã acordar com o sol no rosto, o segurança dizendo que ali não é o nosso lugar, é na madrugada dormir com o sereno e com a chuva ao lado, é dormir ao lado do perigo, com o pessoal atormentando, querendo tirar a paz de quem quer descansar. A gente troca a noite pelo dia, porque muitos passam a noite trabalhando e descansam de dia."

Eduardo Fausto da Silva

"A rua não é casa. A rua é uma via pública. A rua é um inferno, onde somos marginalizados, tratados como lixo. Passamos muitas privações e não temos oportunidades. É um lugar onde os nossos direitos não são respeitados. Na rua perdemos os nossos valores, nosso amor próprio, e acabamos nos revoltando com isso. As portas não se abrem para a gente."

Geraldo Gouveia de Moraes

"Com essa casa, ninguém casa."

Carlos Migrante

# Você sabe o que é morar na rua?

**Após o desespero e o esquecimento, a chance de viver o presente e olhar para o futuro**

A coluna "Cabeça sem teto" é dedicada a publicação de textos produzidos pelos próprios moradores de rua participantes do projeto

### 3.2 Humanizar as passagens

Como afirma Baitello (2005), “tanto os processos comunicativos quanto os processos culturais se desenvolvem como ambientes sociais e históricos complexos que não resistem a visões reducionistas ou simplificadoras”. É, portanto, de vital importância que o espaço público seja, após uma reconstrução da própria narrativa, um dos grandes vetores que vai levar o vendedor da Revista Ocas a romper o isolamento comunicacional. O espaço, em especial os lugares de passagem, deve fazer parte das estratégias de comunicação e estas últimas de qualquer ação que se objetive um melhor convívio em sociedade.

Em princípio, o primeiro obstáculo a ser superado é o inexorável processo de privatização do espaço público, em especial dos centros urbanos onde se concentram as populações de rua. Petrificam-se as passagens onde seria possível a imprevisibilidade do encontro em nome do que Jeudy (2005) chama de “conservação patrimonial”<sup>42</sup>, o estancamento de processos de comunicação e mobilidade no espaço público em favor de “museus a céu aberto” e centros empresariais que avançam gradativamente dos espaços privados para os espaços públicos.

Como afirma o sociólogo francês:

A exibição patrimonial imobiliza a própria nostalgia e anula a aventura da transmissão. Prevalece o princípio da retroação perpétua. É difícil acreditar em uma incerteza aventurosa daquilo que pode ser conservado e transmitido, uma vez que a própria ordem precede, determinando-a, a lógica da transmissão. A organização

---

<sup>42</sup> “O sentido mais recorrente atribuído à conservação patrimonial é o da manutenção da ordem simbólica das sociedades modernas. A dinâmica de seu objetivo político e social vem de uma resistência que se manifesta pela consagração cultural dos vestígios da história contra os riscos da desestruturação. O processo de reflexividade, que incita toda estratégia patrimonial, consiste em promover a visibilidade pública dos objetos, dos locais, dos relatos fundadores da estrutura simbólica de uma sociedade.” (JEUDY, 1995, p.20)

patrimonial do final do século XX não conseguiu até abolir o ato de transmissão, suprimindo-lhe a possibilidade de ser acidental? A lógica da conservação patrimonial exclui o acidente de transmissão (JEUDY, 2005, p.16)

Os lugares de passagem se tornam, portanto, espaços onde há uma constante “transmissão de sentidos” (JEUDY, 2005) por quem tem o domínio. As grandes empresas e suas agências de publicidade criam grandes corredores de anúncios e vendas, privatizando a transmissão<sup>43</sup>. Como afirma Canevacci (2004): “significa que a atual sociedade da comunicação exprime os próprios conteúdos conflituais também através da competição de signos, do crescente processo de dessimbolização, da luta dos códigos e do status, que envolvem todos os outros âmbitos da sociedade contemporânea”.

É comum vermos nas saídas de teatros e cinemas moradores e crianças de rua localizadas a certa distância das saídas (lugares de passagem) pedindo esmolas. Quase sempre curvados, maltrapilhos, falando baixo, não olhando nos olhos. E quando há o contato entre esses “dois mundos” excluí-se, em geral, as passagens deixando a mediação entre sem-tetos e sociedade para o estado e para as entidades religiosas.

A redenção dos espaços intermediários é, sem dúvida, o grande avanço proposto pelo projeto da Revista Ocas. Segundo Cyrulnik (1999), “o simples fato de viverem implica uma aptidão para a inovação. Todos os organismos para se adaptarem devem inovar, tentar uma aventura fora da norma, engendrar anormalidade a fim de ver se corre bem, pois viver é correr um risco”.

---

<sup>43</sup> “Essa condição pode ser explicada: cada vez mais, as cidades precisam seguir um modelo internacional extremamente homogeneizador, imposto pelos financiadores multinacionais dos grandes projetos urbanos. Este modelo visa basicamente ao turista internacional – e não o habitante local – e exige um certo padrão mundial, um espaço urbano padronizado.” (JEUDY, 1995, p.10)



Dario Bertolucci vendendo a Revista Ocas na Avenida Paulista. Hoje vivendo em um apartamento alugado com a namorada, aproveita a comunicação presencial para passar mensagens sobre a importância de se ter uma alimentação vegetariana

Pross (1989) afirma que nesses espaços é que surgem as possibilidades do intercâmbio. O pensador alemão, assim com Jeudy, também destaca que essa ordem é gerida e mantida por quem tem o domínio e reafirma constantemente os valores de acima e abaixo e claro e sombrio. Porém, é justamente nestas passagens que os vendedores da Revista Ocas encontram as oportunidades de venderem a publicação, propondo a subversão de toda uma ordem simbólica dominante. Essa “intromissão” serve como uma quebra de paradigmas dentro das atuais convenções do espaço público.

O que os vendedores da Revista Ocas fazem é “dar um passo a frente”, interpondo-se nessas passagens. Com a diferença de que estão em posição mais horizontalizada em relação ao outro, aseados, mais seguros ao falar. Neste momento, sua narrativa como moradores de rua é um forte elemento agregador de mudança e não de manutenção de um status quo. Ou melhor, de um sistema onde prevalecem o assistencialismo, a reafirmação da baixa estima e a distância entre o que se convencionou chamar de incluídos e excluídos. Citando Hillman (1993):

Penso que uma cidade é construída sobre relações humanas, gente se encontrando, e, entre outras coisas, o amor incrementaria as próprias coisas que são desejáveis numa cidade. (HILLMAN,1993, p.42)

A ruptura proporcionada pela humanização das passagens é transformadora.

Sem generalizar, a chance de um empresário, de um universitário, de um executivo parar pra conversar com um morador de rua é baixíssimo. Mas a medida que ela está autorizado como vendedor da Ocas, com um produto na mão, já criou a ponte. Uma vez um diretor da Petrobras que estava na Paulista convidou um vendedor pra subir até o escritório dele pra tomar um café (GUILHERME ARAÚJO, presidente do Conselho Executivo da Ocas)

Esta ruptura também provoca mudanças no outro, o que na imprevisibilidade da passagem é “desafiado” a confrontar-se horizontalmente com o vendedor da revista. Este encontro entre dois mundos humaniza a passagem com todas as suas contradições e possibilidades. Como afirma Pross (1989):

A solidariedade é evidentemente numa relação horizontal, uma relação onde em princípio a coexistência entre os homens não é algo ‘secundário’. Isto requer uma mudança na forma de pensar, pois a nossa linguagem está repleta de valores verticais que tomam os conceitos de acima e abaixo como premissas lógicas. (PROSS, 1989, p.32, tradução nossa)

Os pontos fixos de venda da Revista Ocas são: Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural São Paulo, Espaço Unibanco, FNAC, HSBC Belas Artes, Itaú Cultural, Largo São Francisco, MASP, Praça Benedito Calixto, Pinacoteca do Estado (sábados), PUC, Rede Sesc, Universidade Mackenzie, USP e Vila Madalena (noite). Percebe-se que são espaços onde o paulistano costuma “desacelerar” da correria do cotidiano. Onde se configuram os lugares de passagem, de encontro. Assim diz Hillman:

Pensar que o propósito das cidades é econômico ou político é uma idéia, sem dúvida, muito recente. Desde o início, o propósito da construção de uma cidade foi algo instintivo nos seres humanos: querer estar junto, imaginar, falar, fazer e trocar. Precisamos desses assim chamados mercados, lugares onde a quebra pode acontecer: o cafezinho, o pub, os cafés, as cervejarias, a lanchonete, os vestiários, o ringue de patinação, ou mesmo o banco de praça ao sol, onde é possível se fazer uma pausa nos deveres e obrigações do dia. (HILLMAN, 1993, p.42)



O participante da Revista Ocas Cláudio Bongiovani vende a Ocas no Masp durante a semana e nos finais de semana e feriados fica na Pinacoteca do Estado

Como já vimos, Marcos Dias, um dos primeiros vendedores da Revista Ocas (entrou no projeto em agosto de 2002), é, hoje, funcionário da ong, responsável pela venda das revistas para os vendedores e dá a dimensão de como a presença das passagens são fundamentais para a sobrevivência das estratégias que viabilizam o projeto:

Não adianta ir na 25 de Março (maior centro de compras populares da cidade). Não adianta ir na periferia. As pessoas vão até entender o projeto, mas primeiro tem que comprar o pão. Tem que vender na porta do cinema. (MARCOS DIAS, um dos primeiros vendedores e hoje funcionário da Ocas)

Os depoimentos de outros dois vendedores, Ricardo de Araújo e Jesuel Araújo, revelam como, por vezes, o contato e a convivência vão configurando novas formas de se relacionar com a passagem.

Um dos lugares que costumo vender a revista é na porta da Universidade São Judas (no bairro da Mooca, em São Paulo). No começo eu peguei, erroneamente, o horário da manhã porque tem um pessoal meio playboy. Depois das cinco é o melhor horário. É um pessoal que trabalha mais ligado no social. (RICARDO DE ARAÚJO, participante do projeto da Revista Ocas)

Agora tem muito calouro, bicho na PUC. Então eu chego e falo: conhece o projeto? Deixa eu explicar pra você. Os outros já são compradores antigos meus. Eu tenho uma clientela fixa na PUC. Só que agora eu mudei. Antes eu ficava na Monte Alegre e agora fico na Ministro Godói. Lá passa mais gente e o pessoal é meu amigo. Falam como foram as férias, perguntam como estou, pra onde eu fui porque já sabem que consegui o passe livre. (JESUEL ARAÚJO, participante do projeto da Revista Ocas)

A experiência na passagem vivida pelos vendedores também tem sido fundamental até para o andamento editorial da publicação como atesta a editora, a jornalista Denise Mota:

Um exemplo é que os vendedores nos contam que fica mais fácil vender a revista com duas chamadas de capa, e não só uma. Isso porque, na estratégia deles, se o leitor não se empolgar muito com o primeiro título, a chamada principal, eles ainda têm uma "segunda chance" de atraí-lo, apresentando a segunda chamada. Já há muito tempo aumentamos, quando possível, o número de chamada para duas, visando essa vantagem para o vendedor. Também notamos que o conteúdo da revista, em dado momento, estava muito concentrado em temáticas de SP, e isso dificultava o trabalho do vendedor do Rio. Com os comentários deles, pudemos reverter essa situação e, depois, foram os vendedores de SP que reclamavam que a revista estava "muito carioca" (DENISE MOTA, editora da Revista Ocas)

O que é interessante é que, ao longo do projeto, novos lugares de encontro vão surgindo. Os vendedores da Revista Ocas ajudam a construir “novas cidades”, impregnando espaços, por vezes amorfos, com a possibilidade da transmissão da descoberta do diferente, que provoquem no outro aquela dúvida que constrói: “estou falando com um mendigo?”. Pergunta essa que, nas entrelinhas, pode significar também: mas o lugar dele não é ali, na sarjeta?”

Destacando Damatta (1997):

Mas nossos espaços nem sempre são marcados pela eternidade. Há também espaços transitórios e problemáticos que recebem um tratamento muito diferente. Assim, tudo o que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição – como as regiões pobres ou de meretrício – fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes. Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas são sempre vistos como locais de transição: ‘zonas’, ‘brejos’, ‘mangues’ e ‘alagados’. Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo (DAMATTA, 1997, p. 45)

O ex-vendedor Marcos Dias mostra, em um depoimento, de como o projeto da Revista Ocas ajuda a humanizar as passagens:

Um dia saiu uma matéria sobre a gente na Revista Trip. Saiu eu e monte de gente. Vou comprar essa revista! Eu comprei. Cheguei aqui na sede da Ocas e falei pro povo que a gente ia rachar. Um dia eu estava lá no ponto onde eu vendia, na Fnac da Paulista, e um vendedor da loja chegou pra mim e disse: - toma, é pra você. Ele me deu a revista numa sacolinha. (MARCOS DIAS, um dos primeiros vendedores e hoje funcionário da Ocas)

#### 4.3 Criar vínculos

Inserido no lugar de passagem ao comercializar a revista, o vendedor da Revista Ocas já suplantou várias etapas. A princípio atravessou de um “lado para outro”, saindo de um estágio letárgico de incomunicação para um ambiente onde se abrem vários horizontes para a criação de vínculos não caracterizados por relações verticais. Anterior a isso, ainda, vivenciou situações de rompimentos traumáticos com familiares e amigos. Como morador de rua, a tendência é perder as referências.

Essa diversidade e segmentação impedem a criação de vínculos estáveis com o trabalho, a família, os lugares. Sua vida está sempre recomeçando. Quase nada é permanente, a não ser a procura cotidiana de sobrevivência, o que torna sua vida extremamente fragmentada ( VIEIRA, BEZERRA & ROSA, 1992, p.23)

Essas incertezas acabam endurecendo os sem-tetos para o exercício da vinculação. Sua vida passa a ser regida por outra realidade, outros vínculos são firmados com iguais na mesma situação. Não ficam isolados<sup>44</sup>, portanto, mas se ressentem de não serem aceitos pela sociedade, em virtude, principalmente, da degradação física por que acabam passando. O caminho da

---

<sup>44</sup> Na rua, acabam fazendo parte de novos grupos, vinculando-se com aqueles que estão na mesma situação. “O agrupamento torna-se, nesses casos, estratégia de sobrevivência, entendida enquanto proteção e segurança, não sendo fundamental com quem se agrupar e sim o ato de agrupar-se. Além disso, nos grupos a pessoa recupera, até certo ponto, sua identidade pessoal e social; ela é aceita na condição igual, enquanto que, por outros segmentos sociais, é discriminada e inferiorizada” ( VIEIRA, BEZERRA & ROSA, 1992, 58)

institucionalização passa a ser a única saída, acarretando uma acomodação aos serviços de proteção social, inviabilizando qualquer ação que permita o resgate da autonomia.

Pesadas todas essas dificuldades, o morador de rua que, por espontânea vontade, torna-se vendedor da Revista Ocas, apresenta-se apto para criar esses novos vínculos. Cyrulnik (1999) cita os pescadores como virtuosos do logro<sup>45</sup>. Os moradores de rua podem ser considerados virtuosos do logro em espaços públicos urbanos. É lá que eles forjam suas estratégias de sobrevivência e onde se apresentam os caminhos para que saiam da situação, por vezes degradante<sup>46</sup>. O artifício é importantíssimo pra isso, pois estimula o vínculo. Como afirma o autor, “o homem é um corpo que faz aliança com o logro para criar a existência”. Cyrulnik ainda revela que a existência do logro cria três categorias emocionais que governam o mundo vivo: o horrível, o bem-estar e a maravilha., que podem ser traduzidos, também, como fuga, apaziguamento ou a atração. Para o já citado exemplo dos moradores de rua vendedores da Revista Ocas, isso é fundamental para concretizar o que Cyrulnik chama de “manipulação das representações” e o nascimento da empatia.

Afirma Freire (1970):

A realidade social, objetivo, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na ‘invasão da praxis’, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens (...) Este é um dos problemas mais graves que se opõem a libertação. É que a realidade opressora, ao constituir-se como um quase

---

<sup>45</sup> De acordo com Cyrulnik, o logro é um desencadeador de comportamentos. Ao diferenciar logro da ilusão, afirma: “A ilusão é um mal percebido quando o sujeito concorda com o desejo, ao passo que o logro é um supersinal que captura um sujeito são”. (CYRULNIK, 1999: 187)

<sup>46</sup> “Os homeless tornaram-se artistas da vida social em situação pós-catastrófica. Eles constituem um patrimônio universal e salutar, uma vez que exibem os meios indispensáveis à sobrevivência dos homens no caso de acontecer um desastre” (JEUDY; 2005, p.67)

mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências. (FREIRE, 1970, p.20)

O vendedor Ricardo de Araújo foi introduzido no projeto por um assistente social que conhecia a proposta da revista. E foi esse profissional que serviu como responsável pela “passagem” do morador de rua para outro ambiente, onde a mediação dele não seria produtiva no resgate da autonomia. As ações sociais que instrumentalizam o morador de rua ainda o mantém privado da comunicação ou porque o mesmo já passa por doenças de caráter mental ou porque a baixa estima provoca seu autoflagelo, isolando-o<sup>47</sup>. Em meio a essa homogeneização aqueles que apresentam aptidão para retomar processos de comunicação acabam sendo absorvidos pelo sistema, a “força de imersão das consciências” a que se refere Freire (1970).

Exemplo desse quadro sem tensionamento onde, pelo contrário, há um permanente estado de tensão sempre em constante ebulição está em outro depoimento desse vendedor:

Sai do Albergue São Francisco e fui para o Albergue do Glicério. Fiquei lá 8 meses. Um dia fui impedido de entrar porque me acusaram de ter entrado armado lá. Era uma chave micha, que eu nem sabia que era micha. Eu vi na rua, achei bonito, e levei. Deixei embaixo do meu travesseiro. Peguei minha bagagem e fui embora. Fiquei dois, três dias na rua e vim para o Arsenal (no Brás). Não tinha vagas. Mais dois ou três dias de ruas. Voltei e finalmente consegui a vaga no Arsenal. Estou lá há oito meses. (RICARDO DE ARAÚJO, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

---

<sup>47</sup> É por isso que a restrição afetiva constitui uma situação de privação sensorial grave, um traumatismo insidioso ainda mais devastador quando temos dificuldade de nos dar conta disso e de fazer dele um acontecimento, uma lembrança que poderíamos enfrentar trabalhando sobre ela. Quando não encaramos uma reminiscência, ela nos obseda, como uma sombra em nosso mundo íntimo, e é ela que irá nos modelar. O isolamento sensorial é, em si, uma privação afetiva. (CYRULNIK, 2005, p.11)

Neste período quando permaneceu na rua, Araújo supria suas necessidades procurando esses serviços sociais de proteção. E, mesmo conseguindo albergamento e atendimento, ainda vivia um isolamento comunicacional, uma falta de possibilidade de dar vazão aos sentimentos que o encantavam e que o faziam encantar o outro. Tanto que o assistente social que indicou o projeto acabou despertando nele algo que lhe serviu como tutor da sua resiliência: a possibilidade de participar da Copa do Mundo de Futebol de Rua promovido pela INSP.

Quem me trouxe para o projeto foi um assistente social da Subprefeitura da Casa Verde, que ficava perto do lugar onde eu morava naquela época, em um sobrado da Sabesp perto da ponte da Casa Verde. Eu fiquei empolgado porque sou louco por bola e vi a oportunidade de participar da Copa do Mundo de Futebol de Rua. (RICARDO DE ARAÚJO, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

No entanto, revelando ainda mais a complexidade de todo esse processo, Araújo teve desavenças com membros da Ocas e acabou não participando do torneio. Queria jogar futebol, mas não desejava muito comercializar a revista. Com o tempo ciente da necessidade de se adequar, virou um vendedor corrente. E mais uma vez o assistente social colaborou, ajudando Araújo a vender os primeiros exemplares da revista.

O assistente social que me indicou veio reclamar porque eu não estava vendendo. Mas como eu ia vender? Fiquei um mês com dez revistas. Não tinha roupa. Só tinha uma bermuda. Eu tava barbudo, cabeludo, sem comer. Foi então que ele comprou duas. Os funcionários da subprefeitura compraram outras e eu juntei R\$ 12,00. (RICARDO DE ARAÚJO, morador de rua que participa do projeto da Revista Ocas)

Passada essa fase natural de turbulenta adaptação, novos ritos passam a compor o cotidiano dos vendedores. “Um mundo ritualizado”, como afirma Cyrulnik, “une e harmoniza os indivíduos fazendo deles um corpo social, um grupo que os acolhe e os tranqüiliza”. Além da oficina de criação Cabeça sem Teto, realizado em encontros semanais, há as reuniões pré-marcadas para se discutir os temas abordados na revista e os plantões para a venda de números aos participantes do projeto.

O processo da Revista Ocas é fundamental ao estimular essa criação de novos ritos. A flexibilidade de horários<sup>48</sup>, que conta com apenas algumas atividades pré-estipuladas, é mesclada a sutil responsabilização do vendedor, como é possível ver na dinâmica das reuniões de avaliação de novos números da revista lançados. A palavra é dada a todos para que comentem as matérias publicadas e sugiram idéias de assuntos a serem abordados. Por outro lado há uma cobrança em relação a ausência de vendedores nos pontos fixos e na não participação de atividades culturais como, por exemplo, sessões gratuitas em cinemas e teatros oferecidas por colaboradores e simpatizantes do projeto.

O conflito entre a população de rua e os serviços prestados pelo estado e por entidades sociais ou religiosas está justamente na rigidez da disciplina, considerado excessivo por parte dos usuários que acabam optando por ficar na rua. A transitoriedade das ocupações trabalhistas também é um fator que o impede de estabelecer vínculos, visto a precariedade e o sentimento constante de que o seu mundo está sempre caindo e recomeçando. Daí essa ritualização proposta pela experiência da Ocas ter êxito<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> A flexibilidade nos horários e a desobrigância (que não significa desestímulo e nem ausência de cobrança da responsabilidade) da participação dos vendedores em outras atividades é uma estratégia para contrapor o que os sem-tetos consideram excesso de rigor dos serviços sociais oferecidos pelo Estado e pelas entidades sociais. “Nessas instituições, além do prazo restrito para a permanência, a sistemática de funcionamento e controle faz com que muitas pessoas desabrigadas prefiram a rua, em virtude do caráter disciplinador e repressivo de alguns desses lugares”. ( VIEIRA, BEZERRA & ROSA, 1992. p. 80)

<sup>49</sup> A Ocas já conquistou os seguintes prêmios: finalista do prêmio Serasa em reconhecimento à curiosidade social (2003); prêmio João Canuto da ONG Movimento Humanos Direitos (2005); e

Desse momento em diante o vendedor da revista é o único responsável pela escolha dos seus caminhos. A vida na rua é encarada como uma ida ao fundo, aos infernos, mesmo que amparada em um livre-arbítrio (dorme-se e come-se onde quer). A venda da Ocas, no entanto, é um livre-arbítrio novo, pois a vivência estaque e privada sensorialmente das redes de proteção social são substituídas pela possibilidade de constantes vitórias como a recuperação da vaidade, a saída do albergue para um imóvel alugado etc. Tudo isso resultado dos vínculos que vêm estabelecendo ao comercializar a Revista Ocas.

O ex-vendedor Marcos Dias, que quase desistiu do projeto no início, teve que superar a timidez para vender a revista. Essa angústia e o desejo de acertar o impeliram a superar o obstáculo.

Bom dia! Boa tarde!. Chegava e oferecia a revista. Para quem não conhecia, eu explicava o projeto. (...) Quando o cara vem comprar a revista você bate o maior papo e chama pra tomar um café, almoçar (...)Ter auto-estima, nunca desistir e sempre ir em frente. Eu sou tímido pra caramba e a Ocas ajudou a acabar com isso. Porque é a minha sobrevivência. Depois de um ano e meio participando do projeto eu saí do albergue e aluguei um quatinho em uma pensão. (MARCOS DIAS, um dos primeiros vendedores e hoje funcionário da Ocas)

Outro participante do projeto, Rubens Lopes, também precisou encontrar formas de superar a retração. Elaborou uma estratégia para se comunicar com as pessoas como forma de romper o ambiente de comunicações indesejadas e incomunicação em que estava submerso.

Como você aborda as pessoas?

Rubens Lopes – Eu tenho um script desde o início. É a minha forma de divulgar o projeto. Quer que eu te mostre?

Quero.

Rubens Lopes – Geralmente quando chego lá na FNAC que é onde eu trabalho e abordo as pessoas da seguinte forma: oi, boa tarde ou boa noite, você já conhece a Revista Ocas? A Ocas é uma organização civil de ação social que promove a responsabilidade social oferecendo oportunidades de trabalho para as pessoas em situação de rua através da venda da revista. A Revista Ocas, saindo das ruas, que é bimestral e já foi mensal, além de uma revista que fala da exclusão social tem também notícias nacionais, internacionais, fala de cultura, lançamentos artísticos, intelectuais e ensaios. Traz entrevistas com artistas como, por exemplo, Jamelão, o sambista, Anderson Sá do grupo AfroReggae, MV Bill, que é um cantor de Rap. Então, a revista custa R\$ 3,00. R\$ 2,00 ficam com o vendedor no ato da venda e R\$ 1,00 vai para a organização, para que ela continue mantendo o apoio as pessoas em situação de rua. Então, você gostaria de adquirir um exemplar para conhecer melhor o Projeto da Ocas?

Como tem sido o retorno?

Rubens Lopes – As pessoas se admiram pela minha forma de se expressar. Dizem que eu trato bem, que eu converso bem. Dizem que eu nem pareço uma pessoa que já ficou em situação de rua. As vezes as pessoas chegam até a duvidar.

Os vínculos criados pela experiência da venda da Revista Ocas são as mais variadas. Todos, no entanto, resultados dos contatos imprevisíveis entre os vendedores e as pessoas que compram os exemplares da publicação. O tensionamento da comunicação está neste exercício diário de superar preconceitos, de vivenciar outras histórias de forma que todos saiam enriquecidos um pouco mais, como mostra este depoimento:

Eu fiquei fora da Copa do Mundo e isso me deixou mal. Fiquei sabendo de um jogo que a Ocas faria contra o time do Chico Buarque. Fui chamado e pensei que era a oportunidade para mostrar que haviam se enganado comigo. Primeiro fomos ao Tom Brasil ver o show do Chico. Como a vida é louca. Há dois anos estava lá embaixo e agora estava ali. Depois do show jogamos contra o time do Chico, o Politeama. Fiz um gol de calcanhar na primeira bola que eu peguei. No final foi 4 x 4. Agora eu quero fazer um curso de arbitragem de futebol. (RICARDO DE ARAÚJO, participante do projeto da Revista Ocas)

## CONCLUSÃO

É preciso reconhecer que a questão envolvendo as pessoas em situação de rua é complexa, o que já inviabiliza quaisquer conclusões redutoras sobre as formas de lidar com esta questão. Em São Paulo, especificamente, é possível ver em curso todas as formas possíveis que levam um indivíduo a ter que viver as margens da sociedade, sob a proteção de redes sociais governamentais ou de entidades filantrópicas. E as tentativas de homogeneização só conduzem a distúrbios na comunicação raramente diagnosticados.

Estes distúrbios são frutos decisivamente do não reconhecimento da possibilidade de comunicação como elemento constituinte da sociedade. Por conta disso, as distorções acabam por afetar também as pesquisas acadêmicas que concentram os estudos sobre a população de rua nas áreas de Serviço Social, Sociologia e Medicina Social, em especial a psiquiatria, evitando uma visão transdisciplinar do tema. Como resultado dessa limitação, os aspectos da comunicação são analisados do ponto de vista patológico, como distúrbios mentais individualizados.

A forma que a sociedade, cada vez mais afeita ao contato físico com o outro que é diferente, acaba encontrando para se relacionar com os sem-tetos. No geral, exige-se a retirada indiscriminada desses indivíduos das ruas, em uma ação de limpeza social que se manifesta em medidas tais como a implantação por parte do poder público de rampas anti-mendigos e reformas urbanas, como a da Praça da Sé, projeto que tem em seu cerne a inviabilidade de que moradores de rua durmam ou tomem banho na fonte que existe no local.

O ápice desse quadro são os extermínios, legitimados silenciosamente na ausência de punições reais.

O reconhecimento de elementos segregacionistas e homogeneizantes em aspectos da formação da identidade paulistana, no início do século passado, é de vital importância para entender o presente. Foi isso justamente o que é possível encontrar no primeiro capítulo desta pesquisa ao procurar as raízes das representações na capital paulista. Essa imensa falta de comunicação tem raízes e é preciso trazê-las à superfície para que questões como a das pessoas em situação de rua sejam mais bem debatidas sem a única e exclusiva paixão das discussões políticas ou a imediata patologização do tema.

Dentre as questões investigadas sobre o período de formação da identidade do paulistano é possível chegar à conclusão de que as consequências do “paulistanismo” explicam a relação que a sociedade tem com os moradores de rua. Resultados diretos do período em São Paulo se tornaram a “locomotiva do Brasil”, o higienismo e o eugenismo existentes no período sedimentaram a permanência de elementos segregacionistas que são possíveis detectar atualmente.

A grande diferença com outros lugares, como Paris por exemplo, se dá na relação paradoxal que se estabeleceu, ao longo das décadas. Ao se constatar que o “paulistanismo” ainda é um conceito em formação é possível mostrar que a existência de moradores de rua é elemento chave para que as escalas de sucesso e fracasso fiquem visíveis. Funcionam para reafirmar o sistema, tanto que os paulistanos consideram a vida na rua resultado de fracassos individuais. Os parisienses, no entanto, enxergam a situação dos sem-tetos como uma distorção do capitalismo e, para isso, passível de uma eficiente rede de proteção social.

Em São Paulo, o morador de rua funcionando como imagem, espelho negativo, fica em estado de privação, ou por problemas relativos ao uso de drogas ou ao consumo de drogas. Essa homogeneização, no entanto, exclui da possibilidade de resgate da autonomia aqueles que estão aptos a comunicar-se

e que, em geral, foram parar na rua por questões envolvendo perdas financeiras atreladas a falta de vínculos familiares. Mesmo assim, essas pessoas vivem cercadas de comunicações indesejadas, instrumentalizadas, e quando privadas, em total incomunicação.

Portanto, a pesquisa mostra que, dentro dessas inúmeras nuances na formação da população de rua, há aqueles que não entram em processo de degeneração física e nem se institucionalizam a ponto de serem considerados casos sem solução, o que é bastante comum (principalmente os que apresentam problemas mentais). São esses que encontram no projeto da Revista Ocas uma forma de resgatarem sua autonomia.

A saída encontrada nesse estudo é que ao utilizar o meio comum ao sem-teto, que é a rua, o resgate da autonomia torna-se viável. No caso da Revista Ocas une-se essas duas coisas. É um passo em direção a novas formas de relacionamento amparadas, fundamentalmente, no tensionamento da comunicação no espaço público. E que, ao comunicar-se, é possível tornar realidade o que muitos consideram utopia: um convívio com menos conflitos no espaço público e o reconhecimento das diferenças como fator enriquecedor e não segregador.

O projeto rompe alguns paradigmas das publicações panfletárias que, independente do que defendem, acabam limitando o alcance das causas. A inevitável visão de mercado, ao comercializar uma revista de assuntos variados com produção esmerada, ajuda o vendedor a alcançar classes sociais que, na média, está distante da realidade de temas como os sem-tetos. Em geral, esse segmento apenas mantém uma relação superficial mediada pelo estado (em campanhas de arrecadação de roupas, por exemplo) ou por entidades filantrópicas.

Os moradores de rua que participam do projeto da Revista Ocas são responsáveis, em uma sociedade notadamente guiada pelas aparências como

vimos no segundo capítulo, pela quebra de paradigmas nos espaço público, propondo novos ritos e enriquecendo as experiências nos lugares de encontro. Tanto para eles como para quem pela mesma passa, propondo esboços do exercício imprevisível da comunicação. A complexidade dessa passagem entre dois mundos, como abordei no terceiro capítulo, é a experiência que acho vital todos vivenciarem.

Por conta dessa necessidade de evidenciar esse complexo movimento em direção a comunicação presencial procurei depoimentos que expusessem conflitos. O objetivo é o de demonstrar que a proposta aqui defendida não é um delírio utópico, onde todo contato em mídia primária (PROSS) seja simples e linear. O tensionamento vem no exercício constante da prática comunicativa que é o grande avanço do conceito de publicações de rua espalhados hoje por 27 países.

Este trabalho une-se àqueles que defendem uma visão heterogênea da população de rua, o que exige algo mais do que investimentos em redes de proteção. É preciso que seja estimulada a procura de novas ferramentas sociais e que, inseridas nelas, os aspectos inerentes a comunicação presencial, tais como as horizontalidades previstas por Pross e por outros pensadores do gênero.

No projeto de venda da Revista Ocas o que está explícito é que, por meio do tensionamento da comunicação, é possível transformar vidas. E não só daqueles que comercializam a publicação, mas de quem experimenta este encontro ao se tornar comprador constante da revista. Os lugares de encontro tornam-se laboratórios de novas formas de se comunicar, contrapondo-se a crescente privatização e instrumentalização desses espaços.

## APÊNDICE A

### Entrevistas

## Marcos José Dias

Marcos José Dias é um dos mais antigos participantes do projeto da Revista Ocas. Entrou um mês após o lançamento da primeira edição, em agosto de 2002, e está até hoje envolvido só que como funcionário da ong. É o responsável pela venda das publicações aos vendedores na sede da entidade localizada no Brás. Marcos hoje não está mais em situação de rua e vive em um apartamento alugado na Zona Sul de São Paulo

Como está a situação da Ocas atualmente?

Marcos José Dias - Nós ficamos muito tempo na parte de cima deste imóvel no Brás (Rua Sampaio Moreira, 110, casa 9). Agora nos descemos para está lojinha no mesmo lugar porque há a idéia de se vender produtos da Ocas. Lá em cima nós teremos uns dez computadores para que os vendedores e depois os moradores do bairro possam usar. É um projeto do CDI (Centro para Democratização da Informática).

Quando você tornou-se vendedor da Revista Ocas?

Marcos José Dias - Um mês após o início do projeto, em agosto de 2002. Eu costumava vender na FNAC Pinheiros as segundas, quartas e sextas. Nessa época eu morava no Albergue Pedroso (Liberdade), lugar onde eu conheci o projeto por meio de outro rapaz que era vendedor. Hoje eu moro em um quarto na Zona Sul.

E como foi a experiência no início?

Marcos José Dias - No meu primeiro dia fiz o cadastro. Ganhei cinco revistas da Nega Giza (ver referência depois). Como eu conheço a Cidade Universitária pensei em ir até lá. Peguei o ônibus, passei por debaixo da roleta, e dei sorte porque estava tendo um congresso da Faculdade de Psicologia, lotado de gente. Vendi tudo em dez minutos. Pensei: - o que faço agora?. Comprei tudo

de revista e voltei para a USP todo empolgado. Só que o segurança me barrou. Nos dois dias seguintes não vendi nada. Quase joguei tudo fora. Tava desanimado no albergue. Aí um outro vendedor, o Antonio Cezar, me levou na Avenida Paulista e vendemos.

Como você abordava as pessoas?

Marcos José Dias - Bom dia! Boa tarde!. Chegava e oferecia a revista. Para quem não conhecia, eu explicava o projeto.

Quais as transformações que a Revista Ocas trouxe para você?

Marcos José Dias - Ter auto-estima, nunca desistir e sempre ir em frente. Eu sou tímido pra caramba e a Ocas ajudou a acabar com isso. Porque é a minha sobrevivência. Depois de um ano e meio participando do projeto eu saí do albergue e aluguei um quatinho em uma pensão.

Como você escolhia os lugares para vender?

Marcos José Dias - Não adianta ir na 25 de Março (maior centro de compras populares da cidade). Não adianta ir na periferia. As pessoas vão até entender o projeto, mas primeiro tem que comprar o pão. Tem que vender na porta do cinema.

Como funciona a participação dos vendedores na parte editorial da revista?

Marcos José Dias - Tem a coluna Cabeça sem Teto que é feita por nós mesmos em uma oficina. Tem um jornalista mediador que só orienta. Nas outras matérias nós damos sugestões e opiniões do que ouvimos na rua. Um dia nós tivemos a idéia de fazer um guia de compras e fizemos.

Na sua opinião, porque um projeto como o da revista Ocas passa por uma crise financeira?

Marcos José Dias - Por preconceito com o fato de morador de rua ser adulto. As empresas acham que mancham a marca dos seus produtos. Já teve gente

que doou e não quis aparecer. Mas isso tá mudando. A Coca-Cola e o Itaú Cultural vem nos ajudando.

## Jesuel Araújo

Jesuel Araújo foi parar na rua por conta do consumo de drogas. Depois de passar por vários tratamentos hoje é ex-usuário e vive no Albergue Arsenal da Esperança, no Brás. Vende a Revista Ocas desde 2003 na frente da PUC.

Jesuel, você está há quanto tempo no projeto?

Jesuel Araújo – **Há uns três anos e sete meses, mais ou menos.**

E onde você vende a revista?

Jesuel Araújo – **Hoje eu vendo na PUC. Mas quando eu entrei no projeto tinha um vendedor lá e eu não podia vender. No começo eu saia vendendo por aí, pela rua. Vendia e gastava todo o dinheiro. Não conseguia guardar nada. Eu passava na casa da minha irmã e pegava dez reais. Ela falava: porque você não sai desse projeto? Você não consegue guardar dinheiro pra comprar mais revista! A partir daí passei a economizar dinheiro, um pouquinho, mas comecei. Aí começou a dar mais certo. Estou fazendo a PUC há três anos. O David, vendedor que ficava lá, não estava mais indo. Deu um estalo em mim. No primeiro ano foi muito difícil, porque todo mundo queria comprar com o David porque ele tocava violão. Ele é poeta também. Muita gente chegava e falava que comprava com o David e nem queria muito papo comigo. Eu insisti e hoje é um ponto bom. Eu vendo uma média de dez revistas por dia mas já cheguei a vender trinta.**

Como você aborda as pessoas?

Jesuel Araújo – **Agora tem muito calouro, bicho na PUC. Então eu chego e falo: conhece o projeto? Deixa eu explicar pra você. Os outros já são compradores antigos meus. Eu tenho uma clientela fixa na PUC. Só que agora eu mudei. Antes eu ficava na Monte Alegre e agora fico na Ministro Godói. Lá passa mais gente e o pessoal é meu amigo. Falam como foram as férias,**

perguntam como estou, pra onde eu fui porque já sabem que consegui o passe livre. Eu vou tentar vender a Hecho na Argentina (Hecho em Buenos Aires é a primeira publicação de rua da América Latina).

Você vai para a Argentina?

Jesuel Araújo – Vou no final do mês. Se o projeto der certo, vou ficar bastante tempo. Lá vende mais e eu quero aprimorar o meu espanhol.

Quais as mudanças que o projeto da Ocas te proporcionou?

Jesuel Araújo – Não digo que me tirou da situação de rua, porque eu estou em albergue, mas é um meio de trabalho. Eu não consegui emprego nenhum em São Paulo de outra forma. Eu tenho uma renda mais ou menos. É merreca mas eu sempre tenho alguma coisa no bolso. Eu como bem, almoço bem.

E na forma de se relacionar com as pessoas, o que mudou?

Jesuel Araújo – Eu, por exemplo, estou na PUC e vários alunos me perguntam: você leu todas as Ocas? Eu falo que já li todas as Ocas e as vezes releio de novo. Um dia eu tava tomando café ali no bar e como não tinha jornal nem nada comecei a ler de novo as Ocas velhas. Melhora a venda você conhecer bem a revista.

Como as pessoas reagem a sua abordagem?

Jesuel Araújo – Umas reagem bem, outras reagem mal. Não vou dizer que todo mundo pega bem com a revista não. E isso que ta me dando vontade de ir vender na Argentina porque eu quero saber se o povo argentino é a mesma coisa. Há muito preconceito com o morador de rua. Eu estou em situação de rua, mas tem que falar que tem muito viciado em drogas, normalmente ta envolvido em algum crime. E aí complica quem quer fazer um trabalho sério com morador de rua. Outro dia chegou um morador de rua pedindo um copo de água no Banco Itaú. Aí o segurança foi lá e pegou um copo pra ele. O cara de um gole e jogou o resto no chão.

## Ricardo de Araújo

Ricardo de Araújo vivia em uma casa da Sabesp próxima a Ponte da Casa Verde quando foi aconselhado por um assistente social da Subprefeitura que atende a região a procurar a Ocas. Empolgado com a possibilidade participar da Copa do Mundo de Futebol com vendedores de street papers de vários países do mundo acabou se engajando no projeto. Vive no albergue Arsenal da Esperança e vende a Ocas na porta da Universidade São Judas. Em períodos de férias mantém seu ponto em frente ao Centro Operacional do Banco Itaú.

Como você virou vendedor da Revista Ocas?

Ricardo de Araújo - **Quem me trouxe para o projeto foi um assistente social da Subprefeitura da Casa Verde, que ficava perto do lugar onde eu morava naquela época, em um sobrado da Sabesp perto da ponte da Casa Verde. Eu fiquei empolgado porque sou louco por bola e vi a oportunidade de participar da Copa do Mundo de Futebol de Rua.**

E como foi no começo?

Ricardo de Araújo - **O assistente social que me indicou veio reclamar porque eu não estava vendendo. Mas como eu ia vender? Fiquei um mês com dez revistas. Nato tinha roupa. Só tinha uma bermuda. Eu tava barbudo, cabeludo, sem comer. Foi então que ele comprou duas. Os funcionários da subprefeitura compraram outras e eu juntei R\$ 12,00**

Como você tornou-se uma pessoa em situação de rua?

Ricardo de Araújo - **Até os 27 anos eu morei com a família na Vila Nova Cachoeirinha. Quis sair da barra da saia da mãe e fui viver com um irmão na Casa Verde. Depois passei a morar em uma pensão no Limão. Trabalhava na feira e fazia bicos em uma firma de eventos. Os dois trabalhos acabaram.**

Fiquei seis meses sem pagar a pensão, até que não deu mais. Sai. Comecei a dormir na rua, ao lado de um posto de gasolina. Forrava com papelão e dormia. Os guardas-noturnos davam uma força pra mim. De lá fui para um sobrado da Sabesp, perto da Ponte da Casa Verde, onde fiquei uns 5,6 meses. Com o tratamento do Rio Tietê tive que sair. Foi quando um assistente social foi lá conversar comigo e me levou para o Albergue São Francisco.

Como foi esse primeiro contato com a rua?

Ricardo de Araújo - Assim que eu tive que sair da pensão, fui dormir embaixo de marquise ali perto. Os guardas-noturnos me arrumavam comida e ficavam de olho enquanto eu dormia enrolado no papelão. Depois fui para o sobrado da Sabesp. Foram os funcionários da Sabesp que chamaram os assistentes sociais quando precisaram usar a casa por causa do tratamento do Rio Tietê

E depois?

Ricardo de Araújo - Sai do Albergue São Francisco e fui para o Albergue do Glicério. Fiquei lá 8 meses. Um dia fui impedido de entrar porque me acusaram de ter entrado armado lá. Era uma chave micha, que eu nem sabia que era micha. Eu vi na rua, achei bonito, e levei. Deixei embaixo do meu travesseiro. Peguei minha bagagem e fui embora. Fiquei dois, três dias na rua e vim para o Arsenal (Albergue Arsenal da Esperança, no Brás). Não tinha vagas. Mais dois ou três dias de ruas. Voltei e finalmente consegui a vaga no Arsenal. Estou lá há oito meses.

E aí apareceu a Ocas...

Ricardo de Araújo - Eu vim para a Ocas por causa da Copa do Mundo. Jogo futebol todo dia. Acabei não indo porque briguei com o técnico. Eu estava nas nuvens e de repente me tiraram isso. Estou em situação de rua e é mais fácil perder a cabeça do que qualquer um. Não concordava com algumas coisas. Xinguei o técnico. Estou em situação de rua, mas eu tenho brio. Eu não sou um

ignorante e apesar de ter morado em favela, gosto de ler. Terminei meu colegial nos trancos e barrancos, mas eu sei falar.

E como você resolveu isso?

Ricardo de Araújo - Eu percebi que não vender a revista é um ponto negativo. Eu não estava vendendo. Aos poucos fui conversando e voltei a participar.

Como você organiza suas vendas?

Ricardo de Araújo - No começo, por falta de experiência, eu errei. Um dos lugares que costumo vender a revista é na porta da Universidade São Judas (no bairro da Mooca, em São Paulo). No começo eu peguei, erroneamente, o horário da manhã porque tem um pessoal meio playboy. Depois das cinco é o melhor horário. É um pessoal que trabalha, mais ligado no social.. Chego a vender, em média, 40, 50 revistas lá. Nas férias eu costumo ficar na frente do Centro Técnico Operacional do Itaú. Umas moças chegaram a comprar umas dez revistas.

Hoje superou os problemas de relacionamento dentro da Ocas?

Ricardo de Araújo - Eu fiquei fora da Copa do Mundo e isso me deixou mal. Fiquei sabendo de um jogo que a Ocas faria contra o time do Chico Buarque. Fui chamado e pensei que era a oportunidade para mostrar que haviam se enganado comigo. Primeiro fomos ao Tom Brasil ver o show do Chico. Como a vida é louca. Há dois anos estava lá embaixo e agora estava ali. Depois do show jogamos contra o time do Chico, o Politheama. Fiz um gol de calcanhar na primeira bola que eu peguei. No final foi 4 x 4. Agora eu quero fazer um curso de arbitragem de futebol.

## Rubens Lopes

Rubens Lopes viveu em um orfanato até a adolescência. Depois morou um tempo com pai e os familiares. Com a morte do pai e as desavenças com a família acabou ficando em situação de rua. De 1993 até 2006 alternou momentos em albergues e o aluguel de quartos, quando tinha emprego. Hoje, após quase dois anos participando do projeto da Ocas, Rubens alugou um kitinete.

Como é participar do projeto da Revista Ocas?

Rubens Lopes – **Ta sendo ótimo porque com a venda da revista eu já saí da situação de rua. Eu pago um aluguel. Eu posso dizer que é a primeira vez em toda a minha carreira de serviço que estou trabalhando consecutivamente por quase dois anos. Até no trabalho formal não cheguei a ficar tanto tempo. Trabalhava na construção civil depois que terminava a obra eu ficava desempregado.**

Você ta há quanto tempo no projeto?

Rubens Lopes – **Tem um ano e sete meses.**

Como conheceu a Ocas?

Rubens Lopes – **Foi por meio de outro vendedor. Na época ele estava no mesmo albergue onde eu ficava na Bela Vista, ali no Viaduto Pedroso. Eu via ele chegando com o jaleco, com a revista. Na verdade eu já conhecia o projeto desde o começo, com a divulgação feita nos albergues, mas achava que era mais um projeto do governo e não me interessei na época. Mas dessa vez vi o Ricardo Aníbal, esse vendedor, e acabei entrando para o projeto.**

Lembro que conversamos no seu início no projeto e você disse que era muito tímido. Já conseguiu superar isso?

Rubens Lopes – **Eu tenho um problema de isolamento. Ainda sou um pouco tímido. Não sou uma pessoa que ainda se comunica bem com outros. Fico**

mais isolado do que conversando. Mas isso não impede de me comunicar bem na hora de vender a revista.

Como você aborda as pessoas?

Rubens Lopes – Eu tenho um script desde o início. É a minha forma de divulgar o projeto. Quer que eu te mostre?

Quero.

Rubens Lopes – Geralmente quando chego lá na FNAC que é onde eu trabalho e abordo as pessoas da seguinte forma: oi, boa tarde ou boa noite, você já conhece a Revista Ocas? A Ocas é uma organização civil de ação social que promove a responsabilidade social oferecendo oportunidades de trabalho para as pessoas em situação de rua através da venda da revista. A Revista Ocas, saindo das ruas, que é bimestral e já foi mensal, além de uma revista que fala da exclusão social tem também notícias nacionais, internacionais, fala de cultura, lançamentos artísticos, intelectuais e ensaios. Traz entrevistas com artistas como, por exemplo, Jamelão, o sambista, Anderson Sá do grupo AfroReggae, MV Bill, que é um cantor de Rap. Então, a revista custa R\$ 3,00. R\$ 2,00 ficam com o vendedor no ato da venda e R\$ 1,00 vai para a organização, para que ela continue mantendo o apoio as pessoas em situação de rua. Então, você gostaria de adquirir um exemplar para conhecer melhor o Projeto da Ocas?

Como tem sido o retorno?

Rubens Lopes – As pessoas se admiram pela minha forma de se expressar. Dizem que eu trato bem, que eu converso bem. Dizem que eu nem pareço uma pessoa que já ficou em situação de rua. As vezes as pessoas chegam até a duvidar.

Como você ficou em situação de rua?

Rubens Lopes – Minha situação de rua vem desde quando eu saí do orfanato. Eu passei minha infância em um orfanato. Depois que saí eu ainda convivi um tempo com o meu pai, porque ele era vivo. Depois que ele faleceu, como eu não me dava bem com os meus parentes, acabei indo para a rua. Desde 93 eu vivo em situação de rua, com altos e baixos, ficando em albergues. Quando arrumava um serviço eu ainda conseguia alugar um quarto. Depois eu perdia o emprego e voltava para rua.

E mudou o tratamento das pessoas com você depois que você saiu da situação de rua?

Rubens Lopes – Não dá pra ter uma base de antes e depois porque mesmo quando estava em situação de rua eu nunca me apresentei como tal. Sempre tentava viver uma vida normal, como se não estivesse em situação de rua. Eu sempre procurei ter uma vida regrada para que as pessoas não achassem que eu estava em situação de rua.

## José Fernandes (Zeca)

José Fernandes, o Zeca, participa do projeto da Revista Ocas desde 2003. Foi parar na rua por questões familiares e está indo morar em uma moradia provisória mantida pela OAF (Organização de Auxílio Fraternal), depois de um longo período vivendo em albergue. Hoje, além de vender a Revista Ocas no Centro Cultural Banco do Brasil e na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, trabalha para a OAF organizando passeios culturais para os assistidos pelo projeto.

Como você conheceu o projeto da Ocas?

Zeca – Eu ainda estava morando em casa e vi no Jornal da Cultura. Na época eu ainda tinha ficado dez dias na rua, mas deu pra voltar pra casa. Baixou a bola lá dos problemas familiares. Aí a coisa em casa começou a ficar complicada novamente e fui procurar um albergue. Fui pro Arsenal aqui no Brás. Foi um problema com o meu irmão mais novo que acabou desestruturando o núcleo familiar. Tanto que a minha mãe tá morando na Praia Grande. Meu irmão mais velho tá lá em Porto Feliz, porque passou no concurso da Caixa Econômico Federal, vai se aposentar lá. Minha mãe tinha uma pensão ali na Vila Formosa e fiquei um ano lá ajudando. O meu irmão mais novo tem problemas com drogas e foi morar na pensão. Eu avisei pra minha mãe que não ia dar certo. Lá ele encontrou um cara que veio de Alagoas que disse que usava também e eles ficaram amigos. Aí o meu irmão teve com ele a mesma atitude que sempre teve com a família. Roubou a televisão do cara pra levar pra boca. O alagoano apareceu na pensão com dois caras bem mal encarados na intenção de fazer o meu irmão. Quase sobrou pra mim. Eles falaram para eu sair que o negócio era com o meu irmão. Eu saí, dei uma volta na praça, liguei pra minha mãe na Praia Grande e disse que ia sair da pensão e ir para um albergue.

Como foi o seu começo no projeto da Ocas?

Zeca – O meu primeiro ponto foi no Ponto do Colégio. A Kenia, a menina que fazia o atendimento aqui, fez o meu cadastro e falou que tinha um senhor que não estava vindo e fazia o Pátio do Colégio. Eu peguei as dez revistas e fui pra lá. Eu ficava no meio do pátio. As pessoas passavam para ir para a Ladeira Porto Geral. Eu tava achando meio dispendioso porque era um lugar de transição e aí você tinha que acompanhar a pessoa pra lá. Tinha que andar e falar ao mesmo tempo. Aí resolvi ficar no Museu Anchieta, que é ao lado da capela. Eu percebi que quando as pessoas param para entrar em algum lugar elas dão uma quebrada e aí você pode enganchar né. E começou a surtir mais efeito.

Como você aborda as pessoas?

Zeca – Tinha uma voluntária da Ocas, a Estela, que trabalhou no departamento de vendas da Telefonica. Ela perguntava pra gente como abordávamos as pessoas na rua e certa vez me deu um toque de mudar a abordagem. Se eu te parasse na rua eu dizia: você tem um minuto do seu tempo? E se você for esperar um minuto das pessoas aqui em São Paulo você tá perdido. Eu mudei então para: você conhece essa publicação que só vende nas ruas? A partir daí melhorou.

Onde você vende hoje?

Zeca – Eu fiquei no Pátio do Colégio uns seis meses. Aí depois é normal pra qualquer vendedor você acaba injuriando do ponto e começa a pensar em outras possibilidades. Hoje eu fico aqui no Centro Cultural Banco do Brasil e no Largo São Francisco, ali na Faculdade de Direito. No final de semana eu faço o Espaço Unibanco de Cinema. Agora estou saindo do albergue e indo para uma moradia provisória que vai me propiciar testar trabalhar a noite.

Como é essa moradia provisória?

Zeca – É uma moradia provisória administrada por uma organização, no caso é a Minha Rua, Minha Casa, mantida pela OAF (Organização de Auxílio Fraternal). A gente paga uma quantia mínima e mora como se fosse uma pensão. Você tem autonomia para sair e entrar a hora que quer. Tem que correr atrás da janta, coisa que no albergue não precisa fazer, já tem tudo pronto lá. Poder fazer a sua comida, nem que seja um ovo frito com pão, ajuda na sua formação. Não é que nem no albergue que você passa no bandeirão. A comida até é boa mas e aí? E passar e mandar pra dentro?!?!

Quais foram as mudanças que o projeto da Ocas te proporcionou?

Zeca – Olha, é um processo em construção. Só a existência do projeto para pessoas em situação de rua, como eu estou ainda, é fundamental. É importante ter projetos nesse formato porque quando você vai pra rua literalmente não tem um norte na sua vida.

E na sua forma de se relacionar com as pessoas, o que o seu projeto ajudou?

Zeca – Tenho novas amizades. São poucas, dá pra contar nos dedos das mãos, mas isso é muito bom. Às vezes você tá ali, no ponto de venda, oferecendo a revista com as pessoas passando. Aí, do nada, aparece aquele cara que compra mensalmente com você e para, bola uma idéia como a gente tá bolando aqui, e chama pra tomar um café. E se conversa não só assuntos relativos ao projeto, mas também outras coisas. Isso é gratificante.

## Alderon Costa

Alderon Costa trabalha há 25 anos com população de rua e é um dos fundadores da Rede Rua – Comunicar, Educar e Articular Cidadania, associação que vem atuando, desde 1991, em projetos para os sem-tetos na Cidade de São Paulo. Foi, também, um dos que trouxeram para a capital paulista o projeto da Revista Ocas – saindo das ruas.

Eu queria que você falasse sobre a situação da população de rua em São Paulo.

Alderon Costa - Essa realidade da rua é complexa. A rua é o limite. É quando o cidadão chega e diz: - eu não tenho mais nada. Os motivos que levam as pessoas pras ruas são vários. São fatores que se combinam. Pode-se dizer que foi a quebra de vínculos, a questão familiar, a questão econômica, mas eu conheço pessoas que têm todos esses problemas e não foram para rua. É uma prova que não apenas esses fatores, mas as formas que eles se relacionam. Tem toda uma realidade complexa que envolve a criação da família, a formação das pessoas. É muito complicado. A outra questão é a da relatividade. Nenhuma organização social tem a solução. O poder público muito menos. Eu defendo que isso vem de uma busca conjunta. Porque toda solução envolvendo a questão da rua tem um limite.

As pessoas que procuram um albergue não estão querendo ficar no albergue. Eles querem buscar algo melhor. Os equipamentos públicos do jeito que estão criam uma cultura do comodismo, da dependência. As pessoas são castradas na sua dignidade, na sua essência de poder fazer as coisas por si mesmo como conquistar seu alimento e trabalho. A visão que se passa é que ele é um “filho do poder público”. O poder público dá tudo. Isso está levando a cultura da acomodação. E com isso estamos percebendo que está aumentando o número. Os projetos que eram para responder a uma transformação social

estão criando outro problema que são as pessoas que são incapazes de sobreviver sem o poder público.

Há uns dez anos o poder público atingia, no máximo, umas três mil pessoas que estavam na rua. Hoje está atingindo mais de sete mil pessoas. Mais que o dobro. Isso está sendo cumulativo, não está levando a nenhuma transformação social. Não há uma busca de se resolver esse problema na raiz. Não há, por parte do Governo Federal, um incentivo para se resolver o problema nas pequenas cidades. Não há um trabalho no sistema penitenciário, para que as pessoas ao saírem da prisão não acabem na rua. Só citando essas duas questões demonstra que o poder público tá complicando ainda mais essa questão. Ele esconde as pessoas dentro do albergue e com isso a realidade fica mais tranqüila, não há tanto conflito.

A questão das relações horizontais e verticais é complexa. Da forma que está você não consegue ter relações horizontais. A proposta não permite. Você vai num albergue e vê que a proposta é realmente de dar o alimento, a dormida e o café e tchau! Não há nenhuma busca de uma participação, de uma relação horizontal, onde o usuário tem direitos também. Quando se permite as essas pessoas darem um pouco de si percebe que há mudanças na questão da dignidade, do vestuário, do jeito da pessoa falar. Você vai percebendo toda a transformação. Nós temos essa experiência lá em Santo Amaro. Nós temos um albergue comum onde as pessoas chegam, são atendidas, encaminhadas para documento, para suas famílias, recebem a comida e a cama pronta. É um procedimento padrão. Mas existe outro núcleo onde a pessoa chega e é avisada que só dormem dezesseis em cada quarto, que é função deles cuidar do quarto, fazer a comida nos finais de semana. Existe uma assembléia mensal onde todos participam para discutir. Aí você já vai percebendo a mudança. A busca da relação horizontal é a saída, junto com outras ações. Permite, pelo menos que elas possam sonhar com alternativas que não seja a rua. A relação vertical mata o sonho. Mata a possibilidade dessas pessoas abandonarem

essa realidade. A tendência é se afundar mais na violência, no álcool, na droga. A relação horizontal aponta para a saída. A pessoa não sai da rua apenas com um emprego.

Eu sinto que as representações negativas em relação à população de rua vêm se exacerbando...

Alderon Costa - ....porque não são gente. São pessoas que não contam mais na sociedade. Na verdade são um tropeço, só atrapalham. Isso sempre aconteceu. A diferença é que hoje o problema é mais visível. Você tinha até a década de 90, três mil pessoas na rua. Hoje você tem 15 mil. O poder público fala oficialmente em 12 mil, mas com certeza tem mais. Juntando os menores você chega a 18 mil, sendo que 70% vivem no centro da cidade.

Porque há essa concentração no centro da cidade?

Alderon Costa – É onde estão os recursos. É natural isso. É onde estão, inclusive, os equipamentos da prefeitura. No centro os grupos de ajuda vêm dar comida. Você tem INSS, os órgãos que atendem de graça. A própria arquitetura da Cidade auxilia nisso com os viadutos, os terrenos abandonados, as praças e tudo mais. A cidade possibilita isso. Aí entramos no conceito higienista, que é antigo. Eu recuperei esses dias uma crônica do Lima Barreto que ele fala do Carlos Chagas e é uma das primeiras que vi claramente o termo sendo usado para essa questão da limpeza social. O termo correto não é só esse. Não se trata só de uma limpeza social. É mais do que isso. Estão expulsando as pessoas do centro e mandando para a periferia. É um genocídio mesmo porque mandar essas pessoas para lá é mandar para a morte. E é matar a periferia também.

Como é esse processo de levar as pessoas para a periferia?

Alderon Costa - O que está acontecendo é uma expulsão pela força. Você chama a força policial, chama a imprensa para ver a questão das rampas, a questão da cracolândia na Luz. E uma política social de se abrir albergues na

periferia vem acontecendo lentamente. A periferia não tem estrutura. Não tem prédios para acolher as pessoas. A idéia é tornar São Paulo uma cidade turística e é preciso tirar o “entulho”, quem atrapalha. Outro erro são as frentes de trabalho. A estrutura é para trabalhar por nove meses, com salário baixo. É uma estrutura que não vai transformar. Todas as pessoas que trabalham nas frentes de trabalho ainda dependem do poder público. Não conseguem a autonomia. É velha história da escravidão. A mercearia vai pegar todo o seu dinheirinho. São os novos escravos. O poder público antes só via a questão social. Hoje eles perceberam que usar essa mão de obra é mais barato.

E também tem os crimes que vêm ocorrendo contra a população de rua e ninguém foi punido

Alderon Costa – E ninguém vai ser punido porque não se matou ninguém. Perguntam quem é essa pessoa? Que contribuição essa pessoa deu para a sociedade? Você só é algo a partir do momento que você contribui para a sociedade.

Existem projetos que promovem a autonomia?

Alderon Costa – A emancipação acontece quando você “dá a chave” e a pessoa tem responsabilidade. Um projeto fantástico é o projeto Moradia, onde a pessoa é responsável por tudo isso. Isso aponta para trabalhos que poderiam ser aplicados na política pública. Tá claro hoje que se você não tiver formação não vai entrar no mercado de trabalho. Não adianta simplesmente fazer um curso de pintura de parede se isso não vai resolver o seu problema. Primeiro tem que fazer um trabalho para essa pessoa aprender a gerenciar a sua própria vida, saber que, além de pintar, tem que oferecer o seu próprio trabalho. Aprender a ter valores, a se relacionar com as pessoas. Isso é um trabalho grande e complexo. O poder público acha que com cursinhos, oficinas, vai resolver alguma coisa. Não resolve. Eu acho que todo trabalho com morador de rua tem que ser personalizado. Não adianta querer fazer

trabalho de massa. Até dez, quinze pessoas dá pra trabalhar. Em um albergue com 120 pessoas é preciso espaços para poder trabalhar com grupos menores, justamente para lidar com a questão dos vínculos, da estrutura pessoal. Precisa de um trabalho terapêutico, por exemplo, para não voltar a cair. O que acontece é que, às vezes, conseguimos tirar pessoas de rua. Encaminhamos para projetos de geração de renda e ele sai. A Ocas, por exemplo. Em uma semana ele consegue sair do albergue. Mas essas pessoas têm um histórico de problemas. Pode bater uma depressão e gastar todo o dinheiro que ganhou em bebida e voltar para a rua.

Como são esses estágios de ida para a rua?

Alderon Costa – A mudança depende de pessoa pra pessoa, de história pra história. Nós já percebemos que várias pessoas, quando caem na rua, nos três primeiros meses, ainda falam pra você que precisam de um emprego. É um sinal ainda de que quer sair dessa vida. Depois de um ano essa mesma pessoa diz que o negócio é só tomar cachaça, não quer saber de albergue, não quer saber de mais nada. Acha que tudo é enganação, exploração. Aí você percebe pela vestimenta que a pessoa não se cuida mais. No corpo as pessoas começa a pegar doenças como a muquirana, problemas de pele, cirrose, que são sinais que essa pessoa não tem mais a auto-estima. Ao contrário, quando você possibilita que pessoa entre em um projeto, começa a vender uma revista, começa a se arrumar, fazer a barba. Tem um depoimento em uma das primeiras filmagens da Ocas que diz: - eu vendi tantas revistas e aí eu fui comprar uma roupa em um bazar, fiz a barba e o cabelo e fiz até a unha. A pessoa recomeça a sonhar. Um segundo estágio acontece quando recomeça a procurar os vínculos com a família, pra mostrar que ele ta conseguindo sair da rua. Eu fiz um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo onde eu documentei fotograficamente, durante um ano, alguns moradores de rua e outros que saíram da rua para integrarem o MST. As características das fotos dos moradores de rua é que todos estavam de bruços,

curvados. Enquanto que as fotos dos ex-moradores de rua mostravam pessoas em pé, saudáveis, como aquele olhar longe na perspectiva. Tinham duas fotos no meio do trabalho que eram dois pés. Um de morador de rua todo arrebitado, machucado, e outro de um ex-morador de rua que você percebia a dignidade. A primeira coisa que a pessoa perde quando vai pra rua é o nome. Primeiro perde os documentos, quando não perde o sapato primeiro. Ele dorme e outros vêm e levam. Começa a ser chamado de paraíba, preto, negro, pernambucano. Percebendo isso, uma coisa que nós insistimos em todo trabalho é que todos têm um nome e cada nome tem uma história. Quando se conhece o nome, você tem um poder sobre as pessoas. Se eu chego em uma maloca e digo Ezequias, João ou Feliciano você vê a diferença. Ele imediatamente te cumprimenta e passa a ter outra relação com você.

## Denise Mota

Denise Mota é jornalista e edita a Revista Ocas desde o início. Teve contato com a The Big Issue em Londres e ao retornar ao Brasil participou da criação da Ocas em São Paulo

Como e por que você ingressou na Ocas e qual a sua função?

Denise Mota - Minha função dentro da Ocas é de editora da revista Ocas" (todas as vezes em que grafamos Ocas" com aspas refere-se à revista; quando escrevemos Ocas sem as aspas, estamos nos referindo à Organização Civil de Ação Social, ONG que, entre várias atividades de reintegração social, publica a Ocas"). Sou também uma das fundadoras da Ocas. Sou jornalista de profissão, em julho de 2000 trabalhava na "Folha de S.Paulo" como redatora do caderno "Ilustrada", de cultura. Fiquei sabendo que em Buenos Aires estava para ser lançada uma revista nos moldes da "The Big Issue", que eu já conhecia de Londres e que era um projeto que me interessava bastante. Foi quando entrei em contato com a equipe de Londres para obter os contatos de Buenos Aires e, nesse telefonema, me contaram que também no Brasil estava se articulando um grupo para lançar uma revista semelhante no Rio e em SP. Ainda mais interessada, entrei em contato com essas pessoas, que eram o Luciano, no Rio, e o Alderon, em SP. Acabei me integrando ao grupo e, 2 anos depois, lançamos a revista, cujo projeto editorial foi desenvolvido por mim em debate com toda a equipe que foi se formando durante o processo. De um processo normal de apuração jornalística, acabei entrando no projeto.

Qual a sua opinião sobre as políticas voltadas ao povo da rua?

Denise Mota - Que políticas? Não há políticas. E não falo pela Ocas, mas estritamente como cidadã nascida, criada em São Paulo e a cada dia mais chocada com a vergonhosa bola de neve de injustiça que vai rolando à frente de nossos olhos sem que haja ao menos um debate honesto com a sociedade

sobre o que pode ser feito, senão para resolver isso, porque o tema não é simples nem de longe, ao menos para diminuir os efeitos dessa degradação social que se vê nas cidades brasileiras cada dia com menos espanto.

Como editora, qual é a sua relação direta com os vendedores e de que forma é mediada a participação deles na revista?

Denise Mota - Nos três anos iniciais da Ocas, frequentei muitas reuniões da organização, das quais também participavam os vendedores, e ainda hoje nos encontramos em eventos da organização, e por vezes troco e-mails com alguns deles, aqueles que têm maiores possibilidades de se comunicar por essa via. Desde que vim morar no exterior, há 1 ano, naturalmente meu contato diminuiu, não só com os vendedores, mas com toda a equipe da Ocas. O contato é feito 90% do tempo agora pela internet, através de e-mails. No entanto, conheço a história dos vendedores da Ocas, seus potenciais, ambições e também problemas, como qualquer pessoa em relação a seus colegas de trabalho.

Eles também se sentem à vontade para expressarem como se sentem em relação à equipe e à revista. Semanalmente há reuniões entre a diretoria da Ocas e os vendedores e, entre outros assuntos, é comentada a revista. Eu recebo a ata dessas reuniões e, quando há observações relacionadas à revista, sempre respondo a eles, e a resposta ou é transmitida oralmente pelos diretores, ou o e-mail é afixado no quadro coletivo da Ocas, para que eles possam ler ao passar por lá.

Quanto à produção na revista, há semanalmente a Oficina de Criação da Ocas, coordenada pelo Márcio Seidenberg, e dessa oficina saem os textos que são publicados mensalmente na Ocas, na seção Cabeça Sem Teto.

Essa seção sempre existiu, ela foi um dos pré-requisitos para a criação da revista, porque, sem essa seção, a Ocas não teria sentido. Em sendo um veículo destinado a gerar fonte de renda a pessoas em situação de rua e também ser ferramenta de expressão dessa população, o ponto de partida da revista é esse espaço, em que não só os vendedores, mas toda e qualquer

peessoa que viva nas ruas tem abertura para falar de suas experiências, medos, sonhos, dores, problemas. Para escrever, desenhar ou simplesmente contar sua história. Já tivemos inúmeros perfis apresentados nessa seção e hoje ela está mais concentrada em apresentar a produção dos vendedores, estimulada e desenvolvida nessa oficina.

Mas não é só através da oficina que os vendedores participam da revista. A experiência deles quando da venda nas ruas, os *feedbacks* que eles têm e que repassam à redação, suas percepções e queixas, tudo isso vai moldando as características da revista e termina por ser incorporado no dia-a-dia da redação.

Um exemplo é que os vendedores nos contam que fica mais fácil vender a revista com duas chamadas de capa, e não só uma. Isso porque, na estratégia deles, se o leitor não se empolgar muito com o primeiro título, a chamada principal, eles ainda têm uma "segunda chance" de atraí-lo, apresentando a segunda chamada. Já há muito tempo aumentamos, quando possível, o número de chamada para duas, visando essa vantagem para o vendedor.

Também notamos que o conteúdo da revista, em dado momento, estava muito concentrado em temáticas de SP, e isso dificultava o trabalho do vendedor do Rio. Com os comentários deles, pudemos reverter essa situação e, depois, foram os vendedores de SP que reclamavam que a revista estava "muito carioca". Então, é desse equilíbrio entre as demandas dos vendedores, os objetivos da Ocas, a busca insubstituível pela notícia e por fazer uma revista de qualidade e com abordagem diferenciada e nossa, felizmente, boa gama de colaboradores voluntários e antenados, é dessa somatória que se compõe a revista hoje.

Em sua opinião, o que diferencia uma proposta de publicação de rua nos moldes da Revista Ocas de outros projetos sociais de reinserção?

Denise Mota - Alessandro, a Ocas, na minha opinião, e agora falo como editora porque pensamos nisso todos os dias, é uma revista que tem como maior pilar ser, em primeiro lugar, uma revista de qualidade. Só depois que

essa revista de qualidade está pronta é que nós pensamos que, além de ser uma revista bacana, interessante, bonita, "diferentona" etc., só depois disso é que a gente lembra que, além de legal, a Ocas é um meio de trabalho para pessoas marginalizadas. Isso falando estritamente do conteúdo.

É claro que essa é a tônica da razão de ser da revista, como te dizia na resposta anterior. O que acontece é que, desde o início, rechaçamos a idéia de que a Ocas é algo que o leitor vá comprar para "ajudar" a pessoa que a está oferecendo. Temos como divisa produzir uma revista que o vendedor tenha orgulho de fazer parte e de vender, e que o leitor tenha vontade de comprar.

Quando publicamos a entrevista com o Chico Buarque, na edição especial de segundo aniversário da Ocas, e a edição esgotou, para nós esse foi o ponto ótimo, ideal do que desejamos para a revista: ser uma publicação desejável, esperada. Que as pessoas se aproximem dos vendedores e vejam neles não pessoas de rua, "coitadinhas", "vamos ajudar com R\$ 3", não isso, mas que vejam "o cara que vende aquela revista legal", "o cara que sempre tem histórias interessantes para contar", "o cara que está lá trabalhando e é super boa-praça". É isso o que queremos, uma relação de igual para igual, entre alguém que deseja um produto, e alguém que tem esse produto para oferecer. É o tal "encontro" que você tem na sua abordagem, uma proximidade que se dá pela natureza humana das pessoas, que se dá porque as ruas são espaço público e são espaços de encontro, de intermediação, de confronto, mas também de troca, de reinvenção. E é na reinvenção dessas pessoas que vendem a revista e que param de ser marginalizadas, é na volta dessas pessoas ao convívio social dos "incluídos", é nesse ciclo virtuoso que, apostamos, está o grande passo para a reintegração social e pessoal de quem vive nas ruas.

## Professora Maria Antonieta da Costa Vieira

A antropóloga e professora Maria Antonieta da Costa Vieira participou ativamente da organização do primeiro censo de população de rua realizado na Cidade de São Paulo em 1991 pela prefeitura e organizações não governamentais. O trabalho resultou no livro "População de Rua – quem é, como vive, como é vista" (HUCITEC, 1994)

O que a senhora acha de projetos como o da Revista Ocas?

Maria Antonieta - **Tem uma coisa interessante na proposta do trabalho que é explorar o veio da comunicação. Muitas pessoas afirmam que o trabalho, e é claro que é fundamental para a sobrevivência, mas, no entanto, essa questão dos vínculos é muito forte. Até porque a pessoa que vai pra rua geralmente começa a perder vínculos e começa a adquirir outros que são específicos do pessoal da rua. A proposta da revista coloca esse indivíduo em ação com outros ambientes sociais.**

Veja os albergues. Nós observamos, em certos casos, que não é o primeiro albergue que ele vai. Entra em uma situação em que não consegue trabalho e acaba procurando outro albergue. Isso vira um modo vida. Então, quando você fala dessa questão do confinamento é muito interessante. Uma grande discussão é: como esse indivíduo faz para sair dessa situação? Como ele conquista autonomia? Muitas vezes o que acontece é que essa política de albergues determina que ele fique nesse círculo vicioso.

O que eu notei em algumas leituras e até em conversas com o pessoal da Ocas é que projetos desse tipo colocam o morador de rua como ser ativo da sua própria reconstrução. Em uma tese sobre vínculos familiares que eu li, eu confirmei que o morador se vê patologizado, se sente uma doença. Em reuniões da Ocas eu percebi que há uma certa distância regulamentar para que não se torne uma relação paternalista.

Eu pensei em uma questão básica: será que eu sentaria numa sarjeta para conversar com um morador de rua? Eu, no entanto, já conversei com o vendedor da Ocas quando o encontro na porta da faculdade.

Maria Antonieta - Quando você conversa com um vendedor da revista Ocas eles estão imbuídos de um outro lugar social. Socialmente, ele não é aquele que “não tem”. Ele tem uma afirmação positiva da condição dele. Em 95 eu tive a experiência de visitar a experiência de morador de rua em Londres. Fui na Big Issue. Eu achei fantástica a idéia por não ter aquela relação paternalista. É um projeto que se adequa as características dessa população. Está no espaço dele, que é a rua Não é um trabalho regular e contínuo, onde tem que se cumprir um horário rigoroso, o que é uma grande dificuldade para esse indivíduo. E o coloca em uma condição que não é de pedir. Além de ser uma oportunidade de trabalho é uma chance de se relacionar com o mundo social. Está certo que, de certo modo, ele ainda tem essa questão da rua, mas é um outro tipo de inserção que está sendo proposta.

É uma inserção pelo estabelecimento de vínculos.

Maria Antonieta - **Sim**

É claro que uma relação comercial permeia tudo isso, mas, por outro lado, são situações que vão se criando. Eu sempre parto do princípio de essas pessoas atingiram o fundo do poço.

Maria Antonieta - Eu sou antropóloga e vou mais pra pesquisa qualitativa, apesar de trabalhar hoje com pesquisa quantitativa. Você vai ter que acompanhar, em alguns casos, o cotidiano de alguns vendedores e eventualmente ir junto com eles, percorrer. Uma coisa que você vai poder explorar é de um lado a ação dele e, de outro, como ele é visto e os tipos de relação que estabelecem. Provavelmente pessoas de rua não teriam acesso a determinados lugares. Tem um projeto bem interessante que é colocar pessoas de rua como agentes de saúde.

Tem essa questão das rampas anti-mendigos

Maria Antonieta - **É uma limpeza porque não se está propondo uma saída. Está se escondendo**

No livro "O Espelho das Cidades", do francês Henri-Pierre Jeudy, ele critica a forma como é feita essas revitalizações de centros históricos.

Maria Antonieta - **Duas coisas: uma sobre vínculos e outra sobre os projetos de reestruturação do centro. Existe um projeto de revitalização que começou na gestão anterior (gestão da prefeita Marta Suplicy, entre os anos 2000 e 2004). São propostas para o centro de transformação que passam por uma higienização. A região da cracolândia que vem sendo chamada hoje de Nova Luz vai ser demolida. Antes, o projeto previa a manutenção nas áreas centrais diferentes grupos sociais com projetos para a população de baixa renda e isso hoje está bem secundário.**

Eu queria que a senhora repetisse os números da pesquisa realizada com moradores de rua

Maria Antonieta - **Entre 2000 e 2003 houve um crescimento muito acentuado na população de rua, incluindo quem vive na rua e o pessoal de albergue. Você observa que o grande aumento foi da população de albergue. Cresceu 70%. A população de rua se manteve no mesmo nível. Mais de 10 mil pessoas vivem nas ruas em São Paulo, desses 60% são pessoas que ficam em albergues. Cresceu muito o número de albergados.**

## Guilherme Araújo

Guilherme Araújo é presidente do Conselho Executivo da Organização Civil de Ação Social (Ocas)

Eu estive recentemente em uma reunião de lançamento de um novo número e percebi que os vendedores são estimulados a lerem a revista que estão vendendo.

Guilherme Araújo - **Eles são estimulados a lerem quando a revista sai e depois no final do mês trazem as opiniões dos leitores e a experiência de cada um sobre o que ajudou ou não a vender a publicação.**

Como é a estrutura da Ocas?

Guilherme Araújo - **Infelizmente a gente não tem a estrutura que gostaria para atender os beneficiários. É um trabalho voluntário tanto na parte da revista como na parte social. Nós contratamos apenas um funcionário que, no caso é um ex-vendedor. A gente faz um trabalho de divulgação nos albergues e nos pontos de encontro dessa população como refeitórios comunitários e até mesmo na rua. Atualmente acontece um fenômeno mais interessante que é um boca-a-boca. Alguém conhece uma pessoa que está em dificuldade e encaminha para cá. Tem alguns poucos albergues que encaminham pessoas para cá também como é o caso do Glicério onde o assistente social, que trabalhou aqui um tempo, faz esse encaminhamento. Temos uma média de 10 a 15 cadastros por mês de pessoas interessadas em vender a revista. Trabalhando ativamente nós temos uma média de 30 pessoas aqui em São Paulo e 50 no total, contando o Rio. Se pensarmos em termos de quem passou já foi mais de mil em São Paulo e no Rio.**

Quais são as grandes dificuldades enfrentadas pelos vendedores?

Guilherme Araújo - Muitos que vêm aqui acabam não continuando porque justamente significa um trabalho de contato físico com o leitor de outra classe social, de outra região. É complicado sair do Centro, que é uma região protegida para quem está em situação de rua por conhecer os esquemas, as pessoas, e ir vender a revista na Avenida Paulista, nos Jardins, e dar de frente com uma pessoa que sempre tratou você com preconceito. A auto-estima já baixa.

Seria possível mudar isso?

Guilherme Araújo - O ideal seria fazer um trabalho prévio, até acompanhando as pessoas nos primeiros dias como vendedores. É uma série de dificuldades que a pessoa enfrenta. Primeiro é auto-estima baixa e depois vem esse contato com pessoas de outras classes sociais e de outras regiões. Além disso, tem essa coisa de vender um produto social-cultural em um país que não se lê e ouvir 20 não a cada um sim.

Existe, portanto, uma frustração ao não vender o que se espera, o que acaba afastando o vendedor do projeto?

Guilherme Araújo - Eu até entendo que a pessoa está em uma situação super difícil, morando em um albergue, sem dinheiro, com a auto-estima lá embaixo porque deixou a família pra trás. Aí chegamos divulgando o projeto e alguns pensam: "Isso vai resolver a minha vida!". Não é assim. É de pouco em pouco. Eu tenho receio as vezes que ao invés de resgatar ajudar a afundar um pouco mais. Porque depois de ouvir uns 20 não ele pode pensar que a culpa é dele, que não serve pra nada.

A fórmula da Ocas deu certo?

Guilherme Araújo - Acreditamos que a fórmula dá certo, é lógico. Nós tivemos diversos casos de sucesso. O que precisa é ultrapassar essa primeira barreira que é superar a dificuldade da venda. Resgatar a confiança e a auto-estima. Depois que o vendedor ultrapassa essa fase começa a caminhar com as

próprias pernas. Alguns chegam a vender de 200 a 300 revistas por mês. Nós fugimos totalmente do assistencialismo. Quando o vendedor começa nos damos imediatamente dez revistas, mas quando volta para o projeto não tem mais esse direito.

Dá pra ter uma média do tempo em que o vendedor fica ligado ao projeto?

Guilherme Araújo - É difícil. Tem alguns que vendem as revistas para atender uma necessidade básica como comprar uma passagem de ônibus.

Quais as transformações que você vê nos vendedores?

Guilherme Araújo - Existe uma barreira entre dois mundos e a Ocas faz a ponte. Se você conseguir passar a ponte vai em frente. Uma coisa que percebo é que quando alguém chega aqui geralmente fala pouco, olha para o chão. Depois ele começa a se preocupar com a aparência e dá pra ver a mudança nas roupas, no corte de cabelo. Sem generalizar, a chance de um empresário, de um universitário, de um executivo parar pra conversar com um morador de rua é baixíssimo. Mas a medida que ela está autorizado como vendedor da Ocas, com um produto na mão, já criou uma ponte. Uma vez um diretor da Petrobras que estava na Paulista convidou um vendedor pra subir até o escritório dele pra tomar um café. Tem um rapaz que me ajuda no computador, mas vende pouca revista. Ele tem dificuldades. Mas você percebe que ele é outra pessoa. Só dele vir aqui conversar com a gente dá pra ver que ela já mudou.

E como é a relação do projeto da Ocas com os profissionais da área social?

Guilherme Araújo - As vezes o assistente social do albergue não conhece o projeto ou, acredite, existe uma concorrência. Não querem que se saia do albergue. É a indústria da miséria, da pobreza.

A Ocas passa por dificuldades financeiras. A que se deve isso?

Guilherme Araújo - Queira ou não falar em morador de rua já provoca um preconceito enorme. Teve um empresário conhecido meu dono de uma das maiores fábricas de material esportivo que tinha acabado de bancar a estrutura para uma viagem de crianças para os Estados Unidos. Estávamos indo para a Suécia para a Copa do Mundo de Futebol de Rua e só pedimos o material esportivo. Ele não ajudou, não quis associar a marca dele.

Como funciona a participação dos vendedores na parte editorial da revista?

Guilherme Araújo - Na coluna Cabeça sem Teto. Mas eu queria deixar claro que a meta da Ocas não é ser feita totalmente pelos vendedores. O objetivo é gerar renda e tem que agradar o leitor da classe média e da classe média-alta. Por mais que a nossa proposta seja politicamente de esquerda ao dar oportunidade trabalho aos marginalizados que a sociedade fecha a cara a nossa revista não pode ser um panfleto comunista. Tem que ter um conteúdo agradável que agrade o leitor.

## APÊNDICE B

Capas e páginas da Revista Ocas (Coluna Cabeça sem teto)

# Ocas"

saindo das Ruas

12

julho 2003

**DIVULGAÇÃO**  
Venda Proibida  
www.ocas.org.br  
Tel. (11) 3208-6169

## MARIA, MARIA

Revelação da MPB como não se via há tempos, Maria Rita Mariano prepara o 1º CD e fala com exclusividade sobre os caminhos do Brasil e de sua música

## OCAS", 1 ANO!

Conheça histórias de gente que saiu das ruas; os vendedores da Ocas" contam pelo que lutam e o que querem do futuro

## BONASSI TROUXE O TROMBONE

Fernando Bonassi estréia coluna mensal, em que traz textos inéditos sobre a vida nos tempos que correm

**R\$2,00**

R\$ 1,50 do preço de capa vai para o vendedor. Por favor compre somente de vendedores autorizados.

# Ocas

saindo das ruas

21 maio 2004

## RETRATO DO PRESIDENTE QUANDO JOVEM

Eduardo Coutinho e João Moreira Salles falam de cinema, de política e de "Diário de Campanha", documentário sobre Lula antes da chegada ao poder



R\$2,00

R\$ 1,50 do preço de capa vai para o vendedor. Por favor compre somente de vendedores autorizados.

**Ocas**  
saindo das ruas

nº26 setembro 2004



**O SACI  
VAI A BRASÍLIA  
(E LEVA SEUS AMIGOS)**

Mula-sem-Cabeça, Boitatá, Curupira e outros personagens do folclore brasileiro se preparam para visitar o Ministério da Cultura, através de entidade criada para valorizar os mitos do país

R\$ 2,00 do preço de capa vão para o vendedor. Por favor, compre somente de vendedores autorizados.

**R\$ 3,00**



# Ocas

saindo das ruas

nº38 setembro 2005

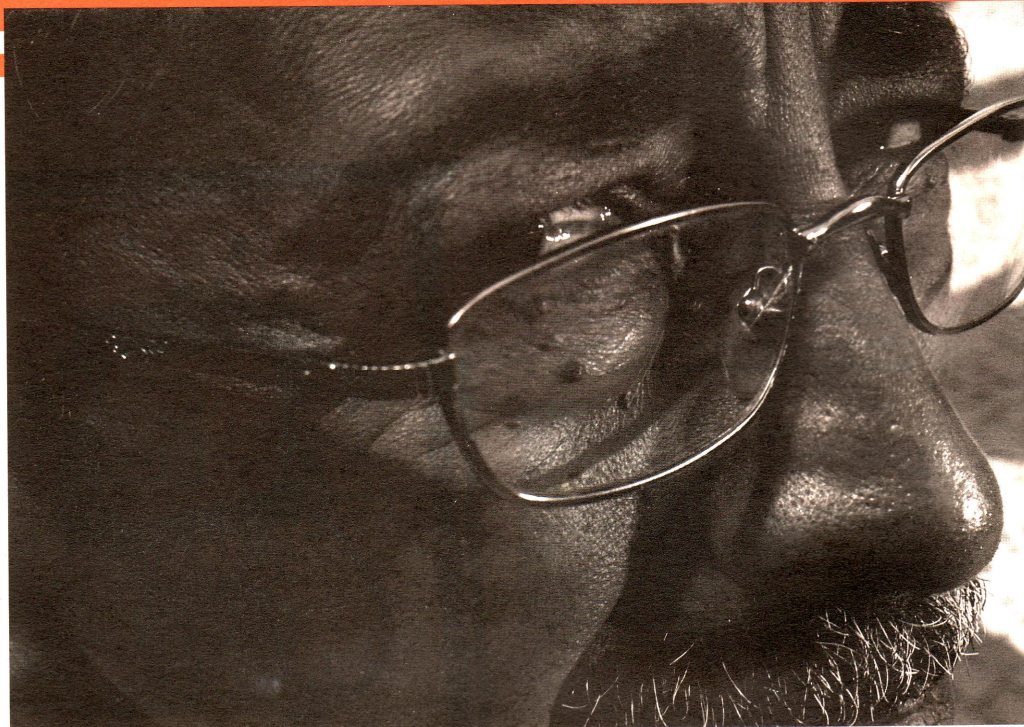
## REIS DA SUCATA

Um dos maiores lixões da América Latina pode fechar e deixar cerca de 5 mil catadores de materiais recicláveis sem trabalho no Rio; conheça essa e outras realidades de um universo composto no Brasil por mais de 500 mil pessoas, espalhadas por 3,8 mil municípios

R\$ 3,00 R\$ 2,00 do preço de capa vão para o vendedor. Por favor, compre somente de vendedores autorizados.

08

CABEÇA SEM TETO

texto: Cláudio Bongiovani Azevedo  
foto: Zeca Caldeira

## VISITA A BAURU

### Um dia regado a bate-papo, calor humano e bons pensamentos

As oportunidades que a vida nos oferece são todas evolutivas e como crescimento tornam-se primordiais. Ter a oportunidade de sair das ruas, recuperar a auto-estima, reorganizar os pensamentos, pôr em prática a oportunidade e, acima disso, estar convicto do que se deseja é apenas o início de quem chega ao projeto Ocas.

Dentre as oportunidades que o projeto me oferece, tive a grata satisfação de voltar para Bauru, para divulgar o projeto para os universitários da Unesp – (Universidade Estadual Paulista) e, é claro, atender aos leitores da Ocas” lá do Centrinho, da ITE e CEAC. Um dos nossos voluntários, Alan (estudante da Unesp), com a Giovana e demais estudantes, organizaram uma palestra explicativa sobre a revista.

Estávamos preocupados se haveria público, mas aos poucos os estudantes foram chegando, e logo o teatro estava lotado. Os olhares curiosos e atentos nos fitavam e, quando se iniciou a palestra, todos os lugares estavam tomados.

Alan fez uma explanação sobre a revista, depois me deu a palavra para que contasse a minha vida antes e depois da Ocas”. Ao ir falando, percebia nos olhares aquelas mensagens de coragem, ânimo e força, sentia que as pessoas emitiam bons pensamentos, principalmente quando consegui demonstrar um pouco o quanto o projeto transformou a minha vida. Foi empolgante sentir aquele calor humano, dando-me a tranqüilidade de estar expondo a importância que tem a Ocas” em minha reestruturação.

Algumas perguntas foram feitas, acredito ter respondido a contento. E quando vi que todos entenderam os objetivos do projeto encerramos. Foi um momento bastante importante, pois recebi os cumprimentos de professores que estavam presentes. Essas oportunidades surgem para que o vendedor da Ocas”, além de divulgar o projeto, possa estar sempre à altura de atender com educação e solicitude aos leitores, pois são nossos leitores que nos incentivam a ressurgir das cinzas.

Os meus agradecimentos ao Setor de Comunicações do Centrinho, aos estudantes de jornalismo da Unesp, ao Centro Acadêmico da ITE e aos demais leitores de Bauru. Nos veremos em breve!!! ■

## **E** cabeça sem teto

10

# PRESENTES NAS RUAS

A oficina de criação elaborou este guia para apresentar a você, leitor, produções independentes e personalizadas encontradas nas ruas de São Paulo e do Rio. Não só para os presentes de Natal e Ano Novo. Foram selecionadas obras vendidas, em sua maioria, por seus criadores, em qualquer época do ano, faça frio, faça calor. Como parte dos entrevistados é itinerante, informamos sempre que possível um telefone ou e-mail para facilitar o contato. Agora, é só sair às ruas nas suas próximas compras.

### Grãos de arroz

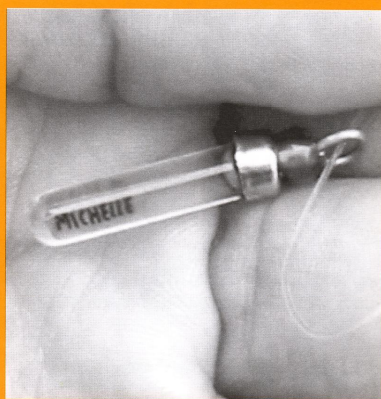
Quem acha que arroz serve apenas como alimento deveria conhecer o que a artista Aquimy Ramiro cria com os pequenos grãos. A moça faz o maior sucesso confeccionando colares que têm os nomes dos clientes gravados no arroz. Aquimy já passou por várias praças cariocas, mas foi retirada pela guarda municipal.

**Local:** Largo da Carioca, Centro do Rio de Janeiro, das 11h30 às 18h.

**Preço:** R\$ 4.

**Contato:** 0/xx/21 9633 1271

**Recomendado por** Paulo Sorrilha.



### Vista a camisa!

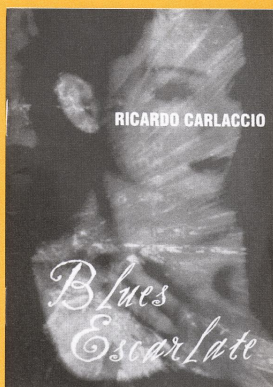
Pensaram que não iríamos fazer nossa propaganda aqui neste guia? Não vamos perder a oportunidade! Para você que compra a revista Ocas", vista a camisa do projeto. Literalmente! Confeccionadas em algodão de qualidade (ou seja, você poderá lavar e lavar que não vai desbotar), as camisetas, diferenciadas para leitores e leitoras, estão disponível em três tamanhos. A cor é preta – melhor assim, combina com tudo – e a estampa é uma ilustração do nosso colaborador, o Carvall. Lembre-se: você só encontra a revista e a camiseta com vendedores credenciados pela Ocas".

**Local:** exclusivamente com os vendedores da Ocas", nas ruas de São Paulo e Rio.

**Preço:** R\$ 15.

**Contato:** [ocas@ocas.org.br](mailto:ocas@ocas.org.br).

**Recomendado por** Eduardo de Oliveira Pinto e Sérgio Borges.



### Overdose de delírios urbanos

Na parte da cidade decadente que a maioria dos paulistanos despreza, entre as ruas escuras ao redor da Treze de Maio, coloridas pelas luzes de néon (sobretudo vermelhas), pelas calçadas da São João ou numa travessa da Major Diogo, o personagem criado por Ricardo Carluccio em seu segundo livro, "Blues Escarlate", vai sobrevivendo nesse e desse (sub)mundo, que talvez seja um tanto esbórnica e um tanto paraíso, onde a vida se esgota e se refaz nos bares suspeitos e entre figuras únicas e surreais – a velha cheia de maquiagem louca por uma trepada, a dona da pensão que despeja quem não tem grana para pagar em dia e Bianca, "puta-sagrada" pela qual o protagonista é apaixonado. São pessoas que parecem guiadas mais pelo lado irracional e

instintivo do ser humano e menos pelas regras que aprisionam e sufocam aqueles que só conhecem a Rua Augusta que corta os Jardins.

**Local:** Aos sábados, o escritor vende seu livro na Rua Augusta, 1470, em frente ao Espaço Unibanco de Cinema, das 16h às 22h.

**Preço:** R\$ 5.

**Contato:** [ricardocarluccio@hotmail.com](mailto:ricardocarluccio@hotmail.com) e <http://carluccio.zip.net>

**Recomendado por** Márcio Seidenberg



## Escabeça sem teto

12

texto: participantes da oficina e ilustração\*: Paulo Stocker

# “CARROCEIROS E MENDIGOS SAEM DE CENA”

Esta é uma das idéias do atual subprefeito da Sé, Andrea Mattarazzo, para que “o centro de São Paulo recupere o antigo brilho e volte a ser orgulho dos paulistanos”. No dia 16 de março de 2005, a revista Veja São Paulo apresentou, em reportagem de capa, dez propostas da Prefeitura, que contará com um empréstimo de US\$ 100 milhões do BID - Banco Interamericano de Desen-

volvimento para colocá-las em prática. A solução para o “problema” da população em situação de rua, segundo o subprefeito, estaria nas parcerias com instituições de assistência social e nos albergues. Já os catadores teriam acesso impedido em algumas ruas e seriam obrigados a guardar a carroça em estacionamentos. Os participantes da Oficina de Criação discutiram a intenção e a viabilidade dessas medidas, que originaram a ilustração e o texto abaixo:

Revitalizar o centro de São Paulo criando situação favorável para o comércio e para a geração de empregos pode mudar a cara da região, mas não diminui o problema das pessoas que permanecem no local em situação de rua. Boas intenções nem sempre corroboram os pensamentos em atitudes públicas. Cidadania se conquista com ações eficazes, ainda mais quando tratamos de exclusão e excluídos.

É muito comum que aqueles considerados “mendigos” busquem apenas viver suas próprias vidas, mas, como nem esse direito é respeitado, só lhes sobram deveres,

ou melhor, imposições a cumprir. Não se permite isso nem aquilo, não se tem liberdade de escolha, e se a ida para a rua for causada pelos sabores da vida, pode se transformar não na busca de meios de sobrevivência, mas numa eterna fuga. Fugir da rotulação, do preconceito, da insensibilidade, do autoritarismo, até mesmo dos maus tratos, para que se consiga emergir do fundo desse profundo e lodaçal poço. Sem políticas de inclusão, a população em situação de rua continuará sofrendo opressão por causa de planos que buscam privilegiar comerciantes, indústrias de educação e uma elite consumidora.

Tudo fica lusco-fusco quando o governo, que deveria garantir os direitos básicos aos cidadãos, não os cumpre. O direito de ir e vir fica resumido no ir. Ir para debaixo de outro viaduto, para bem longe, onde não atrapalhe o trânsito caótico, o interesse do comércio e as pessoas. Ir para um local onde não podem ser vistos, onde não há pessoas incomodadas com a população de rua. Faltam atitude e vontade política. Falta criatividade para desenvolver projetos eficazes. Os planos mirabolantes não passam de paliativos para o problema; apenas o transporta para outras regiões da cidade.

Todos os homens têm o direito de viver, sonhar, sorrir, amar. Não se quer o direito de “estar na rua”, busca-se apenas o direito de poder viver sem ter que obter a permissão para estar ou não num lugar. Busca-se o direito de ter direitos, pois não tê-los já está estabelecido. O que se exige é o cumprimento da Constituição. ■

\* A Oficina de criação Ocas\* tem por missão dar voz aos seus integrantes através da construção coletiva de idéias, textos e atividades, visando promover a cidadania, diminuir o preconceito, fortalecer a união do grupo e aprimorar o canal de comunicação com os leitores da revista e com a sociedade.

Participantes desta edição: Ana Maria Silva, Antônio César Andrade, Augusto Viana, Celso Possidônio, Cláudio Bongiovani, Daniel Gomes, Daniel Moreno Alves, Dario Bertolucci, Irany Francisco Reis, Jorge Messias, José Fernandes Júnior, Josuel Araújo, Márcio Rosa, Marcos José Dias, Maria Aparecida Ruth, Miguel Olímpio Nascimento, Ricardo Anibal Cunha, Róbson Andrade, Sérgio Borges e Tula Pilar Ferreira.

Voluntários: Carolina Coimbra, Guilherme Oliveira, Márcio Seidenberg, Olívia Marco, Paulo Stocker e Rodrigo Ciríaco. Contato: [oficinacocas@gmail.com](mailto:oficinacocas@gmail.com)

## **E** cabeça sem teto 10

texto: Cláudio Bongiovani, Marcos Dias, Fabiano Lima, José Fernandes Jr, Antônio César Andrade e Jesuel Araújo e ilustração: Ezequias de Souza

# Se essa rua fosse minha...

As eleições já se passaram e a "Ocas" não ficou de fora do palanque, nem do debate. Nós, vendedores, elaboramos propostas para a melhoria da vida de quem está nas ruas de São Paulo. Há 4.208 pessoas nessa condição e 6.186 em albergues, segundo pesquisa da FIPE de 2003. Pesquisamos sobre o assunto e conversamos com assistentes sociais. No dia 18, expusemos nossas idéias num debate aberto. Nossa chapa, o PAS – Partido da Articulação

### **Equipes móveis: o início do vínculo**

Psicólogos, assistentes sociais, voluntários, educadores e auxiliares de enfermagem oferecerão, diariamente, atendimento e tratamento à população em situação de rua. O objetivo é construir uma relação permanente com essas pessoas. Quem estiver interessado em sair do trecho irá para alojamentos.

### **Novos alojamentos. Não aos albergues atuais**

A pessoa acolhida pelas equipes móveis será encaminhada para grandes alojamentos, onde ficará por um curto período. Apenas o necessário para cadastro, expedição de documentos e entrevista de habilidades. Depois, seguirá para equipamentos menores, de 80 a 100 usuários. Nesses espaços, haverá cursos de alfabetização

para adultos. Será criado o "Domingo Livre", dia em os residentes poderão ficar nos alojamentos e participar de atividades culturais. Com a capacitação profissional e emprego, venda de "Ocas" e outras formas de renda, o indivíduo poderá ser transferido para hotéis populares ou procurar moradia própria.

### **Capacitação, emprego e "Ocas"**

Atualmente há atividades profissionalizantes para a população de rua, mas não o encaminhamento para o emprego. Faremos parcerias com sindicatos e empresários para a contratação de mão-de-obra. A Prefeitura também terá cotas exclusivas de postos de trabalho. Ampliaremos os cursos de jardinagem, padeiro, vendas e artesanato. Incentivaremos a formação de cooperativas e divulgaremos o projeto "Ocas".

### **Formação de Trabalhadores Sociais**

Profissionais que lidam com quem está em situação de rua, professores da rede pública, policiais e voluntários receberão treinamento adequado e diferenciado. Todos participarão de cursos, debates e palestras com especialistas e vivenciarão por um dia a rotina das pessoas que vivem nas ruas.

### **Saúde**

Instalação de enfermarias em todos os alojamentos. Todos os cidadãos deverão ser atendidos sem restrições, em qualquer hospital público, mesmo sem portar documentos.

### **A rua em debate pela sociedade**

Criação de seminário anual sobre população em situação de rua de São Paulo. Professores de escolas públicas levarão o tema para a sala de aula. É preciso que as crianças tenham consciência do problema e discutam o assunto com os pais.



\* A "Ocas" deu início, em outubro, ao projeto Oficina de Criação "Ocas". Com a supervisão de Márcio Seidenberg, Paula Poltroniéri, os vendedores se reúnem aos sábados, na sede da organização, para discutir os mais variados temas e participar de atividades ligadas ao desenvolvimento de textos e imagens. O resultado será publicado nesta revista. "As pessoas precisam formar vínculos além do financeiro. Todos nós temos muita criatividade e potencial. Este é o espaço para mostrarmos nossas idéias. Nossa expectativa é a de vender a revista com mais estímulo, vontade e otimismo e de poder ajudar o próximo, que está em situação de rua", dizem os vendedores. ■

## BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio (2002) Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG

AGAMBEN, Giorgio (2004) Estado de exceção – homo sacer II, I. São Paulo: Boitempo

BAITELLO JR., Norval (1997) O animal que parou os relógios – ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume

BAITELLO JR., Norval (2005) A era da iconofagia. São Paulo: Hacker

BAITELLO JR, Norval, Org.; CONTRERA, Malena Segura, Org.; MENEZES, José Eugênio de O., Org. Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.

BENJAMIN, Walter (1986). Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos. Seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H.M.Ribeiro de Sousa (et al.). São Paulo, Cultrix/Edusp

BORIN, Marisa do Espírito Santo (2004) Desigualdades e rupturas sociais na metrópole: moradores de rua em São Paulo. Dissertação apresentada à PUC/SP para obtenção do grau de Doutor em Serviço Social

CISC (2004) O espírito do nosso tempo – ensaios de semiótica da cultura e da mídia. São Paulo: Annablume.

CANEVACCI, Massimo (1997). A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Nobel

CYRULNIK, Boris (1994) Memória de macaco e palavras de homem. Lisboa: Instituto Piaget

CYRULNIK, Boris (1995) Os alimentos do afeto. São Paulo: Ática

CYRULNIK, Boris (1999) *Do sexto sentido – o homem e o encantamento do mundo*, Lisboa: Instituto Piaget

CYRULNIK, Boris (2005) *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo. Martins Fontes

CYRULNIK, Boris (2004) *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes

DAMATTA, Roberto (1988) *Casa e a rua: espaço, didadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco

FLOREAL, Sylvio (2002) *Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Boitempo

FREIRE, Paulo (1970). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra

FREIRE, Paulo (2002). *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra

GIORGETTI, Camila (2006) *Moradores de rua: uma questão social?* São Paulo: PUC-SP (Educ)

GIORGETTI, Camila (2004) *Entre o higienismo e a cidadania: análise comparativa das representações sociais sobre os moradores de rua em São Paulo e Paris*. Dissertação apresentada à PUC/SP para obtenção do grau de Doutor em Sociologia

HILLMAN, James (1993) *Cidade e alma*. São Paulo. Nobel

HILLMAN, James (1994) *Paranóia*. Petrópolis. Vozes

JEUDY, Henri-Pierre (1990) *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria

JEUDY, Henri-Pierre (2005) *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra

KAMPER, Dietmar (1997). *O trabalho como vida*. S. Paulo: Annablume

KRISIS, Grupo (2003). *Manifesto contra o trabalho*. S.Paulo: Conrad

- LEVI-STRAUSS, Claude (1981) A via das máscaras. Lisboa: Presença
- LOPES-PEDRAZA, Rafael (1999) Hermes e seus filhos. São Paulo: Paulus
- LORENZ, Konrad (1973) Os oito pecados da civilização. Lisboa: Litoral Edições
- MARGULIS, Lynn (2002) O que é sexo?. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- MARGULIS, Lynn (2002) O que é vida? Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- MONTAGU, Ashely (1988) Tocar. São Paulo: Summus
- MORIN, Edgar (1973) O paradigma perdido – a natureza humana. Lisboa. Europa-América
- MORIN, Edgar (1988) O homem e a morte. Portugal. Europa-America
- PROSS, H. BETH, Hanno (1973) Introducion a la ciencia de la comunicacion. Barcelona. Anthropos.
- PROSS, H. (1980) Estructura simbólica del poder. Barcelona: G.Gil
- PROSS, H. (1989) La violência simbolica de los simbolos sociales. Barcelona: Anthropos
- RESTRETO, L.C. (2000) O Direito a ternura. Petrópolis: Vozes
- RIO, João do (1997) A alma encantadora das ruas. São Paulo. Companhia das Letras
- ROMANO, Vicente (1998) El tiempo y el espacio em la comunicacion – La razon pervertida. Hondarribia: Argitaletxe HIRU
- ROMANO, Vicente (2004) Ecologia de la comunicacion, Hondarribia: Argitaletxe HIRU
- ROSA, Cleisa Moreno Maffei (2005) Vidas de rua, São Paulo; Hucitec: Associação Rede Rua
- SACKS, Oliver (1988) O Homem que confundiu sua mulher com um chapéu. Rio de Janeiro: Imago

SARTRE, Jean-Paul (1972) *A idade da razão*: São Paulo. Abril

SCHAPOCHNIK, Nelson (2004) *João do Rio: um dândi na Cafelândia*: São Paulo. Boitempo Editorial

SWITHINBANK, Tessa (2001) *Coming up from the streets: the story of the big issue*. London: Earthscan Publications

TIENE, Izalene (2004) *Mulher moradora de rua: entre vivências e políticas sociais*. Campinas: Alínea

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa Vieira, BEZERRA, Eneida Maria Ramos, ROSA, Cleisa Moreno Maffei (2004) *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Hicitec

WALTY, Ivete (2005) *Corpus rasurado: exclusão e resistência na narrativa urbana*. Belo Horizonte: Autêntica (PUC Minas)

YASBEK, Maria Carmelita (1994) *Os vínculos afetivos e familiares dos homens de rua*. Dissertação apresentada à PUC/SP para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social

#### Artigos

ADORNO, Sérgio. *A gestão filantrópica da pobreza*. São Paulo em Perspectiva (Revista da Fundação Seade). São Paulo: Fundação Seade, p. 9-17)

ALAMBERT, Francisco. *Trem descarrilado*. Caderno Mais (Folha de S.Paulo), São Paulo, maio 2006

AZEVEDO, Ricardo Marques de. *Uma idéia de metrópole no século XIX*. Versão revista do capítulo *A metrópole* de minha tese de doutorado *Metrópole e abstração*, produzida sob a orientação do Prof. Dr. Leon Kossovitch e defendida junto ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em maio de 1993

BAITELLO JR., Norval. A mídia antes da máquina. 16 de outubro de 1999. JB On Line, Caderno Idéias. Disponível em [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)

BAITELLO JR., Norval. As irmãs gêmeas: comunicação e incomunicação – os meios da incomunicação. Disponível em [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)

BAITELLO JR., Norval. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária. Disponível em [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br)

BOARINI, M. L.; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem. *Psicologia Revista*, São Paulo/SP, v. 13, n. 1, p. 59-72, 2004

KAMPER, Dietmar; MERSMANN, Birke; BAITELLO JR., Norval. Sobre o Futuro da Visibilidade. (Texto apresentado no Seminário Internacional “Imagem e Violência”, promovido pelo Cisc – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, no Sesc Vila Mariana, em São Paulo, durante os dias 29, 30, 31 de março e 1º de abril de 2000.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. Urbes industrializada: o modernismo e a paulicéia como ícone da brasilidade. *Rev. bras. Hist.* [online]. 2001, vol.21, no.42 [citado 19 Junio 2006], p.435-455. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000300009&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000300009&lng=es&nrm=iso)>. ISSN 0102-0188.

PROSS, H. A Economia dos Sinais e a Economia Política. (Texto de apresentação do Seminário “A Explosão da Informação”, ocorrido de 26 a 28 de agosto de 1997, no auditório Sesc Paulista)

PROSS, H. Violência Simbólica y Violência Física. Primer congreso internacional sobre infancia, juventud y comunicación audiovisual. Generalitat Valenciana, Valencia/1991

SNOW, David; ANDERSON, Leon. Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Vozes, 1998. 528 p.

## Filmes

PADILHA, José (2002), Ônibus 174; Rio de Janeiro

## Sites

[www.ocas.org.br](http://www.ocas.org.br) (Organização Civil de Ação Social)

[www.street-papers.org](http://www.street-papers.org) (International Network of Street Papers)